

ecofuturo

a vida que a gente quer



ecofuturo

a vida que a gente quer





Você encontrará nesta publicação alguns recursos interativos que poderão ser acessados através do aplicativo **Ecofuturo**, juntamente com os **óculos de realidade virtual** que acompanha o livro. Você pode baixar o aplicativo gratuitamente no **Google Play** ou **App Store**.



ecofuturo.org.br/appandroid



ecofuturo.org.br/appios



Sempre que encontrar um dos símbolos abaixo, **Realidade Virtual** ou **Realidade Aumentada**, no canto esquerdo superior da página, abra o aplicativo no seu celular e siga as instruções para visualizar as surpresas que preparamos para você!





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO Daniel Feffer **9**

ABERTURA Discurso de Max Feffer no evento de 75 anos da Cia Suzano e de lançamento do Instituto Ecofuturo **10**

A missão do Instituto Ecofuturo **14**



A razão do nosso sucesso **21**



Aliando o desenvolvimento econômico ao desenvolvimento humano **35**

O Instituto Ecofuturo não é causa, é consequência **55**



Coincidindo crescimento com preservação ambiental **73**

A construção do País que desejamos é uma questão de atitude **115**



Construir um hoje melhor e um amanhã melhor ainda **137**



MANIFESTO ECOFUTURO **148**





APRESENTAÇÃO

Sem correr o risco de exagerar pela óbvia parcialidade, posso dizer que a trajetória do Grupo Suzano é marcada por muita coragem, pioneirismo e, sobretudo, uma grande capacidade de trabalho. Tem sido assim desde que Leon Feffer, meu avô, escolheu o Brasil para viver e empreender.

Mais de 90 anos já se passaram, o suficiente para que a roda da história desse muitas voltas, transformando por completo conjunturas e estruturas, no Brasil e em todo o planeta. Neste livro, porém, falamos essencialmente do que não mudou. Falamos de valores e de crenças, de ideias e ideais que nos motivam a ir além, a inovar e a construir um futuro melhor, para nós mesmos e para as gerações que virão.

Esse foi o sentido da criação do Instituto Ecofuturo em 1999, um momento em que a sociedade apenas começava a compreender em sua plenitude o significado e a importância da busca pela sustentabilidade e do cuidado com as relações. Foi um gesto ousado na época, pelo ineditismo e consequente ausência de referenciais e indicadores em que pudéssemos nos apoiar para estruturar um trabalho que logo percebemos ir muito além de um programa social e “ecológico” da Suzano, para usar o termo corrente naqueles tempos.

Precisamos colocar mãos à obra e reunir um grupo de especialistas de todas as naturezas e vocações, para criar políticas, projetos e metodologias. Percebemos que era fundamental também reunir parceiros de trabalho e patrocinadores que compartilhassem conosco a crença na força transformadora de programas como as Bibliotecas Comunitárias e o Parque das Neblinas. E que era fundamental, para muito além do discurso, estabelecer e vivenciar o equilíbrio entre as dimensões econômicas, sociais e ambientais de nossos principais negócios.

Tudo isso resultou num enorme aprendizado. Acertamos em muitas coisas, erramos em outras tantas, fizemos ajustes de rota aqui e ali mas, no balanço final (ou parcial, para ser mais preciso), percebemos que nossas experiências têm grande valor para aprofundar o debate e embasar outras iniciativas de sustentabilidade. Hoje nos orgulhamos de ter implantado mais de 100 Bibliotecas Comunitárias Ecofuturo em 12 estados brasileiros, com média de 650 mil atendimentos por ano pela rede. O Parque das Neblinas já recebeu cerca de 40 mil visitantes e o Reservas Ecofuturo já trabalhou mais de um milhão de hectares.

Compartilhar esse aprendizado é exatamente o sentido deste livro. Muito mais do que celebrar a trajetória do Instituto Ecofuturo, queremos inspirar, emocionar e envolver novos parceiros ao nosso propósito: contribuir para transformar a sociedade por meio da conservação ambiental e promoção de leitura. Afinal, a vida que a gente quer depende do que a gente faz... e de como faz!

Conheça a nossa história. Boa leitura!

DANIEL FEFFER

Presidente do Instituto Ecofuturo

DISCURSO DE MAX FEFFER NO EVENTO DE 75 ANOS DA CIA SUZANO E DE LANÇAMENTO DO INSTITUTO ECOFUTURO

São Paulo, 13.12.1999

Boa noite e bem-vindos!

Apesar da insistência de muitos, este século, o XX, ainda nos hospedarà por mais um tempo. Tempo, um dos bens mais preciosos destas eras marcadas pela urgência dos marcos históricos, é algo que ainda podemos desfrutar na companhia dos nossos amigos, nossos parceiros e nossos familiares, para descobrir e divulgar fatos que acrescentam e valorizam a história deste século.

Há pessoas e eventos que nasceram para promover pequenas reformas. Outros, para transformar. A história deste País é notadamente a história de idealistas e empreendedores, de quem com muito orgulho somos sucessores. A Cia Suzano e as nossas empresas associadas fazem parte dessa história: ajudamos a escrever os capítulos deste século que quase se despede.

São, hoje, 75 anos, iniciados lá atrás, no tempo, quando um imigrante recém chegado iniciou um negócio modesto de comércio de papel, num Brasil que ainda engatinhava na industrialização, que exportava produtos primários para poder comprar lá fora quase todo tipo de manufatura.

Os 75 Anos da Suzano somam histórias de muita aventura, muito fôlego e muita determinação. E a **razão do nosso sucesso** foi e é a

determinação de pessoas que nunca aceitaram o limite do possível e do visível, sempre trabalhando para construir o novo e o melhor.

Um padrão de comportamento presente no espírito e no trabalho de cada um dos nossos colaboradores, sempre, ao longo do tempo, imprimindo em nossa história uma trajetória de pioneirismo e inovação.

Um olhar sempre diferenciado sobre os fatos fez com que descobrissemos e reinventássemos o caminho da competência e do sucesso, transformando necessidades do mercado em vantagens competitivas.

Foi assim quando transformamos o que todos chamavam de combustível para locomotiva em matéria-prima revolucionária – a celulose de eucalipto, posicionando o Brasil entre os maiores produtores mundiais.

Onde as pessoas viam papel, vimos meios de comunicação, e a partir dessa concepção pudemos oferecer produtos sob medida às necessidades do mercado.

Em 1974, mais uma vez embasados na orientação para resultados e oportunidades, ingresamos e investimos na então recente indústria petroquímica em nosso País, participando dos projetos de polietileno e polipropileno no Pólo de Camaçari.

Hoje, a Suzano está estrategicamente posicionada como empresa líder nos mercados onde atua, marcando presença e conquistando espaço com produtos de maior valor agregado nas áreas de papel, papel cartão e petroquímica.

Tudo o que construímos nestes últimos 75 anos foi feito **aliando o desenvolvimento econômico ao desenvolvimento humano**, constantemente promovendo melhorias à qualidade de vida das comunidades das regiões que nos hospedam.

Albert Camus dizia que "felicidade é coincidir a vida com as ideias". É o que estamos fazendo hoje, aqui, ao anunciar nos 75 anos da Suzano, o lançamento do Instituto Ecofuturo para o desenvolvimento sustentável; **coincidindo** sucesso com responsabilidade empresarial, **crescimento com preservação ambiental**, desenvolvimento com justiça social.

O Instituto Ecofuturo não é causa, é consequência; é uma resposta natural às ações que sempre estiveram intrínsecas às atividades da Suzano. Estamos, apenas, conferindo-lhes mais disciplina e eficácia.

A missão do Instituto Ecofuturo é promover o desenvolvimento sustentável no Brasil, entendido segundo a definição da Comissão Brundtland, 1987: "desenvolvimento sustentável é satisfazer as necessidades das atuais gerações sem comprometer a habilidade de futuras gerações em atender às suas próprias necessidades".

Então, com o Instituto Ecofuturo, a Suzano confirma sua certeza de que o caminho

possível para a construção do País que desejamos é uma questão de **atitude**, de obras, de gestos individuais e de projetos de responsabilidade empresarial.

O Instituto Ecofuturo será o atestado público do nosso compromisso em empreender esforços para **construir um hoje melhor e um amanhã melhor ainda**.

Agradeço a todos os nossos parceiros, colaboradores, clientes e fornecedores, a quem hoje também homenageamos, pela amizade e compromisso dedicados na construção da nossa história dos últimos 75 Anos e pelo futuro que estamos construindo hoje.

Muito obrigado!



A young girl with dark hair is climbing a large tree trunk. She is smiling and looking towards the camera. The background is filled with green leaves and a clear blue sky. A large, stylized, light green graphic element, resembling a swirl or a stylized letter 'B', is overlaid on the right side of the image. The quote is written in white text on a dark blue background that is part of the graphic overlay.

“É inegável que o século XX foi marcante para a humanidade dada a velocidade das transformações.”

MANIFESTO ECOFUTURO



"...Estamos, apenas, conferindo-lhes maior disciplina e eficácia.

A MISSÃO DO INSTITUTO ECOFUTURO

é promover o desenvolvimento sustentável no Brasil..."



Coube a Max Feffer, então presidente da Suzano, proferir o discurso no evento corporativo de final do ano em 1999. Era o primeiro sem Leon, seu pai, falecido em fevereiro, aos 97 anos, sendo os últimos 75 dedicados à empresa que deu origem ao grupo. A data especial ganhou mais significado com a novidade que naquele momento era compartilhada com todos os colaboradores: a criação do Instituto Ecofuturo.

A realização carregava muitos dos atributos que faziam parte do universo da organização desde suas origens: pioneirismo, inovação, apoio a ações socioculturais e sustentabilidade – embora esse conceito apenas começasse a integrar a pauta das organizações comprometidas com práticas modernas de gestão.

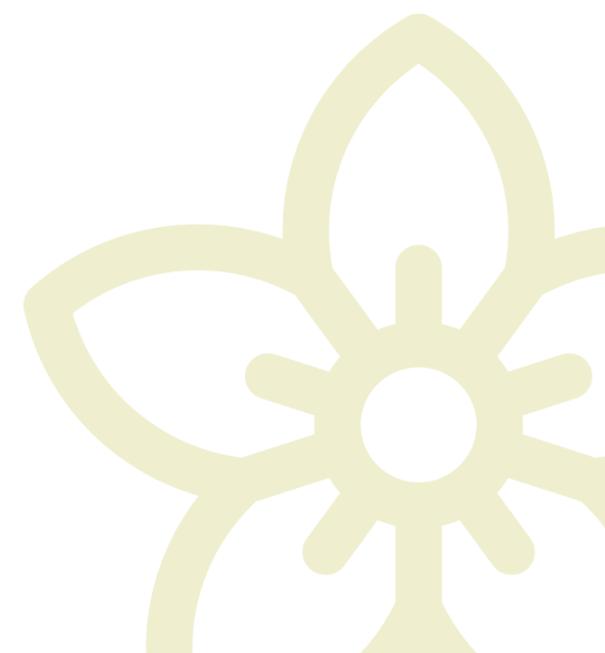
De certa forma, a iniciativa resultava de um longo processo histórico, cujas origens remetem ao final dos anos 1970, quando a ditadura militar entrava numa lenta agonia, atingida por grave crise econômica e institucional. Surgiram, assim, algumas brechas para a estruturação dos primeiros grupos não governamentais que lutavam em prol de causas sociais, como a defesa dos direitos humanos. Setores da Igreja Católica, por exemplo, organizavam reuniões nas Comunidades Eclesiais de Base que, apesar do fundamento religioso, conseguiam debater questões políticas e relativas à reconquista da cidadania. No limite, esses grupos estimulariam a criação de associações civis, consolidando a base do estado democrático sobre o qual se desenvolveu o chamado Terceiro Setor.

A influência externa também foi importante. Após a Lei da Anistia de 1979, os exilados políticos voltavam carregando na bagagem novos conceitos de responsabilidade social corporativa, pelo qual as empresas também deveriam assumir seu papel de agente social e não apenas econômico. Ou seja, era necessário ir muito além da filantropia ou do assistencialismo, sobretudo num País com graves e urgentes pressões sociais.

Em 1982, um desses ex-exilados, o sociólogo Herbert de Souza, ou simplesmente Betinho, "o irmão do Henfil", criou o [Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas \(Ibase\)](#), organização sem fins lucrativos, sem vinculações religiosas ou partidárias, que assessorava movimentos populares, desenvolvia análises e promovia debates para acompanhar e dirigir políticas governamentais. Um trabalho importante, mas que permaneceria praticamente desconhecido até 1992 quando Betinho levantou uma bandeira que ganhou dimensão nacional.



/// Primeiro logotipo do Ecofuturo. ///



“De onde vem essa preocupação com o longo prazo? É claro que isso vem de valores! De valores judaicos, de valores de imigrantes. A cultura do imigrante é uma cultura que não tem passado, porque primeiro vem ao Brasil por falta de outras alternativas e vem ao encontro dos outros, vai ter que aprender a superar adversidades.

Esse imigrante tem que estar conectado com seu tempo, não tem alternativa de voltar atrás ou ficar parado. Ele precisa sempre avançar, ousar, enfrentar as adversidades, ir ao encontro dos outros e pouco a pouco ir construindo seu próprio caminho.”

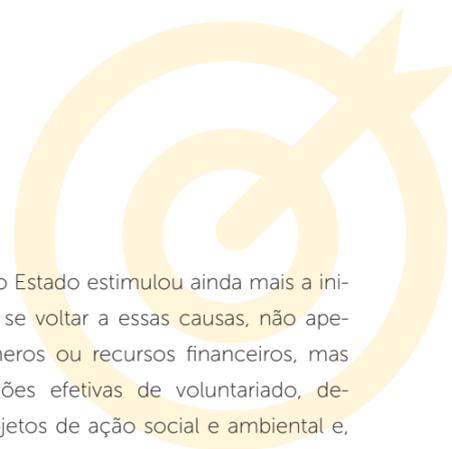
JACQUES MARCOVITCH
Conselheiro do Instituto Ecofuturo por 15 anos

Diante do escândalo que levou ao pedido de impeachment e consequente renúncia do presidente Collor, Betinho lançou o Movimento pela Ética na Política, buscando engajar vários setores da sociedade brasileira, incluindo o empresariado. No ano seguinte, capitaneou a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, que iniciou como um movimento modesto entre seus colegas do Ibase e acabou unindo todo o País em torno do combate à fome, à exclusão social e à pobreza.

Esses movimentos conseguiram fazer com que a fome passasse a ser considerada um problema de segurança nacional, ao menos naquele momento. Em 1993 o presidente Itamar Franco lançou o Plano de Combate à Fome e à Miséria (PCFM), que visava articular as três instâncias de governo e a sociedade civil - representada pelos movimentos sociais e ONGs - num projeto emergencial para fazer frente à grave questão social. Dois anos depois, no início do governo de Fernando Henrique Cardoso, a primeira dama, a socióloga Ruth Cardoso, criou o Programa Comunidade Solidária, vinculado diretamente à Casa Civil da Presidência da República, com o objetivo de centralizar o enfrentamento da fome e da miséria. Para tanto, extinguiu ou absorveu alguns órgãos que tinham um caráter predominantemente assistencialista, como a Legião Brasileira de Assistência (LBA) e o Centro Brasileiro para a Infância e a Adolescência (CBIA).



Couchê Suzano®: é um papel com revestimento que dá destaque aos trabalhos impressos e evidencia com alta apresentação as cores.



A mobilização do Estado estimulou ainda mais a iniciativa privada a se voltar a essas causas, não apenas doando gêneros ou recursos financeiros, mas promovendo ações efetivas de voluntariado, desenvolvendo projetos de ação social e ambiental e, principalmente, colocando em pauta os novos paradigmas de gestão e de desenvolvimento que vinham sendo debatidos internacionalmente, sobretudo em instituições como a ONU. Em 1983 a ONU organizou a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento e encomendou um estudo à então primeira-ministra da Noruega, Gro Brundtland. O resultado foi publicado em 1987 e ficou conhecido como Relatório Brundtland - o documento mencionado por Max Feffer no discurso de lançamento do Ecofuturo. Intitulado Nosso Futuro Comum, o relatório indicava a urgência em mudar padrões de produção e de consumo para conservar recursos ambientais necessários para a sobrevivência no planeta. Também definia, pela primeira vez, um conceito para sustentabilidade que seria mundialmente aceito, relacionando dimensões sociais, econômicas e ambientais. Esse conceito, enfim, deu origem ao Triple Bottom Line, ou tripé da responsabilidade social, que busca assegurar o equilíbrio entre as dimensões econômicas, ambientais e sociais que integram a atividade produtiva. De acordo com esses princípios, uma organização orientada pelos conceitos de sustentabilidade precisa ser economicamente lucrativa, ambientalmente correta e socialmente responsável.

O novo posicionamento foi reforçado em 1992, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, realizada no Rio de Janeiro. Além de ajudar a consolidar organizações

sociais não governamentais entre vários atores da sociedade civil, a Eco-92 estimulou a criação ou a expansão de instituições voltadas à troca de experiências e à discussão sobre os novos paradigmas no ambiente empresarial. Entre elas, o Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), de 1987, o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), de 1989, a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS), de 1992, o Grupo de Institutos e Fundações de Empresas (GIFE), de 1995, e o Instituto Ethos, de 1998. Essas instituições colaboraram para sedimentar dentro das empresas o debate em torno do desenvolvimento em

bases sustentáveis. Empresas como a própria Suzano, que já vinham perseguindo o caminho da sustentabilidade, mesmo lhe atribuindo outros nomes e que, não por acaso, estava entre os fundadores de algumas dessas organizações não governamentais.

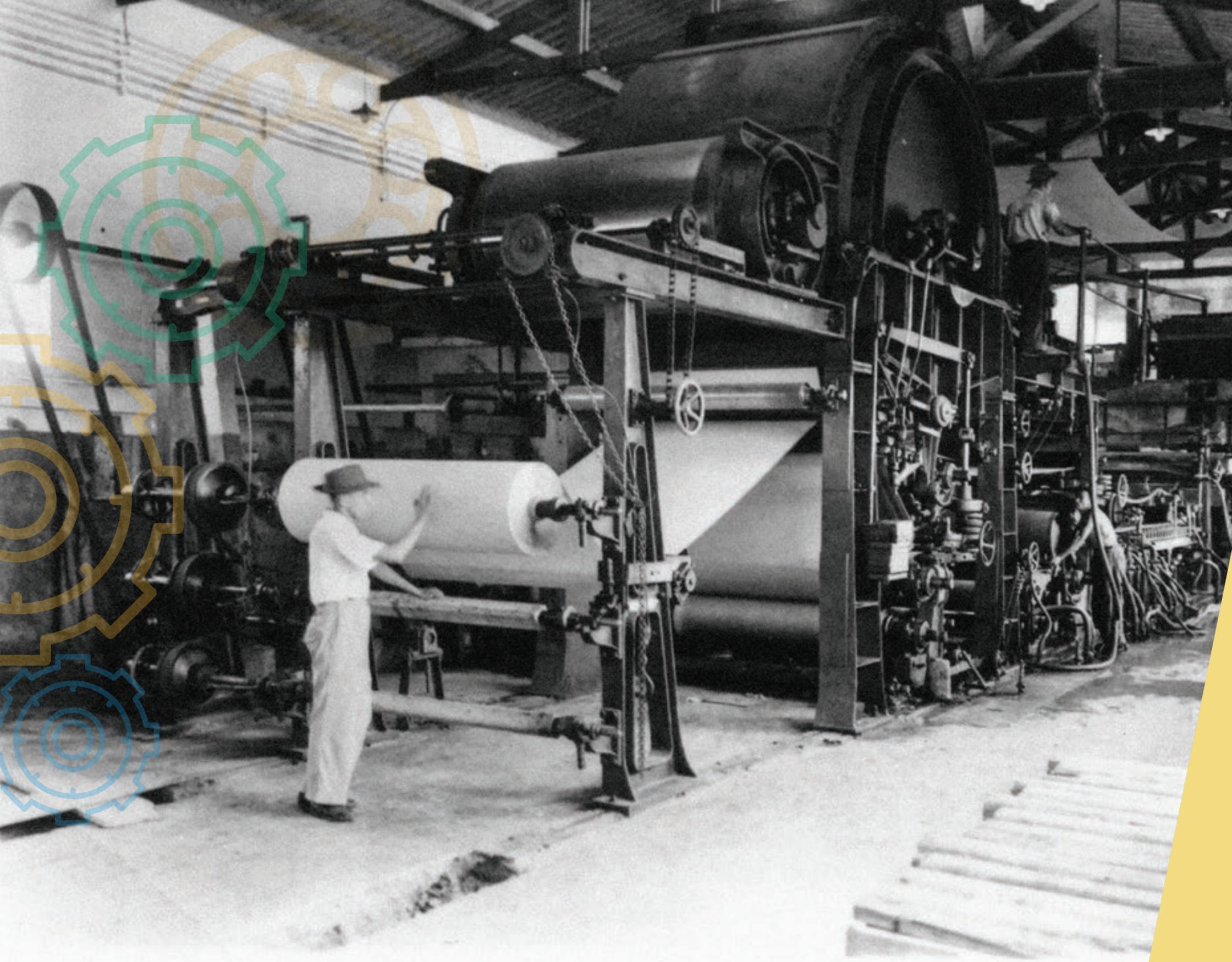
Como parte integrante de sua identidade organizacional, a Suzano preservava valores inspirados na cultura judaica, como o forte respeito à cidadania e à justiça - Tsedaká em hebraico. Valores impressos por seu fundador, Leon Feffer, ao longo de uma trajetória empresarial que, naquele dezembro de 1999, completava exatos 75 anos.

Em 1972 aconteceu pela primeira vez uma grande reunião de chefes de estado de vários países do mundo para tratar de questões relacionadas ao meio ambiente. Organizada pela ONU, na capital da Suécia, a chamada **Conferência de Estocolmo** foi reconhecida como um marco nas tentativas de buscar o equilíbrio entre desenvolvimento econômico e redução da degradação ambiental.

Mais adiante, esse debate passou a considerar uma quantidade muito maior e mais complexa de temas: a explosão do **crescimento populacional** no planeta, os sistemas produtivos que utilizam **tecnologias poluentes** e de baixa eficiência energética, a expansão ilimitada do **consumo material**, as mudanças climáticas em nível global, a redução da camada de ozônio e a **perda da biodiversidade**, entre outros.







"A RAZÃO DO NOSSO SUCESSO

*foi e é a determinação de pessoas que nunca aceitaram
o limite do possível e do visível, sempre
trabalhando para construir o novo e o melhor."*



A história do Grupo Suzano começou como tantas outras sagas empresariais brasileiras: um imigrante chega ao Brasil no início do século XX praticamente sem recursos e, com muito trabalho e sagacidade para aproveitar oportunidades, consegue firmar-se, constitui família e se estabelece economicamente.

Quando o enredo avança, porém, a história se transforma em um impressionante exemplo de empreendedorismo. É que esse imigrante, com seus quase 40 anos de idade e bem estabelecido, vendeu tudo o que tinha - até a casa onde morava com a esposa e dois filhos ainda pequenos - para apostar num projeto industrial, com poucas (talvez nenhuma) garantias de que o negócio fosse bem-sucedido. Só contava mesmo com intuição e capacidade de trabalho.

Leon Feffer foi esse homem. Ele nasceu em 1902, em Kolki, um pequeno vilarejo ucraniano então sob domínio do Império Russo. Seu pai, Simpson, cortava madeira para vender e assim sustentar a família: a esposa Bertha e os pequenos Leon, Maria, Regina e David. Uma vida simples, de muitas privações, o que levou Leon a trabalhar desde muito jovem e Simpson a buscar uma vida melhor emigrando para a América, como tantos judeus do Leste Europeu. Os Estados Unidos era o sonho da maioria, mas um sonho caro, enquanto a Argentina ou Brasil eram destinos viáveis, embora desconhecidos e incertos. Assim, em 1910 Simpson resolveu viajar sozinho para o Brasil, pensando em primeiro reunir recursos para que, em alguns anos, pudesse patrocinar a viagem de toda a família com certo conforto.

O que ninguém esperava era que surgisse uma guerra mundial e uma revolução comunista nesse meio tempo. Foram anos sem conseguir colocar o plano em prática e, para piorar a situação, chegou um momento em que nem mesmo conseguia se comunicar com Bertha. Apenas em 1920 Simpson resolveu escrever às sinagogas de cidades da região em que a família vivia explicando a história. Nos templos, esse tipo de apelo era afixado às paredes, na esperança de que alguém reconhecesse os nomes e comunicasse o destinatário. Felizmente, foi o que aconteceu: depois de algum tempo e muitos preparativos eles conseguiram embarcar em Lisboa rumo ao Brasil, um trajeto que demorava mais de 30 dias de puro desconforto.



/// Nesta página, Leon Feffer. ///

/// Na página dupla anterior, segunda máquina de papel adquirida pela Leon Feffer & Cia., em meados dos anos 1940. ///



/// O casal Leon e Antonietta Feffer e o jovem Max Feffer, anos 1940. ///

Depois de chegar ao Brasil, Leon aprendeu a falar português rapidamente porque tinha grande habilidade com idiomas. Já era fluente em iídiche, hebraico, russo e alemão e ainda tinha algum conhecimento de inglês e francês.

Em 1925 Leon se casou com a jovem Antonietta Teperman e, no ano seguinte, nasceu o primogênito, Max Feffer.

Do País sabiam pouco, apenas que tinha clima tropical, um alívio para quem vivia os gélidos invernos rusos. O que assustava era a língua incompreensível e a cultura muito diferente do que estavam habituados. Tanto que o jovem Leon (isso confessaria bem mais tarde) imaginava que sua permanência no Brasil seria breve, só o suficiente para reunir recursos e seguir para a América do Norte.

Desembarcaram no Rio de Janeiro em 1921 e Simpson os aguardava com a ansiedade que se pode supor depois de tantos anos. Dois dias depois, seguiram para São Paulo (SP), seu destino final, onde Simpson havia ficado sócio de um pequeno estabelecimento que comercializava diversos tipos de produtos e que também era uma espécie de papelaria. Um comércio simples, mas o suficiente para dar à família um pouco da tranquilidade que não desfrutavam havia muito tempo.

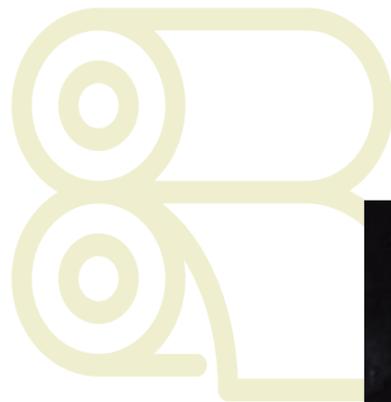
OLHAR DE EMPREENDEDOR

Muito rápido Leon deixou de considerar o Brasil apenas uma escala transitória. Não só pelo fato de a adaptação ter sido mais fácil do que supunha como, principalmente, porque ele logo percebeu que o País era cheio de oportunidades. Com a economia girando em torno da exportação de produtos agrícolas, em especial o café, a indústria ainda era incipiente e a maior parte dos produtos consumidos internamente, dos bens de consumo aos de capital, vinha de fora - o que fazia com que o comércio de produtos importados fosse um tanto promissor.

Após algumas experiências, Leon decidiu criar a própria firma comercial para venda de papéis: a Leon Feffer, que foi registrada em 15 de junho de 1923 e aprovada em janeiro do ano seguinte. Ele tinha apenas 21 anos e dedicou-se ao negócio com uma boa dose de criatividade, já que possuía quase nenhum capital. Seus primeiros estoques, por exemplo, foram adquiridos em leilões realizados no Porto de Santos (SP) - eram mercadorias abandonadas por comerciantes que não conseguiam pagar os impostos de

importação. O jovem empresário também conquistou o apoio - e crédito - da comunidade judaica estabelecida em São Paulo, em especial de famílias que atuavam no ramo papelero, como os Klabin. Assim alcançou animadora prosperidade que permitiu, inclusive, que constituísse sua própria família: em 1925 casou-se com a jovem Antonietta Teperman e, no ano seguinte, veio o filho primogênito, Max. Cinco anos depois, a família ficou completa com o nascimento de Fanny.

A capacidade empreendedora de Leon foi posta à prova durante a crise de 1929. As dificuldades da economia do País afetaram empresas de todos os setores, entre elas uma conhecida fábrica de papel de São Paulo, que ainda por cima havia sido atingida por um incêndio. Os donos decidiram deixar o negócio e colocaram à venda o estoque de papel avariado a um preço muito baixo, praticamente de custo. Eram grandes bobinas chamuscadas externamente, mas Leon sabia que era muito provável que estivessem intactas na parte interna. Levantou um empréstimo, arrematou o estoque e, de fato, aproveitou cerca de 80% do papel. Com o bom lucro obtido, adquiriu um equipamento alemão que transformou seu negócio numa das maiores e prósperas fábricas de envelopes do País.



/// Max Feffer, 1977. ///

Em 1946 Max Feffer interrompeu seu curso de Engenharia Civil no Instituto Mackenzie para estudar música na Juilliard School of Music, nos Estados Unidos.

Após algum tempo, retornou ao País com a missão de liderar as pesquisas para fabricação de celulose no Brasil.

/// Abaixo, primeira fábrica da Suzano, então Indústria Leon Feffer & Cia. Ltda. 1941. ///



"Meu pai costumava dizer que desenvolveu a celulose de eucalipto por ignorância. Ele brincava, mas acho que tinha um 'fundinho' de verdade. (...) Max sempre foi uma pessoa muito criativa, gostava de quebrar paradigmas, gostava de pensar coisas que não eram padrão, que não eram normalmente pensadas. E, se envolvendo com esse grupo de pessoas que estava trabalhando em busca de uma solução para a matéria-prima, ele – justamente por não saber que o eucalipto não se prestava à fabricação da celulose para papel de imprimir e escrever – resolveu incluí-lo nas fibras que estavam sendo testadas."

DAVID FEFFER

Vice-Presidente do Conselho do Ecofuturo e Presidente do Grupo Suzano

EM NOME DA AUTOSUFICIÊNCIA

Cerca de dez anos depois da chegada ao Brasil, Leon Feffer era um pequeno empresário estável. Não que tivesse feito fortuna, mas conseguia dar um bom padrão de vida à esposa e filhos, ajudar pais e irmãos e ainda se arriscar em outros negócios que considerasse promissores.

Leon, porém, não ficou muito tempo na zona de conforto. Até porque ele acompanhava com preocupação o cenário que se desenvolvia na Europa na segunda metade dos anos 1930 e entendia que uma nova guerra de grandes proporções era iminente, colocando em xeque seus negócios, ainda muito dependentes de importações. A solução era fabricar o próprio papel para ficar menos sujeito aos humores do mercado internacional. Mas como levantar os recursos necessários naquele momento de tantas incertezas?

Então ele protagonizou um feito quase heroico: desfez-se de todo o patrimônio conquistado para adquirir a primeira máquina de papel. Em 1939 comprou o terreno de 11 mil metros quadrados no bairro do Ipiranga, em São Paulo, onde instalou a fábrica. Dois

anos depois, produzia ali pela primeira vez no Brasil um papel offset de alta qualidade para impressões, o Super White.

Com a guerra - que de fato eclodiu ainda naquele ano e na qual o Brasil se envolveria diretamente em 1942 - o produto se tornou artigo supervalorizado e muito rápido Leon constatou que o sacrifício valera a pena. Ainda durante o período da guerra, comprou a segunda máquina de papel e, em 1946, logo após o final do conflito, a terceira. Demarcando a passagem para a nova condição, naquele ano a razão social da empresa passou a ser Indústria de Papel Leon Feffer (IPLF).

Mas, se a fabricação própria de papel havia sido um salto gigantesco, não demorou para Leon constatar que permanecia dependente de importações - agora, da matéria-prima, a polpa de celulose. A fábrica havia sofrido a escassez do insumo no período de guerra e teve problemas técnicos por conta da variedade de fornecedores. O Brasil, por sua vez,

praticamente não produzia celulose, porque só era possível obtê-la em escala industrial usando pinheiro - ou Pinus -, espécie que ocorre predominantemente em regiões de clima frio e que tem crescimento muito lento, podendo demorar até 25 anos para chegar ao ponto de corte.

Leon chegou a prospectar a viabilidade de ter sua própria fábrica de celulose, o que só seria possível no sul do Brasil, junto às florestas naturais de araucária, o "pinho brasileiro". Essas florestas, porém, estavam rapidamente sendo devastadas e necessitariam de um tempo ainda maior para se regenerarem. Era preciso trabalhar com outra espécie, que se adaptasse às condições de clima e solo do restante do País e que, principalmente, fosse de fácil manejo, de forma a permitir uma produção contínua e uniforme. Mas qual?

Em busca dessa resposta, Leon convocou seu filho Max para liderar uma série de pesquisas sobre várias espécies que potencialmente adequadas à fabricação de polpa de celulose com qualidade industrial. Com o apoio do engenheiro Gunnar Krogh, Max analisou, no próprio laboratório da IPLF, diferentes tipos de matérias-primas já utilizadas para a produção de papéis artesanais: bagaço de cana, sisal, bambu, rami, algodão, juta, agave... Até que chegaram ao eucalipto.

No pós-guerra, quando as velhas Maria-Fumaça começaram a ser substituídas por locomotivas com tração a diesel ou elétricas, vários plantios de eucalipto nas proximidades de São Paulo foram abandonados, tornando o eucalipto um possível sucedâneo do pinheiro na produção de celulose. Faltava "apenas" descobrir a viabilidade tecnológica. Mas isso logo mudaria.



Gênero florestal com mais de **600 espécies**, quase todas naturais da Austrália, o **eucalipto** foi introduzido no Brasil na metade do século XIX, adaptando-se perfeitamente. No início do século seguinte, graças ao trabalho do engenheiro agrônomo Edmundo Navarro de Andrade, seu **cultivo comercial** se expandiu para prover de lenha os trens da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, especialmente por ter um **ciclo de corte muito rápido** - de seis a sete anos na época.

A photograph of a forest path with a dark blue overlay on the right side. The path is covered in fallen leaves and leads through a dense forest of tall, thin trees. The lighting is soft, suggesting a dappled sunlight effect. The text is overlaid on the right side of the image, which is partially obscured by a dark blue gradient.

“De que adiantam
tantas conquistas
se não soubermos
fazê-las convergir em
benefício de todos?”

MANIFESTO ECOFUTURO



Alguns anos depois de Max Feffer desenvolver o processo de **produção de celulose a partir do eucalipto**, a tecnologia seria utilizada por todo o setor no Brasil, fazendo com que o País deixasse sua condição de dependência de importações para se transformar em um dos **maiores exportadores** mundiais de celulose.

CELULOSE BRASILEIRA

Certa vez, durante uma entrevista, Max Feffer contou que, quando começou a pensar na possibilidade de produzir celulose a partir do eucalipto, provavelmente os maiores técnicos do mundo teriam dito que isso era impossível, por conta das características da fibra. No entanto, parodiando a célebre frase atribuída ao escritor norte-americano Mark Twain, Max completou: "como não sabíamos disso, fomos em frente e pesquisamos. E começamos a obter resultados muito promissores".

Depois dos testes realizados no Brasil, em 1954 Max decidiu continuar a pesquisa na Universidade da Flórida. Em paralelo, Leon e Max decidiram comprar a Indústria de Papel Euclides Damiani, empresa fundada em 1946 e localizada em Suzano, município paulista a 50 quilômetros da capital e que seria destinada principalmente a testar fabricação da celulose de eucalipto em escala industrial.

A partir daí, a celulose nacional passou a ser misturada à matéria-prima importada em proporções crescentes no processo de produção de papel, até que, em 1961, chegou-se ao papel 100% feito de fibra de eucalipto.

Antes que essa tecnologia se disseminasse, no entanto, foi preciso provar ao mercado sua viabilidade. A primeira providência foi mudar o nome da Euclides Damiani para Companhia Suzano de Papel e Celulose, ainda em 1956. Mas, como ainda não havia mercado para o excedente de produção, em 1960 Leon e Max compraram outra fábrica de papel – a Indústria de Papel Rio Verde, também no município de Suzano – para absorver a própria celulose.

MUDANÇA DE PATAMAR

Aos poucos as resistências iniciais foram sendo vencidas e em alguns anos a celulose de eucalipto acabou assimilada tanto pelo mercado brasileiro como pelo internacional (em 1964 a Suzano realizou a primeira exportação) o que colocou a empresa dos Feffer em posição de liderança e impulsionou sua expansão entre os anos 1960 e 1970.

Nesse período, que correspondeu à fase de grande crescimento do País durante o chamado "milagre econômico", a Suzano se transformou em um conglomerado empresarial, diversificando sua atuação para outros setores, como a petroquímica. Conforme a estrutura corporativa tornou-se mais complexa, Max caminhou naturalmente para substituir Leon, embora com a certeza da necessidade de estabelecer uma gestão profissional. Para ajudar nesse processo, em 1975 Leon e Max convidaram o velho amigo Boris Tabacof.

O apoio do empresário seria providencial porque, já no ano seguinte, Max foi convidado pelo governador Paulo Egydio Martins (gestão 1975-1979) para assumir a Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. Max considerou que aquela era uma importante contribuição para dar ao estado e sua gestão, que se estendeu de 1976 até o fim do mandato de Paulo Egydio, foi marcada por importantes realizações. Ele estimulou as artes, em especial a música, com iniciativas como a organização do

"A questão de sustentabilidade na Suzano advém do espírito altamente inovador, seja dos ativos florestais, seja dos ativos de operação e produção. A celulose de eucalipto foi inventada nesta casa e ela foi desenvolvida muito em função de um simples atributo: coragem. Coragem de inovar, coragem de experimentar, coragem de investir numa tecnologia que era absolutamente nova, coragem de errar. No fim, o que tem de acontecer é que a soma dos acertos seja maior do que a soma dos erros, e isso acabou acontecendo. Essa empresa é conhecida como líder nesse setor, em função dessa combinação de empreendedorismo, de inovação e de execução. São os três vértices do sucesso."

CLÁUDIO SONDER

Conselheiro do Instituto Ecofuturo

Festival Internacional do Jazz, em 1977, realizado no Anhembi, e o início da construção de um auditório em Campos do Jordão que ajudou a fixar e ampliar o Festival de Inverno, hoje um dos mais reconhecidos eventos musicais do Brasil. Também buscou incentivar projetos pontuais, firmando parcerias com prefeituras em todo o estado para a implantação de casas de cultura, teatros, bibliotecas e museus – projetos de alcance local, mas que Max acreditava ter grande poder transformador de realidades.

A experiência como gestor público apurou a percepção de Max sobre questões sociais e ampliou sua capacidade empreendedora. A partir da década de 1980, essas qualidades fariam toda a diferença na grande expansão do Grupo Suzano, sem perder de vista os valores e práticas herdados de Leon.



/// Boris Tabacof e Leon Feffer, anos 1970. ///

Com sólida experiência empresarial, Boris Tabacof era diretor-superintendente do Banco Safra e havia sido Secretário da Fazenda da Bahia, além de ser um líder de destaque na comunidade judaica brasileira.

A partir de 1975 colaborou no processo de profissionalização do Grupo Suzano.



/// Betty e Max Feffer. ///

Em 1955 Max Feffer casou-se com Betty Vaidergorn. No ano seguinte, o casal já tinha seu primogênito David.

Em 1959 nasceu Daniel e, pouco menos de um ano depois, Jorge.

O caçula, Ruben, nasceu em 1970, com 14 anos de diferença do irmão mais velho.



NEM SÓ DE PÃO

Homem de hábitos simples, Leon Feffer costumava dizer que o crescimento econômico deveria caminhar sempre em sintonia com o desenvolvimento humano. Para expressar essa crença, ele gostava de usar a máxima: "Não se vive só de pão e não se vive só daquilo que se faz para si. Deve-se fazer alguma coisa para os outros".

Desde o início de sua vida no Brasil, Leon militou em instituições beneficentes, em especial as que visavam organizar e fortalecer a comunidade judaica no País. Ao lado de Antonietta colaborou, por exemplo, para a fundação do Colégio Renascença, a maior escola judaica do País, da qual foi presidente entre 1939 e 1962. Em 1953 seu trabalho foi fundamental para a criação de A Hebraica em São Paulo, mais tarde considerado o maior clube social e esportivo da comunidade judaica do mundo.

O reconhecimento por essas contribuições foi o convite feito pelo então Embaixador de Israel no Brasil, General David Schalliel, para que Leon se tornasse Cônsul Geral Honorário de Israel, em São Paulo, função que exerceu entre 1956 e 1964. Durante esse tempo, também esteve à frente de outras iniciativas da comunidade, ora como fundador, ora como incentivador.

Max Feffer foi um dos **maiores incentivadores** da Associação Novo Teatro de São Paulo, que ajudou a criar em 1988. Também foi membro do **conselho curador** da Fundação Padre Anchieta entre 1987 e 1995 e dirigiu o Museu de Arte de São Paulo (Masp) no biênio 1994-1995.

No âmbito social, dedicou-se tanto a instituições relacionadas à comunidade judaica – Federação Israelita do Estado de São Paulo, clube A Hebraica, Hospital Albert Einstein, Colégio Renascença e Instituto de Tecnologia ORT São Paulo, entre outras – quanto a entidades ligadas à **cultura e ao apoio social**, como a Sociedade Cultura Artística e a Fundação para o Livro do Cego no Brasil.



Leon faleceu em fevereiro de 1999, aos 97 anos. Max não apenas o substituiria na presidência do Grupo Suzano como seria responsável por cuidar de seu legado imaterial. Na verdade, continuar cuidando, porque Max estava há tempos no comando efetivo do Grupo e também se notabilizava por inúmeras ações em favor da cultura, da arte e do apoio social.

Max foi responsável, portanto, por alinhar esse gene social aos novos paradigmas da sustentabilidade. Àquela altura, ele já era atuante em algumas organizações do Terceiro Setor, tendo sido, por exemplo, um dos fundadores e conselheiro do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI).

Essa seria a base, afinal, sobre a qual germinou a ideia de criação do Instituto Ecofuturo.

/// Leon Feffer discursando em evento do clube A Hebraica, anos 1970. ///





**ALIANDO O DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO AO DESENVOLVIMENTO HUMANO,**

*constantemente promovendo melhorias à qualidade de vida das
comunidades das regiões que nos hospedam.*

"Tudo o que construímos (...) foi feito

“Para falar do Ecofuturo temos que começar antes de seu nascimento, quando existia circunstância e contexto.

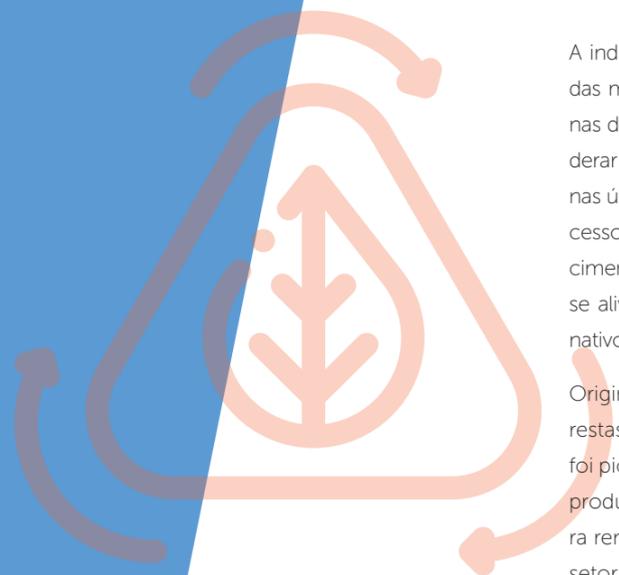
De um lado, a participação em questões sociais é algo que está presente na família há 80 anos. Meu avô, quando chegou ao Brasil, além de trabalhar para sobreviver, ele também trabalhava para ajudar a comunidade.

De outro, temos a questão da própria indústria de celulose, que é diferente de outras indústrias porque depende do tempo, da natureza, mesmo sendo super moderna - se chover muito, você não consegue tirar madeira do campo, você não consegue fazer chegar madeira na fábrica, por exemplo. Na verdade, tem que pensar dez anos antes, fazer planejamento, manejo florestal...

Então, o Ecofuturo veio institucionalizar essas competências que a Suzano já tinha.”

JORGE FEFFER

Conselheiro do Instituto Ecofuturo



A indústria de papel e celulose já foi vista como uma das mais poluidoras entre todos os setores, atrás apenas do químico, assim como era senso comum considerar que poupar papel era salvar florestas. No entanto, nas últimas décadas, os avanços tecnológicos dos processos industriais e da silvicultura, associados ao crescimento da demanda por madeira e a necessidade de se aliviar a pressão sobre os remanescentes florestais nativos, foram mudando esta visão.

Originalmente, de fato, era utilizada madeira de florestas nativas para a produção de papel, mas a Suzano foi pioneira no cultivo do eucalipto como base para a produção e este gênero florestal, por ser uma cultura renovável, acabou se consagrando como base do setor no Brasil e em alguns outros países.

Algumas críticas, porém, davam conta que plantações de eucalipto se configuravam como “desertos verdes”. Mas não se pode esperar que uma plantação, seja de que espécie for, cumpra as mesmas funções de formações florestais nativas. Para minimizar o impacto do cultivo extensivo são necessárias práticas sustentáveis de manejo e um conjunto de técnicas que buscam a integração entre o plantio e a vegetação nativa. Em cada conjunto de fazendas onde a madeira é produzida existe uma composição entre a área plantada e a vegetação nativa conservada. É esta mata que se configura como o grande elemento de conservação da vida silvestre. Neste ambiente de integração, a mata nativa é conservada pelas diretrizes de gestão da empresa e a plantação de eucalipto se beneficia pela intensificação do controle natural de pragas e doenças.

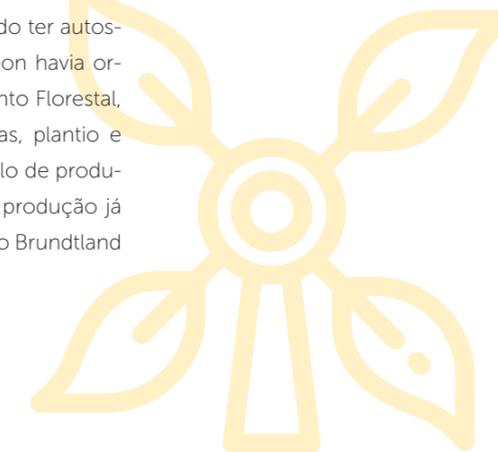
Já no âmbito do processamento da madeira, os países nórdicos foram os que primeiro alertaram sobre o potencial poluidor da indústria de celulose. Representantes da sociedade pressionaram produtores da região para que modificassem as formas de fabricação e incorporassem equipamentos de proteção ambiental.

Um pouco adiante foi criada uma legislação específica que se disseminou pela Europa e, por conta das exigências do comércio internacional, chegou a todos os países produtores e exportadores de celulose na década de 1980. Inclusive ao Brasil e à Suzano.

Àquela altura, a empresa fundada por Leon Feffer havia dado um salto estrutural. O complexo formado pelas três fábricas - IPLF, Suzano e Rio Verde - foi unificado em 1983 sob o nome Companhia Suzano de Papel e Celulose, então a maior empresa brasileira na produção de papéis de imprimir e escrever e cartões para embalagens a partir da celulose de eucalipto. Maior e entre as mais modernas, uma vez que no mesmo período abriu seu capital, fortalecendo a identidade da empresa nos mercados interno e externo e reafirmando seu projeto de profissionalização.

A liderança trazia a responsabilidade de ser referência, inclusive em termos ambientais. Ainda em 1983, diante de um projeto para aumentar a produção de polpa de celulose - de 900 para 1.350 toneladas por dia - a Suzano investiu em um sistema pioneiro de branqueamento do produto, o ECF (da sigla em inglês Elemental Chlorine Free), que substituiu o poluente cloro pelo inerte oxigênio. Foram também implantados controles de emissão de efluentes líquidos, de compostos de enxofre e partículas sólidas.

O divisor de águas da questão ambiental na Suzano, porém, foi a criação da Divisão de Recursos Naturais (DRN) em 1988. Trinta anos antes, visando ter autossuficiência na obtenção de madeira, Leon havia organizado o que chamou de Departamento Florestal, setor responsável pela compra de terras, plantio e corte de eucalipto. No entanto, o modelo de produção que apenas pretendia maximizar a produção já não se aplicava. Os preceitos do Relatório Brundtland seriam, na época, valiosos balizadores.





“Em 1991-1992 a Suzano implantou, de forma pioneira, o cultivo mínimo em plantações de eucalipto. Essa é uma forma de cultivo que – como o próprio nome diz – visa promover o menor impacto possível no solo. Antes disso, quando se promovia a substituição de um plantio antigo por novas árvores, utilizava-se o fogo para a redução da quantidade de galhos e folhas resultantes da colheita. Essa prática tinha como objetivo facilitar a operação de plantio.

Mas o fogo empobrece e expõe o solo. Como isso, no período seco se intensifica a perda de umidade e, durante as chuvas, aumentam os processos erosivos que além da perda de nutrientes e diminuição da recarga da água subterrânea, ocasionam impactos diretos nos cursos d’água.

No cultivo mínimo, os resíduos resultantes das árvores cortadas formam uma manta que protege o solo contra a erosão e que permite que, de forma gradativa, essa matéria orgânica se decomponha, disponibilizando nutrientes para as mudas que são plantadas.

Para a época não foi uma transição operacional fácil, mas a prática acabou sendo adotada por todo o setor florestal brasileiro. Por isso a Suzano fala com muito orgulho que foi pioneira no cultivo mínimo em plantações.”

PAULO GROKE (foto)

Idealizador e Diretor de Sustentabilidade do Instituto Ecofuturo



PLANTANDO O CUIDADO

O Engenheiro Florestal Paulo Groke foi quem recebeu a missão de liderar o desenvolvimento das novas práticas ambientais da DRN. Formado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), tinha boa experiência em manejo florestal e havia se especializado na área ambiental que, apesar de nova em termos profissionais, era para ele uma velha conhecida. Groke cresceu “no mato”, costuma dizer, e aprendeu da melhor forma possível a entender e a respeitar os ciclos da natureza: vivendo nela. Das longas pescarias com o pai até a opção profissional e a vocação para atuar na área foi um caminho quase óbvio.

Mas aquela não era uma tarefa simples, nem fácil. “A Suzano fez os primeiros plantios de eucalipto na década de 1960”, conta Groke. “Quase trinta anos depois, redefinir layout dos plantios baseando-se em conceitos que quase ninguém aplicava na época era desafiador. Além de introduzir novos conceitos e técnicas, havia a necessidade de superar aquela história de ser ‘verde’, ‘eco-chato’... Os desafios iniciais seriam ganhar a confiança das equipes operacionais e encontrar um equilíbrio entre a produção florestal e a conservação ambiental”.

Importante considerar que se tratava de um período da história da silvicultura em que ainda não se falava em licenciamento, sistemas ISO e certificações. “Tudo aquilo que era aplicado em campo era entusiasticamente discutido e, não raramente, boas brigas aconteciam. Éramos profissionais e empresa em pleno momento de aprendizado e crescimento”.

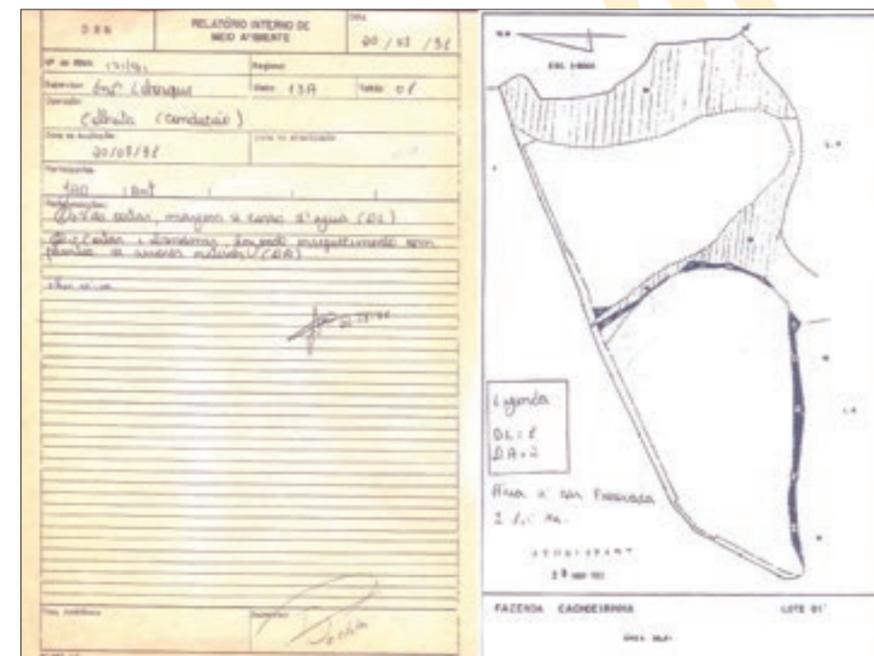
Enquanto buscava sensibilizar as equipes sobre o verdadeiro significado das boas práticas ambientais, a estratégia ambiental da DRN, sob o comando de Groke, identificou os pontos mais críticos das atividades florestais da Suzano. E chegou à conclusão de que um longo caminho ainda precisaria ser percorrido.

Teve início uma série de programas integrados e sequenciais, pelos quais a DRN demonstrou, na prática, que não era possível dissociar o cuidado com o meio ambiente da rentabilidade, muito ao contrário. Para que a produção fosse rentável, era preciso um manejo adequado, que protegesse e preservasse o solo, a biodiversidade e os recursos hídricos.

O primeiro passo neste sentido foi o desenvolvimento do Relatório Interno de Meio Ambiente, ou RIMA, ferramenta criada no ambiente da Suzano e utilizada para incorporar a dimensão ambiental à prática operacional da empresa. A elaboração do RIMA deveria preceder a colheita dos plantios de eucalipto, implantação de novas áreas, construção de estradas, formação de açudes ou qualquer obra ou ação considerada ambientalmente impactante. O relatório também considerava a oportunidade de melhoria das condições operacionais e de adequações de ordem legal. Com isso, a Suzano também passava a adotar um dos pilares da biologia da conservação, o manejo ecológico da paisagem.

Os primeiros RIMA provaram que a aplicação dos princípios ambientais melhorava sobremaneira as condições operacionais. Uma a uma, todas as áreas florestais da Suzano passaram a ser “rimadas”, otimizando as operações e ampliando a garantia legal e a proteção biológica dos plantios de eucalipto e florestas nativas.

A intensa atividade de campo e a distribuição geográfica das fazendas indicavam que era preciso implantar um programa de educação ambiental de maior alcance e, para tanto, foram reunidos os principais gestores da DRN, que definiram ações a serem levadas às frentes de operação. As mais notáveis delas foram o Programa 20 Minutos, que disseminou conceitos ambientais para cerca de três mil colaboradores, próprios e terceiros, e o Sistema de Coleta Seletiva de Lixo, implantado de forma voluntária em todas as fazendas da



Em 1986 o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) determinou que, para obter o licenciamento ambiental, as empresas ou instituições que desenvolvessem atividades potencialmente poluidoras deveriam apresentar aos órgãos licenciadores um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e um Relatório de Impacto sobre o Meio Ambiente (RIMA). Embora usasse a mesma sigla, o RIMA da Suzano tinha objetivos diferentes, basicamente redefinir o layout dos plantios a partir do manejo de paisagem e formação de corredores ecológicos ligando remanescentes de matas nativas, conceitos ainda embrionários na época.

O RIMA também se mostraria importante instrumento para a otimização das operações de silvicultura, adequando práticas e reduzindo custos operacionais.



/// Plantio de eucalipto é realizado preservando as matas ciliares.
Na foto, fazenda na Bahia. ///

“A Suzano sempre teve uma posição de liderança muito grande na agenda florestal. Nem precisa contar toda a história da importância da Suzano no que é hoje o plantio de eucalipto no Brasil. Ela sempre teve protagonismo muito importante, foi protagonista total. Uma empresa em que os fundadores assumiram riscos importantes, mas riscos muito associados à inovação, uma visão de mundo que hoje claramente se mostrou acertada e consolidada.”

ROBERTO WAACK

Conselheiro da Superintendência do Instituto Ecofuturo

Suzano a partir de 1991. Somente nos três anos iniciais calcula-se que 186 toneladas de resíduos foram corretamente destinadas à reciclagem.

Apesar dos indicadores positivos, o fator mais importante desses programas foi promover a discussão sobre temas relacionados à sustentabilidade, levando as equipes a melhor compreenderem a relação entre as operações da empresa, o meio físico-biológico e as comunidades, uma vez que estes conceitos acabaram sendo difundidos para a população do entorno.

Ainda no início dos anos 1990 a DRN também aprimorou técnicas florestais, como o cultivo mínimo, o plantio em mosaico, o manejo integrado de pragas, a revegetação de áreas degradadas e o manejo ecológico da paisagem para efetivação dos corredores ambientais.

Esse conjunto de ações garantiria a condição sistêmica que preparou a Suzano para a era das certificações, a partir dos anos 2000. Mais do que isso, essas iniciativas pioneiras no campo da sustentabilidade foram fundamentais para que a empresa tivesse condições de desbravar o desafiador ambiente que se formava – e que segue em formação.

Um ambiente no qual a demanda por madeira voltada a diferentes usos deverá triplicar até 2050, podendo chegar a 13 bilhões de m³ consumidos – em 2010, o consumo de madeira já havia alcançado 3,4 bilhões de m³. Os dados fazem parte do Relatório Florestas Vivas, produzido pela WWF (sigla em inglês para Fundo Mundial para a Natureza), uma das principais ONGs

direcionadas à conservação ambiental. A conclusão do estudo é que a pressão sobre as florestas nativas ainda é um dos principais desafios da nossa sociedade. Diante deste cenário, o cultivo de eucalipto conduzido com as devidas técnicas ambientais e com respeito às pessoas ganha ainda mais importância como uma das alavancas do desenvolvimento sustentável.

O negócio da Suzano se fundamenta, assim, em mais de 1,2 milhão de hectares, sendo 600 mil cultivados com eucaliptos e outros 538 mil compostos por vegetação nativa destinados à conservação. Isso torna a empresa uma das principais mantenedoras de áreas protegidas do setor de papel e celulose no mundo.

Esse modelo de negócio não apenas responde à crescente demanda por produtos derivados da madeira como gera expressivos serviços ecossistêmicos e, pelo seu caráter de fixação de CO² e de renovação, se alinha ao combate às mudanças climáticas, uma vez que permite a manutenção de um considerável estoque de carbono.

De forma pioneira, a Suzano inovou, abraçou desafios e desbravou fronteiras tecnológicas. Refinou sua visão, entendendo que mais do que celulose e papel, oferece a seus consumidores, por meio de todos os produtos que daí se originam, o acesso à higiene pessoal, à saúde e ao mundo da educação, leitura e cultura. Ao planeta e à sociedade, uma resposta inteligente aos desafios da sustentabilidade.



IDEIAS QUE TRAZEM OUTRAS

“... palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução”. Como sugere a frase de Machado de Assis no conto Primas de Sapucaia!, pode-se dizer que aconteceu na Suzano essa ciranda virtuosa a partir dos anos 1990: os novos paradigmas de preservação ambiental, justiça social e atividade econômica que se disseminavam pelo mundo chegaram à empresa pela ação pioneira da DRN e se desdobraram em projetos de várias naturezas, envolvendo toda a organização.

A nova postura também tinha sido trazida - para continuar na metáfora machadiana - pelas mudanças conjunturais daquele momento. Eram tempos de alterações políticas, econômicas e sociais, um contexto dinâmico e, muitas vezes, contraditório, como é típico do movimento humano no planeta. De um lado, o novo posicionamento em relação à necessidade das organizações serem éticas e sustentáveis; de outro, a globalização econômica exigindo o constante exercício da competitividade e a eficiência na produção.

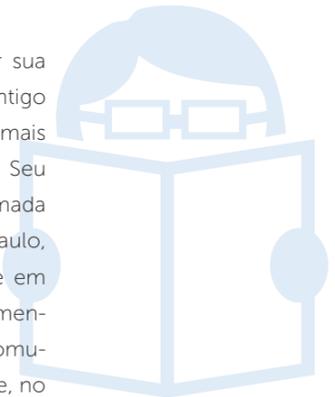
No Brasil ainda havia outros elementos a considerar. Durante toda a década de 1990, o governo redefiniu seu papel na sociedade diante da abertura comercial,

promovendo privatizações e desregulamentando várias atividades. As empresas passavam por processos de fusões, associações ou eram absorvidas por grupos transnacionais. Tudo isso num momento em que a tecnologia avançava rápido, transformando para sempre os meios e as formas de comunicação, aqui e em todo o mundo.

Diante da nova realidade, as empresas tiveram que mudar a forma de se relacionar com todos os seus públicos - acionistas, colaboradores, consumidores, governos, imprensa e com a sociedade em geral. Era imperativo adotar posturas mais transparentes e abertas, e isso impulsionou mudanças estruturais no campo da comunicação empresarial, com a ascensão dos profissionais de relações públicas, assessorias de imprensa e agências especializadas.

Assim a Suzano também tratou de estruturar sua área de Comunicação em substituição ao antigo setor de Promoção e Propaganda, e então mais um elemento foi “puxado” para essa história. Seu nome: Christine Fontelles. Cientista Social formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a PUC, Christine era uma profissional sempre em busca de ampliar horizontes. Já havia experimentado diferentes possibilidades de atuar com comunicação - em jornal, em agência de publicidade, no magistério, no setor privado. “Eu sempre acreditei que a comunicação é um veículo estratégico para a transformação”, diz Christine.

Sua história com a Suzano começou quando cursava MBA na Universidade de São Paulo (USP) e conheceu uma assistente de Max Feffer. Por ela, Christine soube que a Suzano procurava alguém capaz de conduzir a nova comunicação da empresa e foi assim que em 1998 seu currículo foi parar nas mãos de Max e, depois de uma rápida entrevista com ele próprio, Christine estava contratada.



Como havia acontecido com Paulo Groke uma década antes, o primeiro desafio de Christine foi encontrar meios de dialogar com a cultura vigente, pautada em preceitos até então dominantes nas organizações de forma geral e na Suzano em particular. “Quem era a Suzano?”, conta. “O padrão de exposição da empresa se assemelhava à forma mais intimista, como era o perfil do Sr. Max, que a meu ver era diferente da personalidade extrovertida como havia sido o Sr. Leon”.

Ou seja, Christine também teve que iniciar um trabalho quase do zero, abrindo e conquistando seu espaço - simbólica e literalmente, porque no início destinaram a ela um pequeno cubículo que arrumaram empurrando alguns armários. Mas essa condição trouxe pelo menos uma vantagem: “Como não existia estrutura e nenhuma determinação oficializando o que eu devia fazer, eu fui construindo a lógica de atuação que acreditava ser coerente para constituir a área de comunicação e seus eixos de ação. Para isso precisava conhecer a história e a cultura da empresa. Então, estabeleci por conta própria um roteiro de aprofundamento, que incluía conversar com profissionais de diversas áreas, da florestal à industrial, passando pela área comercial e RH. Nesta jornada estabeleci boas e duradouras relações interpessoais. Outro dado que identifiquei nessa minha ‘jornada arqueológica’ foi uma tendência à ousadia, que contrastava com a imagem percebida externamente da empresa. Havia um ambiente que acolhia e privilegiava a criatividade”.

De fato, o que se seguiu foi uma grande ousadia. O projeto **Ler é Preciso** iria superar a mais otimista das expectativas.

LER É PRECISO

Não era apenas uma expressão de efeito inspirada na obra de Fernando Pessoa que estava na base do projeto que a Suzano começou a desenvolver em 1999, sob a liderança de Christine Fontelles. “Navegar é preciso, viver não é preciso” foi a célebre frase que o general romano Pompeu (106-48 a.C.) teria dito a marinheiros amedrontados durante uma batalha. Pessoa, que era mestre em interpretar palavras e simbolismos, tomou-a emprestada para dizer: “Quero para mim o espírito [d]esta frase, transformada a forma para a casar como eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar”. Fazia alusão à frase original em latim - “Navigare necesse; vivere non est necesse”, usando a semântica das palavras para produzir um efeito dramático, uma associação entre o que é preciso, no sentido de precisão, e o que é enquanto necessidade.

Christine, por sua vez, ávida leitora que sempre foi e é, não poderia encontrar referência mais adequada para o projeto que concebeu, com apoio entusiasmado de um grupo eclético que atuava na área comercial. A intenção original era trazer ao debate e buscar soluções para as diferentes questões que envolvem a democratização do acesso ao livro no Brasil, partindo da óbvia relação da Suzano com sua matéria-prima, o papel.

E foi assim que, num tempo em que quase nada se falava sobre promoção de leitura, literatura e biblioteca para todos, nascia o embrião de um projeto que se tornou um programa de projeção nacional. E que fazia uma conexão profunda entre o desejo

“Acho que o Instituto, na concepção do Max, surgiu para devolver para as comunidades um pouco do que as comunidades trouxeram para a Suzano.

Sempre ouvia ele falar sobre a preocupação dele com esse lado da educação e da leitura, da cultura... É quase como se ele dissesse: ‘Eu não produzo papel, produzo livros, produzo educação, produzo cultura! Produzo crescimento para o País!

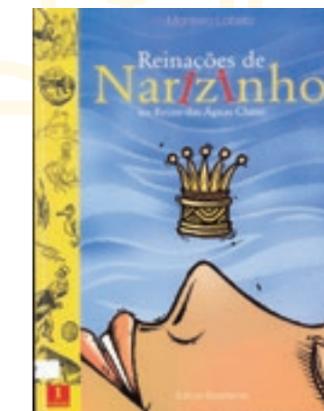
O Ecofuturo se encaixa perfeitamente nessa filosofia, veio muito nesse conceito!”

MURILO PASSOS

Ex-CEO da Suzano e Conselheiro do Ecofuturo

do acionista em atuar em prol da educação de qualidade no País e a atividade econômica da empresa. O crescimento de um lado da balança equilibrava o outro.

Em 1998 foi lançada a semente do que viria a ser o Programa Ler é Preciso com uma edição especial de *Reinações de Narizinho* - no reino das Águas Claras, publicada pela editora Brasiliense com o apoio da Suzano. Era o marco de 50 anos da morte de Monteiro Lobato e a intenção era promover a obra do criador da literatura infantil e juvenil brasileira com um projeto editorial inovador, que manteve texto e ilustrações originais trabalhadas digitalmente. Centenas de exemplares foram doados às bibliotecas municipais de São Paulo e a todas as escolas da região onde a Suzano mantinha atividades - além de Suzano, os municípios de Mogi das Cruzes, Itaquaquecetuba e Poá, todas em São Paulo. Para o público interno, foi realizado o “Concurso Monteiro Lobato de Redação e Desenho”, voltado aos filhos dos colaboradores. A ideia era envolvê-los com a obra de Lobato e estimular a escrita criativa e autoral como forma de compartilhar experiências. E contribuir para instaurar cultura de responsabilidade socioambiental a partir da própria estrutura empresarial, destacando, valorizando e sendo coerente com o valor intrínseco à Suzano de respeito e consideração por todas as relações interpessoais envolvidas na vida da empresa.



A edição especial do livro *Reinações de Narizinho* manteve o texto e as ilustrações originais de André LeBlanc, mas contou com recursos modernos como colorização eletrônica das imagens e adição de um vocabulário elaborado pela Professora Nelly Novaes, para facilitar a leitura em função da existência de vocábulos em desuso e palavras inventadas por Lobato, como famintez, que significa “grande fome”.

No ano seguinte, foi criado o Fórum Ler é Preciso, realizado na Bienal do Livro do Rio de Janeiro. O objetivo era ampliar a conexão com o negócio, posicionando a Suzano como indutora e promotora do debate sobre a importância da promoção da leitura como estratégia para a educação de qualidade. O Fórum foi intitulado O leitor do próximo milênio, uma vez que o novo século estava por chegar. Contou com a presença de editores, escritores, jornalistas, educadores, estudantes e outros profissionais ligados à educação e à cultura.

Na mesma ocasião, foi elaborado um cronograma de atividades intitulado Ler é Preciso - Fórum Brasil 500 de Cultura e Literatura, que se estendeu até abril de 2000, quando se comemoraram os 500 anos de descobrimento. “Assim a Suzano reafirmou sua atitude de pioneirismo aliada ao máximo de qualidade e amplitude de impacto positivo em tudo o que realiza. Antecipou o debate que só depois de mais de 15 anos viria a ser recorrente no Brasil: a importância da inclusão de cultura de leitura e escrita na agenda do País”, afirma Christine.



Como parte desse planejamento, ainda em 1999 foi ampliado o escopo de atuação do Programa, em constata sintonia com as áreas operacionais da empresa e em estreita conexão com a construção de sua identidade institucional de responsabilidade social empresarial. Assim, a experiência do concurso de redação foi levada para o público externo, a partir do 1º Concurso de Redação Tirando de Letra, como ação derivada do apoio da Suzano ao longa metragem Castelo Rá-Tim-Bum, o filme, cujo mote foi Fazendo mágica com as palavras. A divulgação da ação foi atrelada ao papel Report Senninha, reafirmando a costura do vínculo com a causa da educação já existente. Nesse mesmo ano, teve início o projeto que se tornaria o eixo estratégico de política pública do Programa Ler é Preciso: a implantação da primeira biblioteca comunitária em Paraibuna, no interior de São Paulo. Era uma biblioteca rural que atendia a uma demanda da própria equipe da DRN. Contava com um acervo de 400 títulos infanto-juvenis e um programa de formação de agentes de leitura, selecionados entre jovens da comunidade, atendendo a mais de 1.200 crianças. O foco era disponibilizar um acervo literário de excelência e oferecer atendimento adequado por meio da presença de um agente de promoção de leitura especialmente formado para esta atividade.



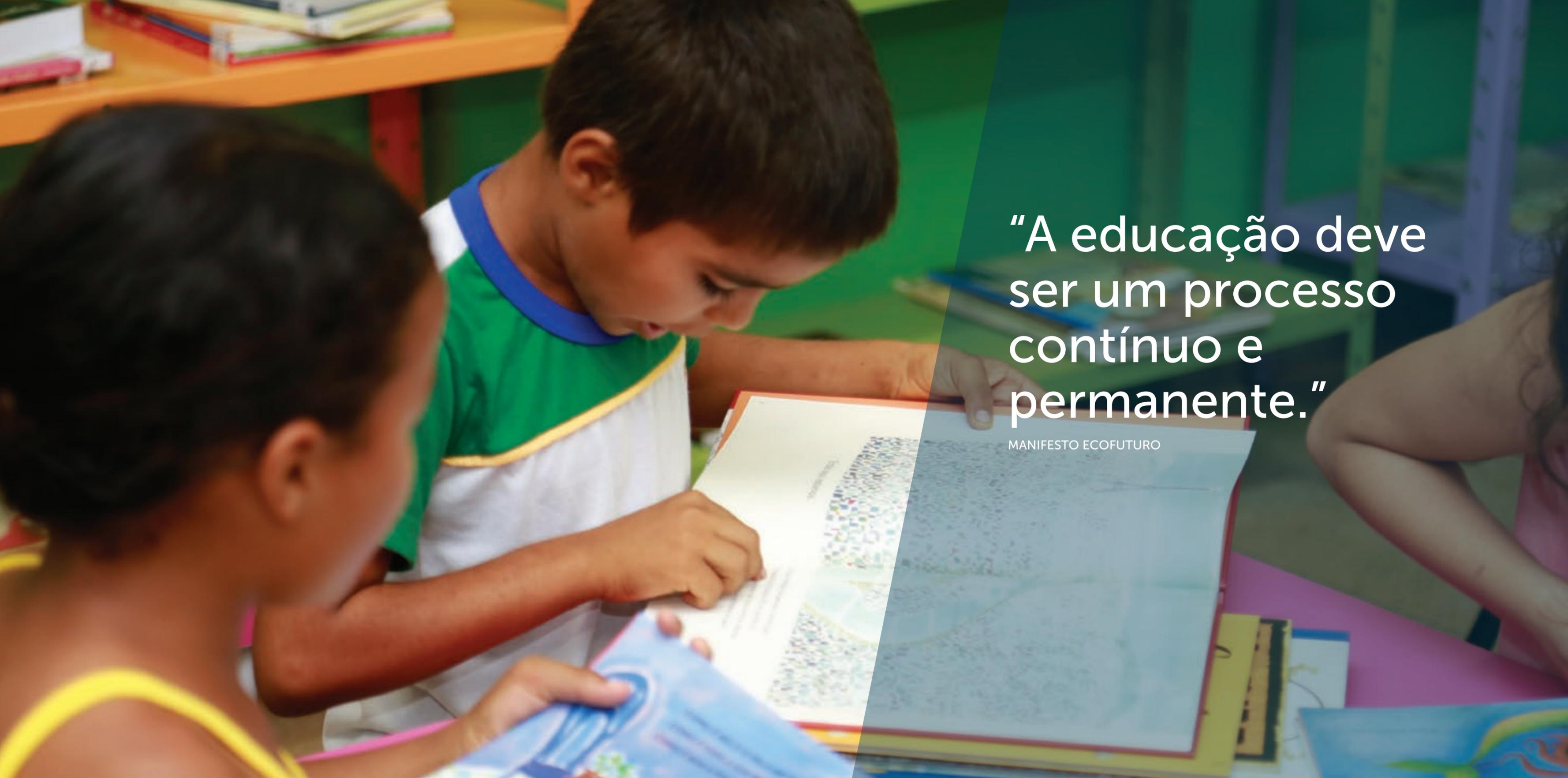
A iniciativa visava, portanto, também valorizar a cultura local e estimular a autoestima dos jovens, envolvendo a vertente cultural. Nesse sentido, a biblioteca era um recurso estratégico que conectava leitura de qualidade à vida de qualidade.

Para viabilizar a implantação da biblioteca, foram estabelecidas parcerias com o Conselho de Desenvolvimento Municipal, a prefeitura local, a equipe do projeto Biblioteca Viva da Fundação Abrinq e a comunidade, inaugurando um formato de articulação que seria aprimorado ao longo dos anos.

Ainda em 1999, a Suzano patrocinou o 1º Salão do Livro para Crianças e Jovens, realizado no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro pela Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil (FNLIJ), seção brasileira do International Board on Books for Young People (IBBY), órgão consultivo da Unesco – que mais tarde seria parceira do Ecofuturo na implantação das bibliotecas. A programação incluiu o Seminário Ler é Preciso, com palestras e debates entre pedagogos, ilustradores, jornalistas e pesquisadores sobre promoção de leitura e formação de leitores no Brasil.



O projeto Biblioteca Viva foi um programa desenvolvido de 1995 a 2008 pela Fundação Abrinq em parceria com o Citi e foi a principal referência para a implantação das duas primeiras bibliotecas comunitárias do Ler é Preciso.

A photograph of children in a classroom. A boy in a green and white shirt is reading a book. A girl in a yellow top is looking at a book. Another girl in a pink top is also visible. The background shows a desk with books and a green wall.

“A educação deve ser um processo contínuo e permanente.”

MANIFESTO ECOFUTURO



A Fazenda Vitória fica na região que concentra a maior extensão de Mata Atlântica remanescente de São Paulo e do Brasil graças à existência de várias Unidades de Conservação: o Parque Estadual Intervales, o Parque Estadual Carlos Botelho, a Estação Ecológica do Xitué e o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (Petar).

Até hoje também é a maior área de concentração de mata nativa entre todas as fazendas da Suzano.

RESERVA NO SERTÃO

Com o desenvolvimento do processo de produção de celulose de eucalipto, a Suzano passou a comprar áreas que tivessem potencial para cultivar a espécie. Priorizava, claro, regiões mais próximas à Grande São Paulo, por conta da localização de suas fábricas e pela oferta de fazendas já formadas, mas com o tempo passou a adquirir terras mais a oeste da Capital. Em 1997 surgiu a oportunidade de adquirir a Fazenda Vitória, localizada em Pilar do Sul, uma propriedade belíssima que tinha, além de plantações de eucalipto, um grande trecho de mata praticamente intocada, cerca de 2.500 hectares. A fazenda possuía ainda uma pequena central hidrelétrica, que formava uma represa que emoldurava uma paisagem exuberante.

Quando conheceu a propriedade, Max Feffer ficou encantado e convocou o engenheiro florestal Luiz Cornacchioni para ajudar nas negociações de

compra. Como Paulo Groke, ele tinha se formado pela ESALQ, mas já havia trilhado longa carreira na Suzano. Admitido como trainee em 1987, Luiz tinha passado por vários setores - além da DRN, trabalhou com Logística e P&D - até ocupar uma função na área de Planejamento Estratégico, respondendo diretamente a Max.

A efetivação da compra da Fazenda Vitória coincidiu com um momento em que Paulo Groke se especializava em ecoturismo, uma novidade na época. Seguindo tendências internacionais, o ecoturismo havia sido introduzido no Brasil no final dos anos 1980 e ganhado visibilidade a partir da Eco-92 como uma atividade que busca inserir na experiência turística premissas ambientais, sociais, culturais e econômicas. Groke decidiu então usar a propriedade como objeto de análise durante seu curso e produziu um relatório que indicava o grande potencial nesse quesito. Indicava, por exemplo, a viabilidade de oferecer

a prática de turismo e esportes de natureza tanto aos colaboradores da Suzano como ao público em geral.

O relatório deve ter empolgado Max Feffer. Segundo Cornacchioni: "Um dia, logo no início de 1999, Sr. Max me chamou e disse - 'Luiz, a gente podia pensar em fazer algo de ecoturismo ali, hein?'. Eu respondi: 'Olha, Seu Max, vamos pensar nisso, precisamos dar uma olhada, porque tem uma estrutura enorme da Suzano, e não vai dar retorno nunca!'. Mas ele pediu para dar uma olhada com carinho naquilo. Essa era uma característica dele, não estava preocupado em monetarizar aquele ativo, queria apenas dar um outro uso. Na visão do Seu Max, poderíamos dar uma destinação mais nobre àquela área do que ficar só entrando e saindo madeira".

Cornacchioni fazia referência ao fato de que um projeto ecoturístico, com um objetivo tão diverso dos negócios principais da Suzano, teria necessariamente que ficar fora da estrutura corporativa, porque desfocaria das operações. Criar outra empresa para atender a essa finalidade não se justificava, porque proporcionalmente era um negócio muito pequeno e com retorno incerto. Uma alternativa era deixar o projeto sob a Fundação Arymax, mas isso logo foi descartado porque os objetivos da organização familiar eram totalmente diversos.

Para encontrar alternativas, Cornacchioni e Groke decidiram buscar uma opinião externa, trazendo como consultor João Meirelles Filho. Da troca de ideias com Meirelles, cogitou-se a possibilidade de criar uma estrutura jurídica independente para comportar o projeto, uma organização sem fins lucrativos cujo trabalho estaria pautado no tripé do conceito de sustentabilidade - economicamente viável, socialmente justo e ecologicamente correto -, atuando em parceria com a Suzano nas áreas onde tem atividade e inspirando-a. Entre as possibilidades nesse sentido, ganhou força o modelo de um instituto, que

João Meirelles Filho é escritor e pesquisador e, na época, atuava na Fronteira Norte Engenharia de Desenvolvimento. Um ano antes, havia fundado o Instituto Peabiru, em Belém (PA), uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP), com a missão de **educar para a valorização da biosociodiversidade** das florestas tropicais, em especial da Amazônia.

Desde então, ele se dedica à capacitação para a sustentabilidade de organizações do terceiro setor e ao planejamento do ecoturismo.



“Eu gosto do nome Ecofuturo porque ele se liga à causa e não à origem.

Foi um ato de grandeza da empresa não pleitear a colocação de sua marca no Instituto e que reforça o conteúdo dos programas do Ecofuturo.”

DANIEL FEFFER
Presidente do Conselho do Instituto Ecofuturo

gerisse não só projetos ligados à questão ambiental como incorporasse o Ler é Preciso.

Christine Fontelles aderiu na hora e, a partir daí, ela, Groke e Cornacchioni formaram o trio responsável pela estruturação do **Instituto Ecofuturo**. Como eles costumavam brincar, o grupo materializava o tripé da sustentabilidade: Groke representava o “ambientalmente correto”, Christine o “socialmente justo” e Cornacchioni o “economicamente viável”. Quando levaram o detalhamento da proposta a Max, ele gostou de tudo o que viu, inclusive do nome sugerido: “Eco”, de ecologia, a palavra-conceito que estava em voga para definir ações relacionadas à preservação do meio ambiente; “futuro”, remetendo aos projetos educacionais, à formação da sociedade do amanhã.

Era o início do ano de 1999 e Max compreendeu que a criação do Instituto seria a forma perfeita para marcar a passagem dos 75 anos da Suzano. Só tinha um problema: faltavam apenas onze meses para a comemoração do aniversário, em dezembro. Como se pode supor, organizar a criação de uma ONG demandaria muito mais tempo e amadurecimento do que isso, ainda mais porque Cornacchioni, Groke e Christine continuavam exercendo suas funções na empresa. Mas estava fora de cogitação perder essa oportunidade.

De imediato, houve um ajuste importante: depois de estudos e ponderações, o grupo concluiu que a Fazenda Vitória não era adequada para aquele projeto, apesar da vasta área de Mata Atlântica primitiva. Além de distante das fábricas, a fazenda não contava a história da evolução florestal e ambiental da Suzano.

Havia, por sua vez, outra fazenda ideal para a implantação de um projeto ecoturístico e Groke a “cobiçava” havia algum tempo, por várias razões. A Fazenda Sertão dos Freires, nos municípios de Mogi das Cruzes e Bertioga, fazia divisa com a área do Parque Estadual da Serra do Mar - portanto, estava mais próxima de São Paulo e da fábrica em Suzano, com acesso muito mais fácil do que a Fazenda Vitória.

Conforme o conjunto de RIMAs realizados ali pela DRN, apesar da área ter sido adquirida por conta dos plantios de eucalipto, possuía um grande atributo ambiental, representado pelo rio Itatinga e suas mais de 400 nascentes dentro da fazenda. “Nós temos o controle de cerca de 50% da bacia do Itatinga e somos responsáveis por tudo que ocorrer no rio”, alertava Groke. Portanto, como as estradas de serviço abertas para o manejo do eucalipto causavam muito impacto, as áreas destinadas ao cultivo vinham sendo cada vez mais limitadas, a ponto de ocupar apenas 20% da fazenda. E, lentamente, a natureza fazia seu trabalho: a Mata Atlântica começava a reaparecer entre os eucaliptos remanescentes, tornando a área muito mais interessante do ponto de vista das possibilidades de manejo florestal.

Estava decidido: a Fazenda Sertão dos Freires é que seria destinada ao projeto. Para tanto, a Suzano cedeu em comodato uma área de pouco mais de 1.300 hectares da fazenda, que seria a base inicial.

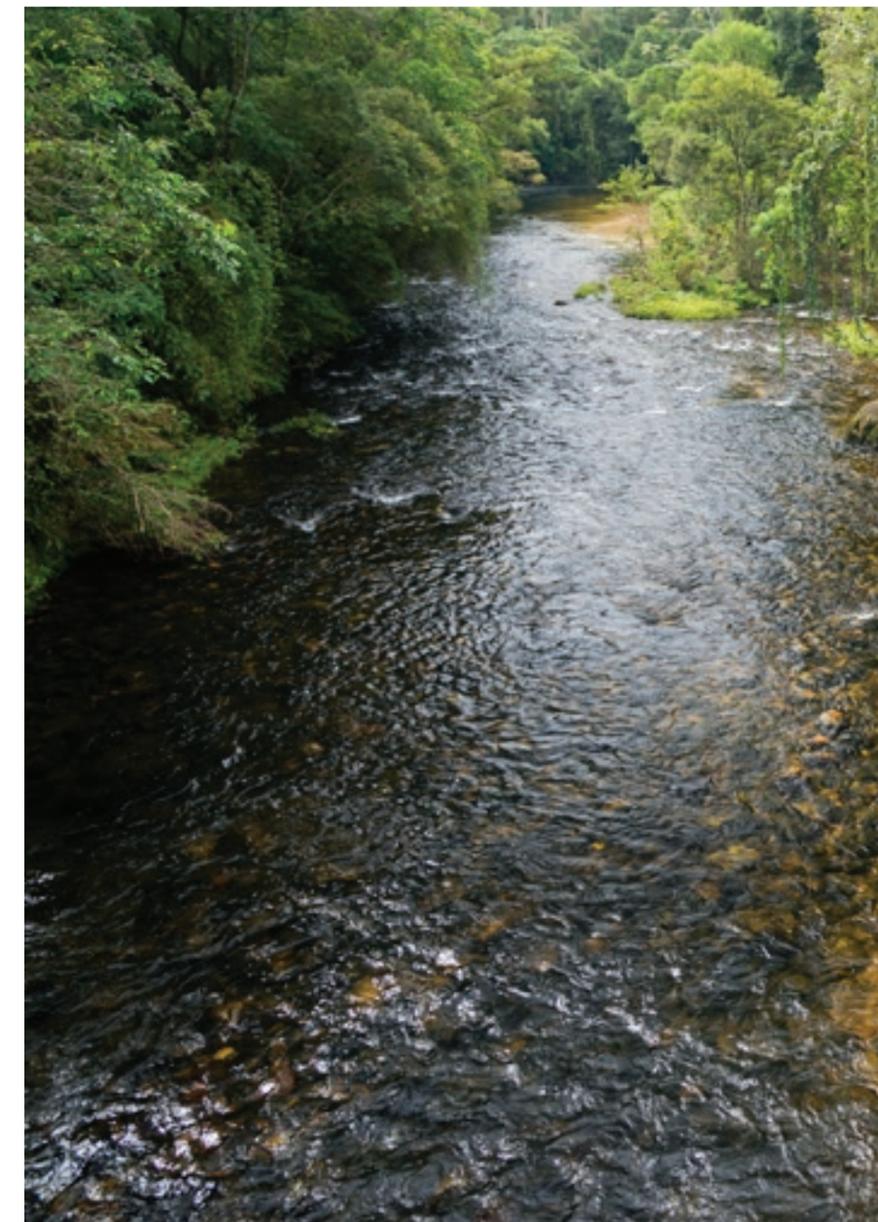
Os onze meses passaram voando. Quando Max Feffer proferiu o célebre discurso anunciando a criação do Instituto Ecofuturo, toda a equipe envolvida, em especial os três responsáveis pelo projeto inicial, mal puderam acreditar que haviam conseguido. Logo depois da celebração, no entanto, precisavam arregaçar novamente as mangas. A história estava só começando. 🍀

“O ambiente da Sertão dos Freires era muito mais instigante. A mata entremeava de uma forma mais intensa os plantios de eucalipto, enquanto na Vitória era mata para um lado, eucalipto para outro.

A beleza representada pela rica malha hídrica e pelo fato de estar mais próxima à fábrica de Suzano e a São Paulo, acabaram por determinar que seria mais interessante desenvolver o nosso projeto na fazenda Sertão dos Freires. E acho que, no final, a nossa decisão foi muito acertada. Temos um ambiente que, além do atrativo cênico, possui elevado valor de conservação em uma região em que a Mata Atlântica vem sofrendo elevada pressão em razão do crescimento desordenado das zonas urbanas.

E as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas têm indicado o quanto tem sido importante a tarefa de conservar esse rico ambiente.”

PAULO GROKE
Idealizador e Diretor de Sustentabilidade do Instituto Ecofuturo



O rio Itatinga nasce na Serra do Mar, em São Paulo e, diferente da maioria dos rios da região que deságuam no Tietê e seguem para o interior, ele corre em direção ao mar.

Dentro da área da antiga Fazenda Sertão dos Freires – hoje Parque das Neblinas – estão preservadas mais de 400 nascentes e 14,5 quilômetros do leito do rio.



“O INSTITUTO ECOFUTURO NÃO É CAUSA, É CONSEQUÊNCIA”

é uma resposta natural às ações que sempre estiveram intrínsecas às atividades da Suzano. Estamos, apenas, conferindo-lhes maior disciplina e eficácia.”



“Eu penso na sabedoria do ‘Seu’ Max quando pensou o Instituto Ecofuturo. Havia essa convergência, que geralmente os pioneiros têm, entre o negócio e a relação com a sociedade. Nas duas atividades, tanto na questão ambiental como na questão educacional, havia uma forte complementaridade entre o negócio e o Instituto. É claro que no negócio, os horizontes são mais curtos. Mesmo o setor de papel tendo um horizonte mais largo, mas a profissionalização, a própria gestão familiar, exige resultado de mais curto prazo.

O Instituto Ecofuturo tem exatamente esse papel de alargar os horizontes, é uma forma de dizer: ‘Nessa esfera nós temos que pensar muito mais longe, de uma forma menos imediatista, e nós temos que pensar em sermos reconhecidos como uma empresa que tem uma preocupação com a sociedade’.”

JACQUES MARCOVITCH
Ex-conselheiro do Instituto Ecofuturo

- “Qual o principal desafio do Ecofuturo?”

- “**Foco!**”

- “Foco?”

- “Foco!”

- “**Foco...?**”

- “É! Foco”

O estranho e quase monossilábico diálogo aconteceu entre Max e Daniel Feffer, de um lado, e Marcos Egydio, de outro, pouco antes do Ecofuturo completar um ano de vida.

Marcos estava em um processo de seleção para o cargo de superintendente do Instituto. Engenheiro Agrônomo, na ocasião ele era ombudsman da Sabesp, a companhia de saneamento de São Paulo, e diretor da Fundação Florestal (Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo), órgão vinculado à Secretaria do Meio Ambiente. Tinha se especializado em agricultura biodinâmica na Inglaterra e feito um mestrado executivo, além de engajar-se em causas socialdemocratas e direcionar particular interesse ao debate sobre responsabilidade social.

Também existia certa proximidade entre as famílias Feffer e Egydio desde a época em que Max foi Secretário da Cultura. Embora isso não pesasse em nada no processo seletivo, graças a esse relacionamento Marcos já conhecia os projetos realizados naquele primeiro ano de atividades do Ecofuturo e até arriscava uma opinião a respeito.

Certamente, não se tratava de uma crítica negativa, até porque, nos cerca de dois anos correspondentes ao período de estruturação do Instituto até o lançamento oficial e do lançamento até o momento daquele diálogo, muito havia sido feito, graças ao grande engajamento de Groke, Christine e Cornacchione. Talvez, a visão de Marcos fosse justamente entender que era preciso identificar, na diversidade dessas conquistas, os projetos com maior potencial de desenvolvimento.



/// Folder de lançamento do Instituto Ecofuturo. ///

A **Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil** foi criada em 1968 e é a seção brasileira do International Board on Books for Young People (IBBY), órgão consultivo da UNESCO. Foi ela que concebeu o **primeiro programa brasileiro** para levar literatura às **escolas públicas** do País em 1982, o Ciranda de Livros (financiado pelo Laboratório Hoescht em parceria com a Fundação Roberto Marinho), que dois anos depois inspirou o programa governamental Sala de Leitura.

“Olhando essas redações das crianças e pensando nas grandes leituras do Brasil feitas por sociólogos, historiadores, antropólogos, mas também por romancistas, poetas e artistas, eu fiquei muito satisfeito com a consciência que as crianças demonstraram e muito preocupado com essa mesma consciência. Porque os desafios que elas têm à frente são, realmente, muito grandes.

Apesar de todas as evoluções desses 70 e poucos anos desde aquelas leituras, a complexidade também aumentou. As dicotomias continuam postas, o Brasil ainda é um campeão de injustiça social, o Brasil é um País onde se fala muito, se exalta muito a beleza da natureza, as maravilhas dos recursos naturais, como está nas músicas – “bonito por natureza” – e que, ao mesmo tempo, maltrata essa natureza diuturnamente, explora mal, desconhece essa natureza...”

DANIEL PIZA

Evento de lançamento do livro “Leituras do Brasil”, em 04/07/2003 no Auditório do MAM, São Paulo.

UM COMEÇO COM MUITO TRABALHO

Os projetos eram muitos. Logo no início de 2000, o Ler é Preciso lançou o segundo concurso de redação, com o tema Uma carta para o Brasil do Século 21, reinaugurando e expressando a sintonia do programa com aspectos relevantes à sociedade. A proposta era celebrar os 500 anos do descobrimento do Brasil incentivando as crianças a escrever cartas para expressar seus desejos, sonhos e críticas a respeito do País. Foram recebidas mais de 3.500 redações, transformadas em matéria-prima para um livro escrito pelo jornalista Daniel Piza, intitulado Leituras do Brasil, lançado em 2003.

O projeto das **Bibliotecas Comunitárias Ler é Preciso** também tomou corpo nesse período. Em parceria com a Abrinq foi inaugurada outra unidade em Salesópolis, interior de São Paulo. A partir daí, o monitoramento das duas bibliotecas implantadas foi fundamental para o primeiro redesenho do projeto, indicando a necessidade de envolvimento do poder público local como um parceiro fundamental

para o êxito da iniciativa, além da criação de uma rede que fizesse a interface com os públicos envolvidos. Isso porque, naquele momento – entre 2000 e 2001 – ainda não havia entrado no radar da sociedade o desafio da inclusão na cultura escrita e a formação leitora e escritora.

Assim, o Ecofuturo buscou de forma pioneira a cooperação de uma organização de notório saber – a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), reconhecida nacional e internacionalmente como uma das mais importantes instituições voltadas à promoção da leitura e divulgação do livro de qualidade para crianças e jovens, defendendo o direito dessa leitura para todos, através de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias. Por meio dessa parceria, passaram a ser promovidos encontros entre pesquisadores, gestores públicos, educadores e editores para discutir as formas de enfrentamento do desafio de formar leitores e escritores competentes.

Em 2001 também foi divulgado o primeiro Índice de Alfabetismo Funcional (INAF), a partir de uma pesquisa realizada em parceria com a ONG Ação Educativa e o Instituto Paulo Montenegro. O trabalho passou a ser uma referência para as reflexões do Instituto em sucessivos estudos para calibrar sua atuação.

Em todas as ações do Ecofuturo, existia a convicção sobre a importância em fazer circular dados relevantes às causas, em promover intercâmbio e reunir pessoas para participar de debates e reflexões, como ocorreu no Fórum Ler é Preciso realizado em 2000, e, ainda, em mobilizar para a participação em ações específicas – de onde nasceu o Clube do Ler, mais tarde rebatizado de Clube Ler é Preciso, iniciativa de comunicação muito importante numa época em que ainda não existiam redes sociais (o pioneiro Orkut só surgiria em 2004).

Também nessa época foi desenvolvido o Selo Ler é Preciso, que visava sensibilizar e engajar a sociedade com a promoção de leitura e a biblioteca, aproveitando a linha então vigente de consumo responsável conectado com o meio ambiente. A parceria era feita com editoras, de forma que 1% da receita da comercialização de obras literárias onde o Selo estivesse aplicado era destinado a um fundo, voltado inicialmente à implantação de bibliotecas comunitárias e bibliotecas em presídio, como a do presídio de Bauru, e sua posterior revitalização, que recebeu a chancela da Fundação Mandela.



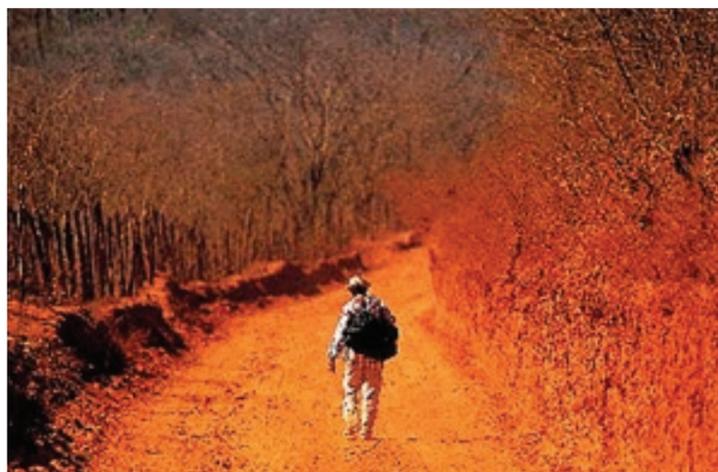
O objetivo do Clube Ler é **Preciso** era promover interação e comunicação em rede entre públicos diversos em torno do ato de ler e escrever. Ele articulava ONGs, universidades, governo e bibliotecas para somar e integrar esforços nacionais de incentivo à leitura e à escrita.

O **Clube** promovia encontros, desenvolvia e distribuía publicações de referência para incentivar o ato de ler e escrever, mantendo um banco de dados com informações de crianças, jovens e escolas.

Em paralelo, eram construídos os pilares do projeto na Fazenda Sertão dos Freires, com algumas parcerias sendo celebradas para identificar e estruturar os principais atrativos do local e seu potencial para visitas guiadas, esportes da natureza e os chamados “esportes radicais”. Essas ações seriam fundamentais para avançar na proposta de valor do Parque.

O Ecofuturo também se envolveu com projetos de grande importância social. Foi o caso, por exemplo, do Carvoeiro Cidadão – Um pacto norte-capixaba de economia solidária, desenvolvido pela Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) para atuar no polo florestal de São Mateus, norte do Espírito Santo. O projeto visava dar suporte a famílias de carvoeiros desempregados ou precariamente empregados em um setor marcado pelo trabalho infantil e por condições subumanas de vida. Para tanto, previa a formação de uma cooperativa de carvão vegetal com bases sustentáveis, assegurando condições dignas de trabalho e promovendo a reintegração social das famílias.





/// Foto do folheto do Projeto Rio Vivo. ///

O diagnóstico realizado pelo Projeto Rio Vivo serviu para embasar ações de desenvolvimento e inserção social da população do Vale do Jequitinhonha, como a salvaguarda da vegetação ameaçada pela escassez de água, recuperação de córregos e programas de educação ambiental. Também foram planejadas diversas ações socioculturais, que envolveram desde programas de melhoria da qualidade alimentar em escolas até a implantação de Bibliotecas Comunitárias Ler é Preciso.

Já o Projeto Rio Vivo era focalizado no Vale do Jequitinhonha, norte de Minas Gerais, uma região castigada pela seca e por problemas socioeconômicos de toda ordem. O projeto, desenvolvido pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em parceria com o Instituto Internacional de Ecologia (IIE) e a Prefeitura de Berilo (MG) tinha várias frentes, como o combate à Doença de Chagas e à desnutrição. O principal objetivo era a realização de uma pesquisa sobre as causas da carência dos recursos hídricos na região compreendida pelos municípios mineiros de Berilo, Turmalina e Chapada Norte.

Ainda durante os primeiros tempos de atuação do Instituto foram realizadas ações em parceria com várias outras instituições, como a Viva e Deixe Viver, que reunia voluntários contadores de histórias para crianças internadas em hospitais e casas de apoio; o Movimento pelos Direitos dos Deficientes Físicos (M.D.D.F.), que realizava oficinas de material reciclável, o Grupo de Apoio à Criança e Adolescente com Câncer (GRAACC), o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), em cujo auditório foram realizados vários encontros promovidos pelo Ler é Preciso.

Por fim, ainda foi realizada a importantíssima integração entre as ações do Instituto e da empresa. Max costumava dizer que não queria que o Ecofuturo servisse de “escudo” para a Suzano e vice-versa. Esse foi o principal motivo, aliás, pelo qual não se adotou a denominação Instituto Suzano ou Instituto Feffer. Max queria que o Ecofuturo tivesse autonomia e autossuficiência na medida do possível, mesmo tendo o DNA da Suzano, sua criadora e principal mantenedora. Portanto, a lógica de cooperação entre ambos foi pautada no compartilhamento de know-how, sendo que a Suzano colocava à disposição do Ecofuturo as tecnologias florestais desenvolvidas pela DRN, e o Instituto passava a conferir às ações de responsabilidade social da empresa o mesmo rigor técnico que era construído em sua trajetória.

PRIMEIROS GRANDES DESAFIOS

A agenda do Instituto era inovadora e intensa, uma vez que integrava projetos de educação para a leitura e escrita e projetos de conservação e restauração de ambientes naturais. No entanto, como seu processo de criação havia sido tão rápido, não se estruturou uma equipe exclusivamente dedicada, de forma que logo nos primeiros meses de existência ficava evidente a impossibilidade de contar com profissionais que tinham dupla função. O Ecofuturo possuía estatuto próprio e um Conselho Diretor presidido por Max Feffer, que nomeou os demais membros. Groke, Christine e Cornacchioni compunham o Comitê Gestor e tocavam os projetos, mas continuavam desenvolvendo funções corporativas.

Ainda por cima, existia a questão financeira, porque também não tinha sido possível amadurecer mecanismos de financiamento e de obtenção de recursos externos, contando-se apenas com o que a mantenedora disponibilizava.

Foi isso, afinal, que Marcos Egydio expressou nas conversas preliminares para o processo de contratação. “Se não tivesse foco, o risco de a gente fazer um monte de coisa bacana, importante e com certa relevância, mas dispersa, era muito grande”, explica. “Então, eu achava fundamental essa questão do foco para depois de um, dois, cinco anos olhar para trás e ver de fato o que o Ecofuturo construiu”.

Até porque o Ecofuturo corria sério risco de ser “engolido” pelas demandas urgentes da Suzano naquele momento em que o Grupo passava por um grande processo de reestruturação devido à compra do controle da Bahia Sul em 2001.

A empresa havia sido criada em 1985, como uma joint-venture em iguais proporções com a então estatal Companhia Vale do Rio Doce para a construção

de uma fábrica de polpa de celulose e papel em Mucuri, no extremo sul da Bahia. Após ser privatizada, em 1997, a Vale decidiu deixar o setor e, depois de um período de negociações, a Suzano adquiriu a participação da sócia e estabeleceu a gestão unificada Suzano Bahia Sul, visando encaminhar o processo de fusão, que seria concluído em 2004. A operação era fundamental para transformar a Suzano em um dos principais players mundiais na área de papel e celulose e, por isso, era estratégica e prioritária.

Desde alguns anos antes, quando do falecimento de Leon, em 1999, a governança do Grupo já vinha se estruturando. Max assumiu o cargo de diretor-presidente e alguns de seus filhos que já atuavam em empresas do Grupo aproximaram-se da direção corporativa. A David coube liderar negócios internacionais e a Daniel a área de Comunicação e também o Ecofuturo. Mas ficava evidente a necessidade de um profissional para se dedicar unicamente à gestão do Instituto Ecofuturo.

Foi essa a missão que, afinal, Marcos Egydio recebeu. E aceitou.

/// Abaixo, no início das obras de construção da Bahia Sul, em Mucuri (BA), Leon Feffer plantou uma árvore nativa. 1989. ///

Inaugurada em 1992, a Bahia Sul adotou modelos de excelência em todos os níveis, a ponto de, já em 1995, ser a primeira empresa do continente americano a ter o seu processo de gestão certificado pela BS 7750, do Bureau Veritas Quality Internacional, uma norma-embrião da série ISO 14.000, que certifica a capacidade de identificar e mitigar os impactos ambientais decorrentes dos processos de produção.

Mais adiante, em 2001, a Bahia Sul receberia o Prêmio Nacional de Qualidade, reconhecimento máximo à excelência em gestão empresarial.





“Essa é a nossa
missão: semear um
olhar de cuidado e
responsável entre
nossas ações e as
formas de vida ao
nosso redor.”

MANIFESTO ECOFUTURO



/// Criada em 1989, a Coopamare é uma cooperativa de trabalho que também luta pela legitimação e valorização do ofício de catador, por meio de cursos e projetos sociais. ///



IDEIAS RECICLADAS

"O Ecofuturo não foi criado para ser apartado da nossa atividade produtiva e comercial, mas sim para inspirá-las. Cabe a cada um de nós a responsabilidade de repensar nosso cotidiano na empresa, para que reflita os valores de responsabilidade empresarial, oficializados na missão do Ecofuturo: promover qualidade de vida por meio do equilíbrio do desenvolvimento econômico, ambiental e humano". No discurso realizado na confraternização dos colaboradores da Suzano no final do ano de 2000, Max Feffer reiterava com clareza o que esperava do Ecofuturo que, a partir do ano seguinte, seria liderado por Marcos Edydio.

Logo no início de sua gestão, surgiu a oportunidade de abrir uma nova frente de atuação, para além dos projetos Ler é Preciso e do Parque que estavam amadurecendo. No ano 2000 a Suzano havia aprovado a tecnologia de produção de papel reciclado em escala industrial, uma inovação que vinha sendo testada desde 1996.

A iniciativa partiu de Daniel Feffer, na época responsável pela operação das chamadas Fábrica "A" (a primeira, fundada por seu avô Leon) e Fábrica "C" (a antiga Rio Verde, localizada próxima à unidade de Suzano). "Numa reunião, eu perguntei porquê não se aproveitavam as aparas que sobravam da fábrica de cartões, em Suzano, para fazer papel reciclado na Fábrica C. Parece que essa semente ficou lá, e se concretizou depois de alguns anos", conta Daniel. "Era uma ideia que simplesmente foi lançada numa reunião, não com a grandiosidade que acabou tendo", completa.

Na verdade, produzir papel reciclado era um antigo projeto da Suzano. Ainda nos anos 1970 Leon Feffer havia tentado fazer isso a partir de jornal e de aparas brancas. Mas o produto obtido não atingiu a qualidade esperada e nem chegou a ser lançado. Quem conta a história é o então gerente executivo industrial José Cavaletti: "Um dia, Seu Leon ligou lá na fábrica e disse assim: 'Estou enviando uma carga de aparas para vocês me fazerem um papel reciclado'. Naquela época, ninguém imaginava o que seria isso, mas resolvemos tentar. O resultado foi um papel meio esverdeado, muito ruim..."

Em 1992, mais uma tentativa, como lembra Cavaletti: "Durante a Rio 92, Daniel pediu para fazermos papel reciclado para levar para o Rio de Janeiro. Nós fizemos na máquina 3 do Ipiranga, com todos os esforços, porque a gente não tinha tecnologia e faltava um pouco de conceito. Mas fizemos o papel e enviamos para lá".

RECICLATO SUZANO

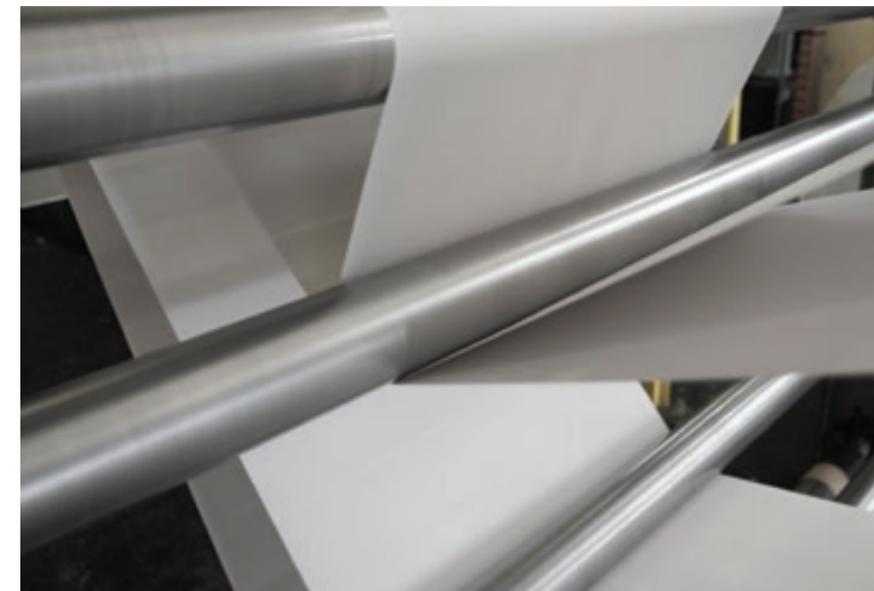


/// Linha de papéis Reciclato®. ///

Até que Daniel, afinal, teve a ideia de desenvolver uma tecnologia apropriada para fazer um papel de alta qualidade. "Antes, o papel reciclado era como um papel de pão, rústico, sem qualidade técnica", lembra Cavaletti que, então, aprofundou-se no assunto e formou uma equipe que, durante anos, trabalhou no projeto. Em novembro de 2000 a Suzano lançou, assim, o papel offset 100% reciclado, produzido a partir de 75% de aparas pré-consumo e 25% de aparas pós-consumo.

Este poderia ser "apenas" mais um produto pioneiro não fosse a percepção de que o papel reciclado carregava atributos que iam muito além da qualidade de impressão. Como lembra Marcos Edydio: "... sob o ponto de vista econômico era bacana, sob o ponto de vista ambiental era importante, havia a questão da economia de energia, do ciclo de vida. Era um produto diferenciado de fato, mas estava faltando a 'perna' social". Foi aí que a equipe do Ecofuturo teve um insight que mudaria tudo.

Um dos fornecedores de aparas de papel para a produção do Reciclato® era a Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis (Coopamare), uma cooperativa de



/// Máquina de papel. ///

O **conceito do Reciclato®** estava tão bem ajustado que, antes mesmo do lançamento oficial, a Suzano conseguiu um cliente de peso. O antigo Banco Real (mais tarde adquirido pelo Santander) vinha desenvolvendo várias ações para se posicionar como uma instituição **sustentável** e entendeu que o papel reciclado **materializaria** essa postura. Depois de uma negociação com a Suzano, o banco adotou o produto em toda sua papelaria, de correspondências a talões de cheque.



Reciclato®: é o primeiro papel brasileiro 100% reciclado produzido em escala industrial, e conhecido por suas fibras recicladas aparentes e de cor natural.



BRASIL JÁ TEM PAPEL OFFSET RECICLADO

Foi lançado no Brasil o Reciclato®, primeiro papel offset nacional 100% reciclado. Trata-se de um papel de qualidade, destinado ao mercado gráfico e para impressão. Por meio de parceria firmada com o Grupo Suzano (gigante no setor de papel e celulose), a Cooperativa de catadores de papel de São Paulo (Coopamare) pode faturar o dobro, passando a receber R\$ 0.14 pelo quilo do papel. A Coopamare conta hoje com 40 associados, sendo dez moradores de rua, além de 80 catadores autônomos. A cooperativa também recebeu um financiamento no valor de R\$ 35 mil, concedido pelo Ecofuturo, uma ONG do grupo Suzano. O Eco receberá 2% das vendas do Reciclato® para apoiar projetos sociais e ambientais.

Gazeta Mercantil, 20/03/2001 (Daniel Antiquera)

trabalho sem fins lucrativos criada em 1989 com o apoio da Organização e Auxílio Fraternal (OAF), instituição ligada à igreja católica que atendia pessoas em situação de rua. A prefeitura cedeu a eles o espaço sob o viaduto Paulo VI, em Pinheiros, próximo à sede administrativa da Suzano, e promulgou um decreto municipal que reconheceu a coleta de materiais recicláveis como atividade profissional, garantindo o direito ao trabalho.

Estabelecer uma parceria com a Coopamare poderia ser a vertente social que faltava para que o novo papel da Suzano fosse considerado um produto sustentável segundo o paradigma do Triple Bottom Line. Para tanto, Cavaletti e Christine Fontelles começaram alguns entendimentos com a cooperativa sobre como poderia ser esse relacionamento e, logo após a chegada de Marcos Egidio, Daniel o convidou para conhecer a Coopamare: "Era algo extraordinário! Um ambiente meio caótico, uma aparente desorganização mas, ao mesmo tempo, grande envolvimento das pessoas que estavam numa situação de vida muito precária, delicada, de exclusão", lembra Marcos. "Conversando com as pessoas, dava para perceber uma intensa energia empreendedora, de vida, de querer se superar, de buscar as coisas. Quando eu vi aquilo, disse: 'Daniel, realmente é uma oportunidade muito bacana!'. E aí, com o sinal verde dele, a Coopamare se tornou a principal fornecedora das aparas de papel que compunham a matéria-prima do papel reciclado da Suzano".

O acordo, afinal, envolveu a Suzano, o Ecofuturo e a Coopamare, num verdadeiro círculo virtuoso, engendrado pela articulação em rede que beneficiava catadores, indústria e sociedade. A Suzano reforçava

PROGRAMA DE INVESTIMENTO RECICLÁVEL (PIR): Avanço na cadeia produtiva

Em 2005, depois dos primeiros anos de parceria com a Coopamare para produzir o papel Reciclato®, a Suzano e o Ecofuturo perceberam que era necessário implementar uma estratégia que permitisse ampliar e regularizar a oferta de aparas pelas cooperativas de catadores, além de envolver outras organizações.

Foi então idealizada a criação de um "fundo rotativo", a partir do qual pudessem ser repassados recursos financeiros a cooperativas de catadores de materiais recicláveis. Para viabilizar a ideia, a Suzano e o Ecofuturo se uniram ao Banco Real (depois incorporado pelo Santander) e à Avina, associação fundada em 1994 para promover o desenvolvimento sustentável e, em 2007, lançaram o Programa Investimento Reciclável (PIR), que previa também ações de formação.

Coube ao Ecofuturo a coordenação do Programa, que visava, por meio do repasse de recursos financeiros reembolsáveis a juros baixos – 1% ao mês –, oferecer um leque de benefícios que ia da aquisição de equipamentos, veículos, melhorias estruturais ou capital de giro, à capacitação em processos de gestão e programas de qualidade de vida.

De um modo geral, o PIR teve impacto bastante positivo em várias das cooperativas parceiras, ajudando a alavancar suas operações e a estabelecer a aproximação entre todos os envolvidos, com um considerável ganho de conhecimento sobre o universo da reciclagem.

Após alguns anos, no entanto, com a criação do Plano Nacional de Resíduos Sólidos, foi estabelecida uma nova relação entre o poder público, empresas e catadores, pela qual agências governamentais passassem também a oferecer recursos não reembolsáveis às cooperativas. Com isso, a Suzano e o Ecofuturo consideraram que os objetivos iniciais do PIR tinham sido contemplados, com ganhos significativos para toda a cadeia produtiva, e, em 2012, os recursos do programa foram transferidos para o Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável (INSEA).

sua posição no mercado como empresa inovadora, não apenas porque era pioneira na produção industrial de um papel off set reciclado, mas também por ser a primeira indústria de grande porte do setor a estabelecer acordo comercial direto com uma cooperativa de catadores, pelo qual comprometia-se a pagar pelas aparas sempre o maior valor de mercado. O Instituto, por sua vez, se comprometia a promover a capacitação técnica e administrativa dos cooperados para que eles pudessem aprimorar seu negócio. Por fim, a sociedade paulistana se beneficiava com a retirada das ruas de mais de 200 toneladas/mês de material reciclável, parte dele usado para fazer o papel.

O novo produto ganhou nome próprio - Reciclato® - e foi lançado oficialmente em 20 de março de 2001 numa grande festa na Casa das Caldeiras, edifício histórico que integrava o complexo da tradicional Indústrias Matarazzo e que havia sido restaurado para abrigar eventos. A festa materializou o próprio conceito do Reciclato®, unindo o staff da Suzano e de todo o setor de papel e celulose, autoridades públicas, pessoas ligadas às causas ambientais, representantes da Coopamare e seus próprios convidados.

Max Feffer, em especial, estava exultante na celebração. Segundo Marcos Egydio, declarou: “Eu estou numa alegria inédita porque é a primeira vez que percebo o Grupo Suzano com uma linguagem universal. É exatamente isso que eu estou buscando como posicionamento da empresa. Aqui tem uma combinação de valores, de princípios, de competitividade, pragmatismo, de escala, de margem, mas também a questão social e ambiental que tem linguagem universal”.

De fato, o Reciclato® não apenas reforçou a tangibilidade do propósito do Instituto, em estreita conexão com o negócio da mantenedora, como teve uma extraordinária aceitação no mercado. Várias empresas adotaram o produto, utilizando-o em publicações oficiais, como relatórios anuais, tradicionalmente confeccionados em papéis considerados mais sofisticados, como o Couché Suzano®.

Outra qualidade do Reciclato® foi aproximar as áreas de vendas da proposta de sustentabilidade. Para vender o produto era preciso conhecer seu conceito socioambiental e, assim, a equipe do Ecofuturo começou a ser demandada pelos vendedores para fornecer orientações específicas sobre produto. Talvez fosse interações como essa que Max Feffer esperava, quando disse que queria “humanizar” a Suzano.

AJUSTE ESTRATÉGICO

Apenas alguns dias depois do lançamento do Reciclato®, em 2001, a alegria pelos primeiros resultados foi interrompida pela notícia do falecimento de Max Feffer. Ninguém esperava que um homem forte e saudável, no auge da carreira, perdesse a vida tão inesperada e precocemente - nem a família, nem a empresa.

Para o Grupo Suzano, o baque teria sido maior se o processo de transição para um novo modelo de governança não tivesse sido iniciado anos antes. David e Daniel Feffer estavam sendo preparados para suceder Max na direção dos negócios e teriam naquele momento a inestimável colaboração do Conselho, principalmente de Boris Tabacof, que assumiu a presidência até que David pudesse fazê-lo.

Mesmo assim, como se pode presumir pela precocidade do falecimento de Max, seguiu-se uma fase de certa instabilidade, que também foi sentida pela equipe do Ecofuturo. Foi preciso esforço redobrado para manter o foco e dar continuidade à conceituação dos projetos, à forma de atuação do Instituto e suas relações com o Grupo.

Depois de algumas tentativas para construir um planejamento estratégico com uma metodologia participativa, em 2002 o Ecofuturo passou a contar com o apoio de uma consultoria especializada, a McKinsey, que já estava dando suporte às operações de fusão da Suzano com a Bahia Sul e era uma das pioneiras no mercado brasileiro em trabalhar a sustentabilidade corporativa.

Depois de alguns meses, importantes mudanças foram levadas a efeito. A primeira foi uma revisão estrutural, com ajustes no Conselho Diretor. Ao invés de uma estrutura proforma, seriam reunidos conselheiros entre acionistas - especificamente, David, Daniel e também Jorge Feffer -, principais executivos do Grupo e dois conselheiros externos, originalmente o professor Jacques Marcovitch e Cláudia Costin, então ministra de Administração e Reforma do Estado.

Essa providência fez com que o Ecofuturo ficasse mais independente em termos de imagem e “personalidade” institucional, embora a Suzano continuasse sua mantenedora, assegurando custos fixos de manutenção. Ficava definido, portanto, que apenas para o desenvolvimento dos projetos seria feita captação externa de recursos, por meio da busca de apoiadores e patrocinadores.

Em relação aos projetos do Instituto, foi reiterada a atuação nos dois grandes Focos Temáticos - Educação/Cultura e Meio Ambiente - que, por sua vez, seria expressa em quatro prerrogativas: Apontar caminhos para questões sociais e ambientais; Preservar a biodiversidade e gerar emprego e renda; Ser vetor de transformação social e Constituir-se como modelo nacional e de padrão internacional nessa área.

Com relação à estrutura organizacional, foi definido que Ecofuturo deveria manter uma equipe enxuta, mas própria - o que significava dizer que para liderar os dois “pilares” do Instituto, Christine Fontelles deixaria a Comunicação Corporativa da Suzano em 2002 para ser diretora do Ecofuturo e Paulo Groke faria o mesmo, dois anos depois.

O grupo seguiria responsável pelo planejamento global e monitoramento dos projetos, mantendo a implantação com parceiros especializados, seguindo a estratégia de “não inventar a roda”, mas compor com organizações e profissionais de notório saber para ampliar escala e impacto e implementar melhorias contínuas. Também foram revisados os principais processos administrativos e de tomadas de decisão, e adotadas metodologias de elaboração de planos de negócio.

"A gente tem essa dualidade – se você produz você não pode conservar, ou se conserva não pode produzir. Isso caiu por terra, hoje é conservar e produzir. Você tem que incorporar grande parte dos elementos da gestão privada na gestão da sociedade."

ROBERTO WAACK
Conselheiro da Superintendência do Instituto Ecofuturo

Em paralelo, a Suzano trabalhava em seu próprio projeto de reposicionamento estratégico. Com a perda de Max foram adotados novos modelos de gestão, conforme as demandas daquele período que exigiam ainda mais transparência e excelência empresarial. Em 2003 foi criada a Suzano Holding e a Suzano Papel e Celulose aderiu ao Nível 1 de Governança Corporativa da Bovespa, ampliando seu relacionamento com o mercado de capitais.

Por ironia, justamente nesse momento profícuo começou a perder força a intensa conexão que existia entre o Ecofuturo e a empresa, que era representada pelo próprio Max. O Instituto não teria sido criado com uma ambição superior ao pouco tempo que teve para se estruturar sem a sua determinação pessoal. Como um dos últimos representantes de uma geração de empreendedores brasileiros, marcada pelo carisma e pelo personalismo, Max Feffer não exigiu estudos, planilhas, análises detalhadas ou benchmarks para seguir adiante com o projeto. Guiou-se pela percepção sobre a importância de compartilhar conhecimento relevante para viabilizar melhorias que precisavam ser implementadas no mundo, de uma forma inédita, pulsante e autoral.

Uma convicção sintetizada na frase que costumava proferir e que se tornou uma espécie de slogan do Instituto: **"A vida que a gente quer depende do que a gente faz"**.

Entretanto, alguns anos depois, ainda que Max não tivesse falecido, uma nova relação entre o Ecofuturo e a Suzano se impunha. O mercado se transformou completamente, com os novos paradigmas da globalização, novas regras e cada vez mais demandas em nome da competitividade. Como o próprio Boris Tabacof avalia: "Investir significava responsabilidade, dívidas, várias coisas. E às vezes não há muito espaço na agenda dos dirigentes para se ocupar de verdade disso, colocar a alma no negócio. (...) A verdade é que esse não é um objetivo prioritário, e nem podia ser porque a razão de ser de uma empresa é apresentar resultados econômicos".

Foi, assim, necessário encontrar caminhos de diálogo e de afirmação para que o Ecofuturo não se transformasse no "braço social" da Suzano, mas na "terceira via" em busca do desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, o apoio incondicional da família controladora fez toda a diferença.

David, que assumiu a presidência do Conselho de Administração, sempre foi um grande defensor e entusiasta do trabalho realizado pelo Ecofuturo, inclusive em relação ao que o Instituto revertia em capital intangível para a empresa: "Eu tenho a impressão que o Ecofuturo dá mais para a Suzano do que a própria Suzano consegue perceber hoje, porque ele tem uma franquia muito importante", afirma. "Todo mundo que tem contato com o Instituto fala: 'Uau! Eu não sabia disso!' As pessoas ficam muito positivamente impactadas e replicam (...). Talvez nem todos na Suzano percebam isso em toda sua magnitude". Ou seja, David passaria a zelar pela perpetuidade de um projeto que representa a essência da Suzano.

Daniel, por sua vez, como vice-presidente do Conselho e diretor de Comunicação foi um importante parceiro, especialmente de Christine Fontelles: "A possibilidade do Ecofuturo existir naquele momento foi porque Daniel estava muito preocupado em levar adiante uma ideia diferenciada, algo que fosse inovador. Ele somava, compunha, abria portas. Ele buscou levar adiante o sonho, um sonho que não sei se era do 'Seu' Max ou de todos nós", conta Christine. Esse apoio irrestrito, afinal, permitiu ajustar as rotas sempre que necessário, garantindo a consolidação e o desenvolvimento do Instituto Ecofuturo. ✨



*“Albert Camus dizia que ‘felicidade é coincidir a vida com as ideias’.
É o que estamos fazendo hoje, aqui, ao anunciar (...) o lançamento
do Instituto Ecofuturo para o desenvolvimento sustentável;*

COINCIDINDO *sucesso com responsabilidade empresarial,*
CRESCIMENTO COM PRESERVAÇÃO AMBIENTAL
desenvolvimento com justiça social.”

“O Ecofuturo já existia dentro da Suzano! Já existia todo o trabalho ecológico, todo o trabalho de manejo. A Suzano tem um papel fundamental na constituição e no espírito do Ecofuturo, dá a ele o espírito de efetividade, de eficácia, de práxis.”

JORGE FEFFER

Conselheiro do Instituto Ecofuturo



A Mata Atlântica, associada a ecossistemas como restingas, manguezais e campos de altitude, originalmente se estendia por mais de um milhão e trezentos mil quilômetros quadrados em 17 estados do território brasileiro.

Originalmente, reiterando, porque grandes extensões da mata foram devastadas desde a chegada dos colonizadores europeus. Primeiro, foi a prática de um modelo de extrativismo predatório que, entre outros danos, levou à quase extinção do Pau Brasil. Depois, a sucessão dos vários ciclos econômicos - da cana-de-açúcar, da pecuária, da mineração e o do café, já no século XIX, quase a dizimou. Somou-se a isso a retirada de madeiras de lei, as carvoarias e, finalmente, a pressão urbano-industrial.

Resultado: de acordo com o Atlas Ambiental, lançado pela Fundação SOS Mata Atlântica em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), publicado em dezembro de 2016, a vegetação nativa do bioma está reduzida a cerca de 12,5% de sua cobertura original. Desse total, apenas 8,5% representam fragmentos acima de 100 hectares, a maior parte em propriedades particulares e na Serra do Mar, por conta do relevo acidentado, sobretudo no estado de São Paulo – curiosamente, o estado mais industrializado e populoso do País.

Esse foi o motivo da criação do Parque Estadual Serra do Mar, em 1977, que viria a constituir a maior Unidade de Conservação da Mata Atlântica, com 332 mil hectares em 25 municípios paulistas, conectando as florestas da Serra do Mar desde a divisa com o Rio de Janeiro até o Vale do Ribeira, no litoral sul, formando o maior corredor biológico da Mata Atlântica no Brasil.

Mesmo reduzida e fragmentada, a Mata Atlântica ainda é considerada um dos mais ricos ecossistemas do mundo. Abriga mais de 20 mil espécies vegetais - aproximadamente 35% das espécies existentes no Brasil - incluindo algumas endêmicas e ameaçadas de extinção. Só para se ter uma ideia do que isso significa, essa diversidade é maior que a de alguns continentes, como da América do Norte, que tem cerca de 17 mil espécies, e da Europa, com 12.500. Por tudo isso, é altamente prioritária para a conservação da biodiversidade mundial.

É nessa vizinhança para lá de especial que se encontra a antiga Fazenda Sertão dos Freires, encravada nos municípios de Mogi das Cruzes, na Grande São Paulo, e Bertioga, no litoral paulista. A história mais remota de que se tem notícia sobre a região é que na década de 1910 começou a operar ali uma das primeiras usinas hidrelétricas do Brasil, a Usina Itatinga,

“Desde quando comecei a trabalhar no Ecofuturo, em 2012, como guarda-parque, aprendi muitas coisas. Entre as principais, aprendi como podemos ajudar com a recuperação da natureza em uma área que antes foi impactada para produção de carvão e onde depois só havia eucalipto praticamente. Eu lembro daqui desde quando era criança. Hoje, graças aos programas que desenvolvemos e ao envolvimento da comunidade, tudo mudou. Pra mim, o Parque das Neblinas é um belo exemplo do que se pode fazer em termos de restauração, conservação e também de manejo sustentável.”

DAVID ALMEIDA

Morador de Taiacupeba e Supervisor de Operações no Parque das Neblinas



/// Rio Itatinga, no Parque das Neblinas. ///

no rio de mesmo nome, construída para gerar energia para o Porto de Santos. A partir dos anos 1930 e 1940 a região passou a ser desmatada para fornecer lenha para uso urbano e carvão para uma siderúrgica localizada em Mogi das Cruzes. Até que, em 1966, a Suzano comprou parte da área por conta dos eucaliptos plantados pela siderúrgica, um bom negócio dada a proximidade com a fábrica que, a essa altura, estava operando à plena carga produzindo celulose e papel.

Com a estruturação da DNR e a elaboração do RIMA no final dos anos 1980, no entanto, a área passou a receber mais cuidados de conservação ambiental, como a proteção dos mananciais e dos remanescentes de Mata Atlântica. Algumas zonas de produção de eucalipto foram abandonadas por conta disso e, como se trata de uma área de topografia acidentada, com clima úmido, extensa malha hídrica e intensa dispersão de sementes, criaram-se as condições ideais para a formação de uma diversidade vegetal que "acabou compondo um cenário visualmente agradável e instigante do ponto de vista científico", no dizer do Plano de Manejo, que seria realizado anos depois.

A GESTÃO DO PARQUE DAS NEBLINAS

Apesar dos cuidados implantados pelo RIMA, até o final dos anos 1990 a Fazenda Sertão dos Freires ainda era destinada à produção. Havia ali um núcleo habitacional com aproximadamente 200 residências, duas escolas rurais, centro de convivência e campos de futebol para atender à população residente, composta pelos funcionários, empreiteiros e suas famílias.

Uma ocupação que, obviamente, gerava impactos ambientais de várias ordens. Os afluentes do rio Itatinga, por exemplo, recebia dejetos sem tratamento adequado. Como o acesso ao rio era livre, alguns pontos transformaram-se em atrativos turísticos, como a Cachoeira do Sertão, que recebiam muitos visitantes nos fins de semana, entre pessoas da própria fazenda e do entorno. Sem qualquer estrutura para comportar a atividade, essas áreas ficavam repletas de lixo. Havia ainda problemas como a presença de animais domésticos soltos, a caça e a extração ilegal e predatória de palmito e de plantas ornamentais.

Antes do Ecofuturo começar a implementar seus projetos para a área, a Suzano decidiu mudar o modelo de produção em todas as suas fazendas, em especial as próximas a grandes centros urbanos, onde não fazia mais sentido manter funcionários e terceiros residentes. Era uma providência para otimizar custos, uma vez que na maioria desses locais os funcionários já contavam com acesso a equipamentos públicos urbanos como escolas, postos de saúde e estabelecimentos comerciais.

Porém, mesmo com o esvaziamento na vila existente em Sertão dos Freires, desde logo se determinou que a base de qualquer ação ou projeto a ser desenvolvido no local teria necessariamente que envolver a comunidade local, em especial do distrito de Taiapuêba, que pertence a Mogi das Cruzes, por onde é feito o acesso ao Parque (apesar de a maior

parte da área fazer parte do município de Bertogoa). No dizer de Paulo Groke: "Essa foi a nossa aposta, uma estratégia na qual o **relacionamento e a troca** se impunham como elemento de garantia da conservação desse patrimônio biológico, hídrico e cultural representado pela Mata Atlântica. Uma das principais missões do Parque seria formar uma zona de amortecimento – ou buffer – para tentar absorver o impacto do crescimento desordenado da Grande São Paulo, gerando **tecnologias socioambientais** que possam ser replicadas e, com isso, proteger os principais remanescentes da Mata Atlântica. E como fazer isso sem o envolvimento da comunidade?".

Com essa questão resolvida, começaram as definições sobre a proposta de parque a ser implantado. Inicialmente, idealizou-se voltar as ações totalmente ao ecoturismo. Foi mobilizada uma equipe de consultores especializados no assunto, como o próprio João Meirelles e a equipe da empresa Seivatur Ecoturismo, representada por Flávio Lessa da Fonseca e outros técnicos. Esse grupo contou ainda com o apoio de arquitetos, engenheiros, atletas e representantes de associações ligadas a práticas esportivas para fazer um amplo levantamento do potencial ecoturístico da região.



/// Igreja Matriz de Taiapuêba. ///

Algumas fontes dão conta que o nome Taiapuêba vem do fato de ali se concentrar grande quantidade de porcos selvagens, que os indígenas denominavam Tayassu pecari (TAI = dentes; ASSU = grande e PEBA = branco). A região fica à beira do Rio Jundiá, que deságua no rio Tietê na divisa entre Mogi das Cruzes e Suzano. Sua colonização teve início em 1864, quando o local era um núcleo de bandeirantes. Hoje é o maior distrito rural de Mogi.

Uma das primeiras ideias foi dar ao lugar um nome fantasia mais sugestivo do que Sertão dos Freires, ainda que essa denominação tivesse um sentido histórico. A inspiração veio do clima local, uma das áreas com maior precipitação hídrica do Brasil, porque a umidade que vem do mar se condensa ao encontrar o maciço da serra. Esse choque, frequentemente, faz com que a região seja tomada por densa neblina, onde - para usar a expressão popular - não se vê um palmo à frente dos olhos.

Houve quem considerasse a névoa algo preocupante, que poderia desestimular o ecoturismo. Mas o consultor João Meirelles teve a ideia: "Por que não assumimos essa característica como um diferencial e damos o nome de **Parque das Neblinas** ao lugar?". O nome era perfeito, um tributo à natureza exuberante da região.



O Centro de Visitantes do Parque das Neblinas foi implantado em um prédio onde funcionava uma escola rural, porque partiu da ideia de reutilizar os espaços existentes para poupar recursos.

Na reforma, foi priorizado o uso de materiais disponíveis localmente, como bambu e madeira de florestas plantadas, além de itens ecoeficientes e certificados. Da mesma forma, buscou-se utilizar mão de obra local, gerar o mínimo de resíduos e usar formas alternativas de energia.

Como resultado, o Parque ganhou um simpático Centro de Visitantes, com amplo saguão, sanitários e vestiários, uma sala-auditório equipada para até 50 pessoas, além de uma cozinha e uma área para refeições e descanso. O detalhe de aconchego é um fogão à lenha, onde sempre podem ser encontrados um bule de café e bolinhos de chuva.

MESMOS CAMINHOS, NOVOS RUMOS

A certeza na vocação ecoturística do Parque era tanta que, antes mesmo que fosse concluído o relatório intitulado Manejo Florestal Parque das Neblinas - Etapa pioneira, de março de 2002, começaram a ser construídas algumas estruturas de suporte. Em 2001 foi montado o Centro de Visitantes, a partir da adaptação de uma velha estrutura que abrigava uma das escolas rurais da fazenda. As antigas estradas de serviço, antes usadas para exploração ilegal de madeira e palmito ou para a caça, começaram a se transformar em trilhas para a prática de caminhadas ecológicas.

O primeiro circuito, com quase três mil metros de extensão, integrou quatro trilhas mais próximas ao Centro de Visitantes, passando por áreas de mata ciliar mesclada com eucaliptos, com muitas bromélias, cactos e micro-orquídeas, além de pequenas praias formadas pela deposição de areia nas margens do rio Itatinga, suas cachoeiras e piscinas naturais. No final do circuito, foi construída uma passarela suspensa de

madeira, com 100 metros de extensão e sete metros de altura no ponto mais alto.

A trilha suspensa foi construída por Renato Trench, especializado em arborismo, que convidou Guilherme Rocha para ajudá-lo na empreitada. Depois da conclusão do trabalho, Guilherme colaborou para estruturar as trilhas e, no final, foi contratado para ser guarda-parque - "Bebi a água do Itatinga e acabei ficando", brinca.

A formação de um guarda-parque envolve noções teóricas de legislação e educação ambiental em Unidades de Conservação, Relações Públicas e o domínio de técnicas de primeiros socorros e sobrevivência na mata. Por isso a presença de um profissional especializado como Guilherme seria muito importante para reunir e treinar a primeira equipe de

"Eu era estudante, super participativa, e teve uma apresentação na Câmara Municipal de Mogi sobre o que seria o Parque das Neblinas. Isso foi em 2002... Meus olhos brilharam!"

Sem pretensão nenhuma de trabalhar aqui, nada disso. Eu pensei: 'Gente, que coisa linda! O que a Suzano está fazendo! Que bacana! Era uma região que eu não conhecia, apesar de estar tão próxima da gente!'"

MICHELE MARTINS

Bióloga, moradora de Taiáçupeba e responsável pelos programas de visitação, relacionamento comunitário e educação socioambiental no Parque das Neblinas



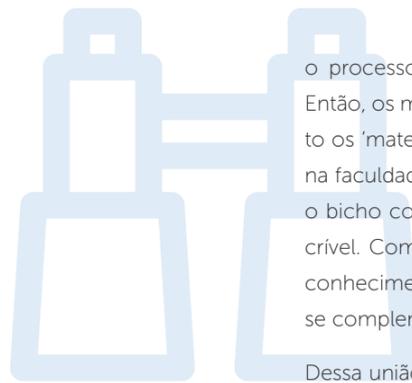
Totalmente baseada em árvores vivas de eucalipto, a trilha suspensa foi projetada para ser **a maior atração do Parque** já que, pelo menos até aquele momento, não existia nada similar em parques próximos a São Paulo.



monitores e guias do Parque das Neblinas, recrutados nas comunidades do entorno.

Como lembra Guilherme, “no início, vinha aquela ideia - ‘Por que o Ecofuturo não chama uma grande agência de ecoturismo para operar a visitação no Parque?’”. Mas a gente começou a falar: ‘Não   por aí! Vamos tentar uma opera o local, vamos fazer um trabalho com a comunidade’. E aí nasceu o primeiro curso de monitores. Em 2003 fizemos um processo de sele o e trouxemos a primeira turma que era incrível, uma turma engajada e muito qualificada. Metade da turma era de Taiaçupeba e a outra metade era de Mogi. Vinham com uma bagagem muito legal, porque muitos deles trabalhavam no Parque Municipal Chiquinho Veríssimo, uma referência na região”.

Michele Martins foi uma das primeiras monitoras e até hoje trabalha no Parque, respondendo pelos programas de visita o, relacionamento comunitário e educa o socioambiental. Ela conta que desde o início, a equipe do Ecofuturo recrutou dois tipos de profissionais: os tecnicamente capacitados na Academia, como biólogos e engenheiros florestais, e pessoas da comunidade que possuíam conhecimentos tradicionais. De um lado, o Instituto buscou o apoio de uma ONG de Taiaçupeba denominada Grupo de Apoio ao Desenvolvimento Social Solidário (GADESS), além de divulgar a iniciativa em encontros e palestras nas universidades e espaços públicos da região. De outro, tratou de conscientizar muitos dos que eram, justamente, aqueles que praticavam a caça e a coleta ilegal de palmito e de plantas ornamentais - afinal, ninguém conhecia a região como eles. Como lembra Michele: “Na época, houve uma percep o muito clara de que não adiantava vir com algo pronto, uma tecnologia de fora, tinha que ser uma **constru o coletiva**. E esse primeiro grupo de monitores começou a fazer tudo de forma muito unida, tudo construído de forma coletiva. Começamos a discutir como seria



o processo de visita o, como seriam as trilhas... Então, os monitores começaram a perceber o quanto os ‘mateiros’ sabiam! A gente aprende mil teorias na faculdade, mas o cara sabe o cheiro da fruta que o bicho come, na época tal, um conhecimento incrível. Começamos a perceber que, na verdade, os conhecimentos se complementam, as informaçoes se complementam”.

Dessa união do técnico com o empírico, do conhecimento acad mico com as tradi oes passadas de gera o em gera o, o Instituto Ecofuturo conseguiu criar um modelo diferenciado de atua o, que sempre busca construir uma ponte entre esses saberes. “A gente sempre tem que ter alguém que   mateiro ou foi caçador junto com o pesquisador”, conta Michele, “tanto para ele desenvolver algumas percep oes mais científicas, de cuidado de monitoramento ou manejo de alguns equipamentos, como o contrário. O pesquisador também costuma se surpreender com o conhecimento dos mateiros, acaba sendo tudo um **grande aprendizado** para ambos”.



/// A presença de animais como onças pode ser confirmada também pelas marcas que deixam ao afiarem as garras nas árvores. ///

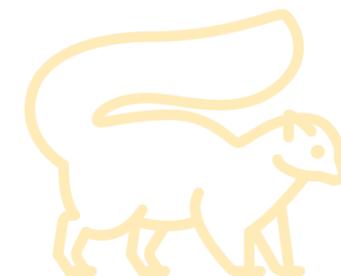
“Eu costumava levar muitos pesquisadores para dentro da floresta. Eles não sabiam nada, s  teoria! E eles ficavam em cima para tentar aprender, mas   difícil. O que eu sei da mata vem da minha infância, não aprendi de uma hora para outra.

Lembro quando trouxeram duas câmeras, mas os pesquisadores não conseguiam achar nada, queriam fotografar onça. Mas os caras não filmavam onça nem a pau.

Então, de curioso eu falei: ‘Vou armar essas câmeras aí!’. E perguntaram: ‘O que você vai fazer?’ E eu falei: ‘Vou filmar onça, vou filmar tudo’. E aí eu fui aprendendo, fui fu ando, e coloquei a câmera como se fosse armar uma armadilha. Achei o arranhado da onça numa árvore, ela faz isso para gastar as unhas e marcar território. Então fui onde ela arranhou, vi que estava fresco e urinei em cima. A  eu marquei mais ou menos uma distância, camuflei a câmera, não deixei   mostra como eles deixam, s  deixei a lente de fora. E aí... Pum! No dia seguinte estava l  a foto da onça!”

“SANDR O”

(Sandro Custódio Silva)
Ex-caçador que se tornou monitor do Parque das Neblinas





“Porque ecologia é o estudo de nossa casa. A ciência voltada para a relação de cada um consigo mesmo, com o outro e com o todo.”

MANIFESTO ECOFUTURO





“Tenho participado de algumas ações do Parque das Neblinas. Na primeira vez que eu fui lá, sendo eu também pajé e curador, tive sonhos sagrados naquele lugar. Sonhei com os espíritos do lugar, espíritos fortes, espíritos puros, sonhei com os espíritos da natureza, vibrando, ainda presentes... Porque têm muitas matas, mas têm poucas matas onde têm espíritos vivos. O Parque das Neblinas é um lugar onde os espíritos puros, os espíritos de luz – das águas, da natureza – ainda vivem, ainda estão lá, dentro daquela imensidão. E foi assim que nós começamos a caminhar, junto com o propósito do Parque das Neblinas. Tive a honra de participar do lançamento da pedra fundamental do Parque e nós estamos sonhando algumas coisas para lá. Sonhando, caminhando e, na medida do possível, fazendo algumas coisas.”

KAKÁ WERÁ JECUPÉ

Escritor, ambientalista e conferencista, durante cerimônia de inauguração do Parque das Neblinas em 2004

ecofuturo
PARQUE
DAS NEBLINAS

NOVA VOCAÇÃO

Em setembro de 2002, quando a infraestrutura básica do Parque das Neblinas estava quase pronta, decidiu-se fazer um evento de lançamento da pedra fundamental. Foram convidados representantes de quatro prefeituras regionais e do movimento ambientalista, a equipe do Ecofuturo, diretores e acionistas da Suzano. O ponto alto da programação foi uma cerimônia ecumênica comandada pelo escritor, ambientalista e conferencista Kaká Werá, de origem indígena caiapó.

Tudo parecia estar caminhando para que o Parque das Neblinas se transformasse de fato em um polo ecoturístico, mas logo depois do lançamento da pedra fundamental houve uma mudança. Lembrando que esse momento coincidiu com toda a mobilização em torno do planejamento estratégico da Suzano e do Ecofuturo, percebeu-se a necessidade de explorar outras fortes vocações do Parque, que eram a educação socioambiental, a pesquisa científica e o fato de aquela área ser um verdadeiro laboratório para o desenvolvimento de técnicas de restauração florestal.

Corroborou esse novo posicionamento o Plano de Manejo do Parque, concluído em 2004. O Plano, desenvolvido pelo Instituto Ecofuturo em parceria com o Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), aprofundou o conhecimento sobre os aspectos ambientais, físicos e sociais de toda a fazenda e cruzou essas informações com a legislação ambiental, gerando uma proposta de zoneamento, de acordo com o potencial natural e as demandas de proteção de cada zona.

O Plano de Manejo também embasou a definição da natureza jurídica do Parque. Tecnicamente, um parque é uma Unidade de Conservação destinada à proteção de áreas representativas de ecossistemas, atributos naturais ou paisagísticos, sítios geológicos etc. Portanto, é uma área de grande interesse científico, educacional, recreativo ou turístico.

Se entendido dentro dessa definição, todo o Parque das Neblinas teria de ser uma Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN). Isso, no entanto, inviabilizaria a realização de atividades de manejo florestal da Mata Atlântica. Dessa forma, o Plano indicou a pertinência da criação de uma RPPN apenas em parte do território da fazenda – 518 hectares –, coincidindo com porções de floresta nativa de maior valor de conservação.

“Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) é uma categoria de unidade de conservação criada pela vontade do proprietário rural, ou seja, sem desapropriação de terra. No momento que decide criar uma RPPN, o proprietário assume compromisso com a conservação da natureza e esse compromisso possui caráter perpétuo.

Além de preservar belezas cênicas e ambientes históricos, as RPPNs assumem, cada vez mais, objetivos de proteção de recursos hídricos, manejo de recursos naturais, desenvolvimento de pesquisas científicas, manutenção de equilíbrios climáticos ecológicos entre vários outros serviços ambientais.

Atividades recreativas, turísticas, de educação e pesquisa são permitidas na reserva, desde que sejam autorizadas pelo órgão ambiental responsável pelo seu reconhecimento.”

Fonte: “O que é uma RPPN?”, WWF Brasil.

Em 2009, a criação da RPPN Ecofuturo, com 518 hectares localizados na área de maior valor de conservação do Parque das Neblinas, foi oficializada pela Fundação Florestal do Estado de São Paulo.

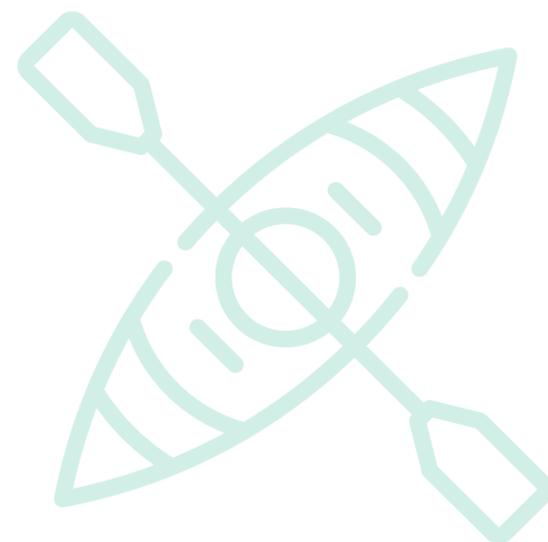
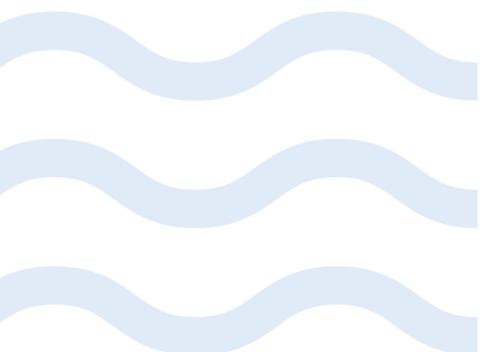


A restauração florestal busca não somente o restabelecimento de cobertura vegetal sobre determinada área. Trata-se de um processo que objetiva o **desenvolvimento de vegetação** com características semelhantes as da cobertura florestal original, assim como o **reestabelecimento da biodiversidade** e das complexas relações entre os organismos. Ou seja, a restauração é um processo que tem como objetivos resgatar a função ecológica de uma área florestal e garantir sua sustentabilidade (no sentido biológico do termo) ao longo do tempo.

As favoráveis condições existentes no **Parque das Neblinas** permitem que boa parte do processo de restauração seja realizado de forma passiva, ou seja, sem necessidade de muitas intervenções diretas. Até 2017, **133 espécies arbóreas nativas** já haviam sido identificadas sob o dossel dos antigos plantios de eucalipto, atestando o vigor do processo regeneração natural.



/// Rio Itatinga no Parque das Neblinas. ///



PLANO DE MANEJO: O manual de instruções do Parque das Neblinas

O Plano de Manejo é um documento técnico que estabelece as normas de gestão, o uso dos recursos naturais e o zoneamento de uma unidade de conservação. Desde 2000, quando foi criado o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), todas as unidades de conservação públicas do País, como os Parques Nacionais ou Estaduais, devem dispor de um Plano de Manejo que inclua área da própria unidade, a zona de amortecimento e os corredores ecológicos, e ainda propor medidas para a integração da área à vida econômica e social das comunidades vizinhas.

Pelos protocolos do SNUC, o Parque das Neblinas não precisaria ter um Plano de Manejo por se tratar de uma área privada. Mas mesmo assim o Ecofuturo sempre procurou gerir a área direcionando os programas de pesquisa, manejo, proteção, gestão e uso público de acordo com as orientações do SNUC.

Dessa forma, o primeiro Plano de Manejo, de 2004, definiu cinco zonas de uso: de Visitação e Uso Sustentável, de Recuperação, de Administração, de Proteção e de Sobreposição ao Parque Estadual da Serra do Mar, sendo que esta última só foi considerada uma zona específica porque tratava-se de um perímetro que, embora incluído no Decreto de criação do Parque Estadual da Serra do Mar, ainda não estava desapropriado no momento de desenvolvimento do Plano. A Zona de Visitação e Uso Sustentável correspondia às áreas onde ainda predominavam os eucaliptos, apesar da vegetação nativa estar se regenerando. Por isso, ela foi destinada a receber a infraestrutura de suporte, como o Centro de Visitantes. Ali também foram permitidas atividades de manejo sustentável da Mata Atlântica, como o manejo para a produção de juçara, plantas ornamentais e medicinais, além da própria extração de madeira dos eucaliptos que ainda restavam, entre outras ações consideradas de importância estratégica para a geração de receitas e a sustentabilidade da área.

Já a Zona de Recuperação integrou três glebas onde a Mata Atlântica estava no estágio inicial de regeneração e, portanto, foi destinada a práticas de restauração florestal.

A Zona de Administração, como o próprio nome diz, foi destinada aos escritórios, habitações, viveiros e outros equipamentos necessários às atividades de gestão, manutenção e serviço.

Por fim, a Zona de Proteção integrou áreas com fragmentos de Mata Atlântica e florestas secundárias, com espécies da flora e da fauna e fenômenos naturais de valor científico. Portanto, seu uso foi direcionado apenas às atividades de restauração, pesquisa científica, manejo florestal e educação ambiental, sendo permitidas formas de lazer de baixo impacto, como caminhadas.

O Plano de Manejo, no entanto, já passou por várias revisões. A ideia é que seja um documento dinâmico, constantemente atualizado.





/// Inauguração
do Parque das Neblinas. ///

Antes que isso se efetivasse - apenas em 2009 a Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo oficializaria a RPPN - aconteceu a inauguração oficial do Parque das Neblinas, em outubro de 2004, num evento com muita circunstância e significado.

Entre os convidados presentes estavam a então Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, o Secretário de Meio Ambiente de São Paulo, José Goldemberg, prefeitos de toda a região da área de influência do Parque, praticamente todas as lideranças ligadas à questão da sustentabilidade do País e os profissionais do setor de papel e celulose.

Para que o evento fosse ainda mais especial, programou-se a assinatura de dez protocolos de intenção durante a cerimônia, que incluíam, por exemplo, a certificação do Parque como Posto Avançado da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, pelo Programa Homem e Biosfera (MaB), da Unesco no Brasil e a

parceria com o Centro de Estudos de Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas (FGV), além do próprio Termo de Comodato, no qual a Suzano entregava formalmente a administração da fazenda ao Instituto Ecofuturo, por 20 anos.

Em pouco tempo, no entanto, haveria significativa expansão do Parque. Quando surgiu a ideia inicial, foi destinada uma área de 1.355 hectares, correspondentes à fazenda denominada Sertão dos Freires II, sendo que a Suzano continuava produzindo madeira numa gleba chamada Sertão dos Freires I e Pedra Branca. Mas logo se concluiu que a atividade era incompatível com a proposta do Parque, como conta Groke: "Em 2002, durante o período de chuvas, o rio Itatinga estava muito barrento. Eu e o João Batista, supervisor de Operações Florestais da DRN, resolvemos caminhar rio acima para identificar a origem do problema, até que chegamos a um ponto onde havia atividade de colheita e de baldeio de madeira e a água proveniente da enxurrada das estradas estava sendo canalizada para um córrego que deságua no Itatinga. Fizemos então um relatório para a DRN, dizendo que eram necessárias algumas providências para proteger o rio, que sofria uma série de impactos físicos e biológicos pela turbidez da água: drenar a estrada, direcionar melhor as saídas da água, deixar de baldear madeira em dia de chuva".

Porém, como o custo de operação naquele local já era alto devido à grande declividade e às chuvas constantes, a melhor solução encontrada foi deixar de fazer silvicultura na área e incorporá-la ao Parque, que assim passou a ter 2.788 hectares ainda em 2002.

MANEJO FLORESTAL E A COMUNIDADE

Diante das definições do Plano de Manejo de 2004, após a inauguração oficial do Parque das Neblinas ao invés de continuar o processo de estruturação dos recursos ecoturísticos, começaram a ser desenvolvidas outras frentes de trabalho, como o suporte às pesquisas científicas e, principalmente, o desenvolvimento do Programa de Manejo de Produtos Florestais, voltado a estimular o uso de espécies nativas para valorizar os remanescentes florestais indispensáveis à conservação da Mata Atlântica.

Vários itens da biodiversidade local foram considerados para a produção econômica sustentável: a samambaia-preta, a helicônia, o cambuci e, sobretudo, a palmeira-juçara (*Euterpe edulis*), a que demonstrou o melhor potencial entre todos. Como um dos mais importantes produtos não madeireiros da Mata Atlântica, a juçara estava praticamente extinta na área do Parque pela ação predatória dos palmiteiros e, por isso, foi considerada prioritária para ser reintroduzida. Era uma solução possível, concreta e replicável para a conservação da espécie nas áreas naturais, ajudando no equilíbrio da fauna e dos ecossistemas e com grande potencial para gerar benefícios econômicos às comunidades.

Ainda em 2003 a equipe do Parque começou a reintroduzir a juçara na área. A ideia inicial foi comprar mudas de um produtor do Vale do Ribeira, sul de São Paulo, e elas foram plantadas por profissionais de uma empresa parceira, a Bioplan. Mas, além de ser uma alternativa cara, o transporte era difícil e várias plantas acabavam morrendo. Decidiu-se então comprar apenas os frutos e fazer no próprio Parque a chamada "despolpa" - aquecer os frutos para tirar as sementes da dormência e semeá-las. Até que a solução mais óbvia foi encontrada, como conta Guilherme: "Um dos monitores da época falou: 'Por



Pólen®: faz parte da linha de papéis não revestidos e é feito de fibra de eucalipto, compostos de celulose branqueada ou semi-branqueada. Com tonalidade diferenciada, o papel Pólen® reflete menos a luz, proporcionando mais prazer em ler.

Semelhante à badalada polpa de açaí, a da juçara também tem **muitas qualidades nutricionais** e pode ser utilizada de várias maneiras na gastronomia.

que a gente não coleta sementes em Taiapuêba? Ai perguntamos: 'Mas tem juçara em quantidade aqui?' 'Tem muita juçara em Taiapuêba, nos sítios por aí. É só bater na porta e pedir para coletar'. O problema era que, até aquele momento, o Ecofuturo ainda não havia desenvolvido ações para se aproximar efetivamente dos moradores do entorno e, portanto, provavelmente não seria tão fácil ter autorização para entrar nas propriedades e colher os frutos.

A equipe começou então a estruturar o Programa de Manejo Comunitário da Palmeira-juçara vinculado ao "guarda-chuva" do Programa de Manejo de Produtos Florestais. No início foi muito difícil, havia uma grande desconfiança. Foi preciso um insistente trabalho de convencimento para que os proprietários, afinal, concordassem em participar do projeto. Juliana Coutinho, monitora que foi uma das líderes desse processo, lembra: "A gente foi conversar com cada proprietário,



demonstrava nosso interesse genuíno pela história dele, sentava, tomava um café... Com isso, fomos criando um relacionamento de confiança".

Entre 2006 e 2007 foi realizado extenso levantamento das propriedades particulares do entorno do Parque das Neblinas que possuíam exemplares adultos da palmeira para a eventual coleta de sementes. Em 2008 o programa teve início oficial, com o envolvimento direto de mais de 30 proprietários da região. Começaram a ser realizadas oficinas abertas à comunidade, inicialmente com o objetivo de nivelar o conhecimento dos proprietários participantes em relação à Mata Atlântica e à palmeira-juçara. Mas, gradativamente, as oficinas se tornaram estratégia para a construção coletiva do programa, o que fez com que os proprietários locais se tornassem parceiros na valorização da floresta em pé e na busca de alternativas para aliar desenvolvimento econômico e conservação ambiental.

Exemplo disso foi o aproveitamento do fruto da juçara, ideia lançada durante uma oficina, quando um pesquisador da ESALQ fez a pergunta que mudaria tudo: "O que vocês fazem com a polpa?". A resposta era que não era feito nada, o interesse era apenas



pela semente para o plantio. "Ah, mas vocês estão perdendo o ouro", ele disse.

Semelhante à badalada polpa de açaí, a da juçara também tem muitas qualidades nutricionais e pode ser utilizada de várias maneiras na gastronomia. Foi feito então um acordo com o pesquisador, que levava os frutos para a ESALQ para fazer a despulpa, retornando com as sementes para plantio e também a polpa para consumo. A equipe responsável pelas refeições no Parque foi estimulada a criar receitas utilizando a polpa de juçara e também de outras espécies, como o cambuci, e chegou a receitas saborosíssimas. Em 2016 mais de quatro toneladas de frutos e polpa de juçara já eram comercializadas pelos proprietários do entorno do Parque das Neblinas. Ao final de 2017, mais de sete milhões de sementes haviam sido dispersas pela área, a maioria germinando e crescendo de forma bem satisfatória, reconstituindo a população natural de juçaras.

A ideia do manejo de produtos florestais também seria favorecida pela incorporação, no ano de 2012, de outro conjunto de fazendas pertencente à Suzano: a Pedra Branca, a Pedro Thiago e as áreas da Sertão dos Freires sobrepostas ao Parque Estadual Serra do Mar. Em um só movimento, a área gerida pelo Ecofuturo iria dos 2.788 para 6.010 hectares. Em especial, o conjunto representado pela Pedra Branca e Pedro Thiago agregaria ao Parque das Neblinas cerca de 500 hectares de plantios de eucalipto manejados comercialmente pela Suzano até o ano de 2010. Além disso, as estruturas administrativas (escritório, alojamento, oficina e casas de apoio) utilizadas pelo Ecofuturo na gestão do Parque se localizam na Pedra Branca e seria adequado que, formalmente, o Instituto assumisse a gestão deste território.

A possibilidade de manejo dos 500 hectares de eucalipto se alinhava à estratégia pensada pelo Ecofuturo: gerar receita por meio do manejo madeireiro e servir



como área para teste de novas metodologias de manejo ambientalmente mais brandas. Além disso, a ideia de intensificar a operação florestal permitiria que o Parque incorporasse de forma mais intensa a sua vocação de unidade de conservação de uso sustentável.

Outro desafio interessante seria lançado com a nova situação: em determinados períodos, a operação madeireira estaria exposta aos olhares dos visitantes do Parque e isso traria a oportunidade de boas discussões entre estes visitantes e os monitores, abordando a necessidade da produção de madeira para suprir a sociedade com bens que ela necessita, consumo consciente, importância do setor florestal para o País e a responsabilidade de se produzir madeira de acordo com técnicas de mínimo impacto ambiental. Este também seria um bom tema para estimular a conversa sobre o rigor técnico como a Suzano trata suas extensas áreas com plantios de eucalipto.



UMA MÃOZINHA À NATUREZA: MANEJO FLORESTAL NO PARQUE DAS NEBLINAS

O Plano de Manejo do Parque das Neblinas indicou, entre outros aspectos, condições favoráveis para as atividades de restauração natural - ou seja, a possibilidade de regeneração da mata sem grandes intervenções, por conta de muitos fragmentos da mata nativa nas proximidades e suas características naturais, como umidade e bom trânsito de fauna. Com isso, bastava uma "mãozinha" para reintroduzir espécies que estavam praticamente extintas, como a palmeira-juçara e o cambuci.

A palmeira-juçara, em especial, exerce um papel que vai muito além do aspecto paisagístico. Nativa da Mata Atlântica, a espécie ocorre do Rio Grande do Sul até o sul da Bahia.

Também é conhecida como Jiçara, Içara ou então Ripeira porque seu caule costumava ser usado pelos caiçaras para fazer ripas e caibros para construção. No entanto, a característica mais importante da juçara é o papel importante que representa na dinâmica florestal. Seus frutos são uma rica fonte de alimento para cerca de 80 espécies da fauna, como tucanos, sabiás, serelepes, pacas, jacus e macucos. E eles ocorrem justamente na época em que a oferta de alimentos na floresta é mais escassa.

O problema é que o palmito da juçara se tornou muito cobiçado na gastronomia e, para obtê-lo, é preciso matar a palmeira. Em geral, isso ocorre de forma ilegal em áreas protegidas, antes mesmo da árvore dar seus primeiros frutos, o que compromete a regeneração natural da espécie.

A ideia do Programa de Manejo Comunitário foi, assim, além de promover a reintrodução da palmeira no ambiente, atuar junto aos proprietários de sítios e chácaras do entorno, no sentido de recolher sementes para dispersão e estimular o manejo em bases sustentáveis da polpa, demonstrando que, economicamente, isso pode ser mais interessante do que a extração e o comércio do palmito.

Até 2017, o plano envolveu a semeadura de mais de sete milhões de sementes da palmeira-juçara e a realização de 27 Oficinas de Manejo Comunitário, com mais de 900 participantes no total.



“Em 2007 procurávamos um fornecedor de alimentação na região que pudesse atender os visitantes do Parque. Identificamos atores locais para esse trabalho logo após a descoberta das potencialidades de uso da polpa da juçara na alimentação. A partir daí desenvolvemos um trabalho para utilizar o ingrediente no programa de visitação.”

MICHELE MARTINS

Bióloga, moradora de Taiacupeba e responsável pelos programas de visita o, relacionamento comunitário e educa o socioambiental no Parque das Neblinas.

DOCES SABORES: NATURAL DA MATA



Um bom exemplo do envolvimento da comunidade com os projetos do Ecofuturo foi a criação da Natural da Mata, empresa responsável pelos serviços de alimentação dentro do Parque das Neblinas. Durante as oficinas do Programa de Manejo, foram identificadas duas pessoas da região com vocação culinária que costumavam preparar quitutes para as festas comunitárias. Eram Vanda Alves e Olinta Esposito.



No entanto, contratá-las era uma tarefa complicada porque elas eram trabalhadoras informais. A equipe do Ecofuturo, então, deu todo o apoio para a criação de uma microempresa chamada Sabor da Capela. A partir daí, elas responderiam por todos os serviços de alimentação no Parque - café da manhã, almoço, café da tarde, além do suporte aos eventos lá realizados.

Também receberam a missão especial de resgatar pratos tradicionais e desenvolver receitas usando espécies naturais da região, como o cambuci e a juçara. Para tanto, tiveram uma ajuda de peso: ninguém menos do que o Chef Alex Atala. Amigo dos Feffer, Alex foi convidado a conhecer o Parque das Neblinas e fazer uma surpresa para as cozinheiras. Foi pedido a elas uma refeição especial para uma visita importante, mas não disseram de quem se tratava. No dia da visita, Vanda e Olinta levaram um susto enorme e ficaram emocionadas. O Chef não estava em "missão oficial", a ideia não era que ele cozinhasse ou ensinasse receitas. No entanto, como ele é reconhecido pelo uso de matérias-primas brasileiras, foi um encontro de troca de experiências e ele, generosamente, deu muitas informações sobre como dar um toque especial aos pratos e aproveitar as frutas da região para criar receitas. No final, ainda convidou a equipe para um pequeno treinamento em seus restaurantes.

Mais adiante, Olinta deixou a sociedade. Vanda, então, se uniu às duas filhas e mudou o nome da empresa para Natural da Mata. Hoje, além de alimentar visitantes, funcionários e pesquisadores, elas têm a missão especial (e deliciosa): sensibilizar por meio dos sabores da Mata Atlântica, estreitando a relação das pessoas com a floresta.



"Não importa se você está trabalhando com cambuci ou com juçara, o que eu aprendi é valorizar o que a natureza oferece, e isso mudou muito a minha vida."

VANDA ALVES

Proprietária da Natural da Mata





O CAMBUCCI



Fruta nativa da Mata Atlântica, o cambuci já era consumido pelos indígenas e tropeiros, que teriam desenvolvido a tradicional cachaça curtida com cambuci. Originalmente, podia ser encontrado ao longo de toda a Serra do Mar Paulista, e chegou a ser símbolo da capital, onde existe até um bairro chamado Cambuci. Até que fosse redescoberto por muitos produtores, que desenvolveram vários tipos de bebidas e pratos usando o cambuci, ele esteve ameaçado de extinção.



“A gente viu uma oportunidade muito grande de trabalhar o tema conservação da Mata Atlântica com as crianças, de proporcionar a elas uma experiência rica de integração, de trabalhar bem essa questão do indivíduo dentro da criança. Acreditamos que estamos plantando uma semente para um olhar mais encantado para a floresta. Eu não posso cuidar de algo que eu não conheço. E eu posso conhecer e não fazer a menor diferença. Mas eu realmente vou querer cuidar de algo que eu amo.

Por isso, a gente descobriu que tínhamos que trabalhar com o coração das pessoas, com o amor das pessoas.”

JULIANA COUTINHO,

Bióloga e monitora no Parque das Neblinas

VIVÊNCIA E EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL

Logo depois da inauguração do Parque, em 2004, começaram a chegar os primeiros visitantes e então os monitores tiveram a certeza de que a ideia original de ecoturismo de aventura como inicialmente cogitado não se aplicava, era preciso estruturar um programa de educação socioambiental e de visita-ção mais voltado à sensibilização das pessoas.

Em busca de referências, o Ecofuturo fez uma parceria com o Instituto Romã, que levou diversos grupos ao Parque das Neblinas para participar das chamadas Vivências na Natureza, a partir de um conceito desenvolvido pelo educador Joseph Cornell, que propõe um olhar diferente sobre o ecoturismo para que as pessoas se conectem de fato com o meio ambiente.



Juliana Coutinho, bióloga e monitora do Parque das Neblinas, acabou participando de um curso no Instituto Romã, onde teve contato com o conceito e foi possível incluir essa programação com uma das atividades oferecidas. A partir dessa ideia básica, os monitores do Parque foram encontrando soluções próprias. Um exemplo foi usar o momento de tomar o café da manhã para criar vínculos com os visitantes e levá-los a “entrar no clima” do local. Como conta Michele - “quando o grupo que não contratava o café chegava era tudo muito frio, muito vazio, era até difícil para o monitor estabelecer essa relação de confiança, entender o que a pessoa queria fazer, para onde queria ir e atender suas expectativas. A gente percebeu então que o café era um elemento fundamental, integrador, ajuda a fazer a reconexão das relações. As pessoas tomam o café juntas e

dizem ‘esse fogão a lenha lembra minha avó’... Você traz questões pessoais que são fundamentais para a gente começar uma atividade. Até para ter esse tempo, o tempo no Parque é outro”.

Assim, cerca de 18 quilômetros de trilhas foram preparados para caminhadas monitoradas, além de organizadas atividades de vivências com a natureza e observação de orquídeas e outras espécies e ainda canoagem, valendo-se dos trechos mais tranquilos do rio Itatinga para um contato muito íntimo com a natureza. Desse contato também se reiterou a conexão indissociável das pautas do Ecofuturo – a inclusão na cultura escrita e a preservação e restauração de ambientes naturais.

Como diz Christine Fontelles, “Há uma frase atribuída a Victor Hugo que diz – ‘há quem passe pela floresta e só veja lenha para a fogueira’. Ou seja, deve haver a percepção de que a interdependência entre homem e natureza – portanto das relações de cuidado necessárias – dependem da educação, mas também da proficiência leitora e escritora”.

Michele e Juliana decidiram então construir juntas um programa que levasse em conta todo o potencial do Parque. “Fomos amadurecendo e percebendo que nos dois pilares do Ecofuturo estávamos falando de **difundir conhecimento** e o Parque das Neblinas podia ser um grande ‘espaço-escola’, onde se experimenta tudo: relação com comunidade, atividades, pesquisas. Nesse sentido, o Ler é Preciso podia se aproximar muito das ações do Parque, podíamos colaborar para ter pessoas cada vez mais críticas, leitoras, trabalhando a questão do cuidado com a natureza”, considera Michele.

O Programa de Educação Socioambiental teve início em 2010. A exemplo do que havia acontecido em relação ao Programa de Manejo Comunitário, a ideia principal foi envolver diretamente toda a comunidade escolar - diretores, coordenadores e professores.

Para tanto, foi firmada parceria com a Prefeitura de Mogi das Cruzes para o atendimento de alunos da rede municipal de ensino. No ano seguinte, o Programa foi reformulado, apresentando para as escolas o potencial das relações entre educação e ambiente natural. Em 2017 foi denominado Programa Meu Ambiente.

Em sete anos, foram envolvidos mais de 110 educadores, entre professores e coordenadores, e aproximadamente quatro mil alunos de cerca de 40 escolas públicas da região de Mogi das Cruzes.

“As atividades em áreas naturais têm suscitado muitas reflexões que, a partir da experiência, levam-me a explorar e a compreender campos cada vez mais sutis e delicados. Visitas sensíveis e reflexivas são completamente diferentes das visitas técnicas ou científicas aos espaços naturais, mas podem ser planejadas de forma que uma complemente a outra. As vivências consideram o visitante por inteiro, acolhe suas percepções e sentimentos e busca orientá-lo de forma a perceber aspectos muito sutis da mata. Já as visitas científicas priorizam as informações sobre aquilo que já se descobriu sobre a natureza, seja o saber científico seja o das culturas tradicionais. Nessas últimas, os visitantes ocupam uma postura menos ativa, podendo se encantar com o conhecimento que lhes é transmitido. Se planejadas de forma que uma complemente a outra, podem oferecer uma experiência fascinante aos participantes. O importante é que haja encantamento, seja pela natureza em si, seja pelo conhecimento sobre ela que o educador compartilha com seu grupo. O encantamento é fundamental para formar os alicerces de qualquer conhecimento.”

RITA MENDONÇA,

Bióloga e socióloga. Atividades em áreas naturais [livro eletrônico] / Rita Mendonça. 2. ed. São Paulo: Ecofuturo, 2017. Disponível para download no site www.ecofuturo.org.br



O Programa Meu Ambiente contempla três fases principais. Na primeira, é realizado um encontro com os educadores, que são estimulados a **refletir sobre os temas e estratégias** de ensino e aprendizagem no ambiente escolar e no ambiente natural. Ou seja, são convidados a ver **a floresta como um espaço educador**, identificando suas diversas **oportunidades** de sinergias com o currículo escolar. O educador também é orientado a desenvolver atividades com a temática ambiental, de modo a despertar o interesse do aluno sobre os temas que serão abordados durante a visita.

A Fase 2 é representada pela visita ao Parque das Neblinas propriamente dita, quando todos são convidados a **vivenciar o ambiente natural** e a explorar seus sentidos. As atividades, conduzidas pelos monitores, são programadas conforme perfil e faixa etária do grupo, em todos os detalhes – até mesmo a alimentação oferecida está alinhada ao conceito do programa, com pratos mais naturais e que **valorizam ingredientes nativos da Mata Atlântica**, como cambuci e juçara. Também faz parte dessa fase um conjunto de atividades pós-vivência, quando os educadores têm a oportunidade de **difundir o conhecimento adquirido** com todo o ambiente escolar.

Na terceira e última fase, é realizado um encontro de encerramento com os educadores, que são convidados a fazer um balanço de todas as atividades, para aprimorar o Programa e compartilhar **experiências, percepções e iniciativas**.



/// Expressão da vivência no Parque das Neblinas por criança participante do Programa Meu Ambiente. ///



É preciso voltar algumas décadas para falar sobre o Parque das Neblinas.

Quando menina, acompanhando meu pai em pescarias que me pareciam verdadeiras aventuras pelos rios Itapanhau e Jaguareguava, me pegava olhando para aquela muralha de serra, que abrigava em seu topo, um enorme platô.

Dentro de minha inocência criativa de criança, imaginava que acima daquelas montanhas havia um reino plano, um jardim verde, cheio de plantas e mistérios. Um mundo livre e totalmente inacessível aos homens comuns.

Passados quase 50 anos dessa teoria, vejo que minha intuição infantil estava correta: o reino existe, é verde como em meus pensamentos, repleto de plantas exóticas e é, por obra de homens incomuns, livre. Assim, viver o Parque das Neblinas, em minha alma adulta, é viver meus sonhos antigos elaborados naquele mesmo rio que ainda corre feito serpente aos seus pés.

Difícil saber por onde começar a aventura no Parque das Neblinas... Se pelos bolinhos deliciosos de Dona Vanda, se pelas dependências aconchegantes da sede, se pela atenção e entusiasmo dos guias, se pelas trilhas maravilhosas que se emaranham pela Mata Atlântica. Melhor mesmo é começar por tudo isso junto!

O Parque das Neblinas é uma jornada completa: um bom café da manhã e estamos prontos para a saída. É bem verdade que as delícias servidas acabam por atrasar os passeios. Os guias precisam insistentemente lembrar aos trilheiros que é hora de partir. Pães quentinhos enfiados clandestinamente nos bolsos e o grupo se reúne para as instruções.

Em frente ao mapa da parede, ouvimos com atenção a explicação do guia sobre o bioma a ser explorado, sobre o rio que corta o Parque, sobre fauna e flora que iremos encontrar. Aos poucos, vamos entrando no clima da mata e de seus moradores.

O caminho é fascinante. Árvores centenárias, samambaias, bromélias, trepadeiras, orquídeas...O andar se torna solto, com ritmos distintos, de acordo com cada olhar. Aos poucos e de forma natural, o silêncio começa a se impor. É a fórmula universal de conexão com a natureza.

Ouve-se nesta hora os pássaros. Para nós, trilheiros do dia, pássaro é pássaro. Para os guias e seus ouvidos apurados, trata-se de um pica-pau de cabeça amarela, um araçari-banana, um tiê-sangue, uma saíra sete-cores e por aí afora. Todos belos e solenes em seus cantos únicos.

A trilha segue o rumo do mar. A ansiedade aumenta à medida que a mata fechada vai sendo deixada para trás e as aberturas por entre as árvores indicam que a o abismo atlântico está perto. O passo acelera.

Chegamos às margens do Parque das Neblinas, em seu limite com o despenhadeiro. O cenário deslumbrante silencia até a respiração mais ofegante. Todos contemplam e, em silêncio, agradecem. Lá do alto, vejo o rio dos meus anos de criança. Emoção e alegria. Encanto e, finalmente, a sensação de alívio: sim, o reino verde existe, resguardado e cuidadosamente protegido por homens pouco comuns, alinhados em ações de preservação e dignidade. Alinhados com um futuro ecológico que, por direito, a todos pertence. E que, por ideal e missão, é liderado no Parque das Neblinas pelo Ecofuturo.

MONICA SCHALKA



A person wearing a hat and a backpack is walking away from the camera on a narrow suspension bridge made of wooden planks. The bridge is surrounded by a dense, lush green forest with many trees and vines. The lighting is bright, suggesting a sunny day. The overall scene conveys a sense of nature and adventure.

“Em um mundo
cada dia mais
conectado e
interdependente,
o nosso lar é o
mundo inteiro.”

MANIFESTO ECOFUTURO



No mesmo ano em que foi criado o Reservas Ecofuturo, o Grupo Suzano fez um grande movimento de expansão de seus negócios. Entre essas ações, incorporou a FuturaGene, laboratório que atua no desenvolvimento genético de plantas para a indústria de produtos florestais, área que tem potencial para interagir com o Ecofuturo.

Além disso, nesse mesmo ano, a Suzano Papel e Celulose tornou-se a primeira empresa do setor de papel e celulose do mundo a quantificar a Pegada de Carbono de seus produtos, com base na metodologia PAS 2050, e a primeira a receber a certificação Carbon Reduction Label, concedido pela Carbon Trust.

RESERVAS DE CONHECIMENTO

De fato, a gradativa formação do que hoje se compreende como Parque das Neblinas foi trama elaborada a muitos fios. A oportunidade da implantação de uma unidade de conservação nos idos da década de 90 resultou em desafios de variadas ordens, construção de relacionamentos, arranjos comunitários, cobranças por resultados, oscilações orçamentárias, projetos frustrados, muitos “causos” divertidos e um incrível processo de restauração florestal e humana. Trata-se, de forma metafórica e prática, de muitas trilhas percorridas. Enfim, uma intensa experiência acumulada ao longo de anos de operação.

A equipe do Ecofuturo começou a cogitar a possibilidade de sistematização desta expertise e a imaginar o quanto isso poderia ser valioso para proprietários que desejavam colocar em prática a criação de uma área de reserva e para as pessoas envolvidas com

o desafio de melhoria dos processos de gestão de unidades de conservação já existentes.

Desta ideia nasceu em 2010 o programa Reservas Ecofuturo, como uma assessoria técnica para proprietários ou gestores de reservas florestais, mas também como uma forma de disseminar o conhecimento adquirido ao longo dos anos. Como o Instituto é uma organização sem fins lucrativos, os recursos obtidos com a atividade seriam revertidos diretamente para os projetos desenvolvidos no âmbito do Parque das Neblinas, realimentando o ciclo da geração, organização e difusão do conhecimento.

“O Ecofuturo faz a coordenação técnico-executiva para as fases de diagnóstico das áreas de reserva e implantação das ações de campo”, explica Raquel Coutinho, responsável pelo programa Reservas Ecofuturo. “Trabalhamos em rede com parceiros para a elaboração dos diagnósticos, planos de manejo e execução dos trabalhos de campo. Ao

Ecofuturo, além do envolvimento da própria equipe e mobilização dos parceiros, também cabe a coordenação geral de cada projeto”.

Este é um desafio e tanto, considerando que o Brasil ainda possui inestimável patrimônio natural. Além disso, parece se configurar como tendência a necessidade de aprimorar a gestão destas áreas, diagnosticando fragilidades e oportunidades, adotando estratégias realistas e factíveis para a valorização dos atributos de conservação e sempre adotando metodologias de planejamento participativo e a integração das comunidades locais.

Some-se a isso os compromissos assumidos pelo País anunciados na 21ª Conferência do Clima, a COP 21, realizada pela ONU em Paris, entre os quais a demanda de restaurar 12 milhões de hectares. Se cumprido, esse compromisso agregará um importante conjunto florestal no território brasileiro. O Parque das Neblinas e conseqüentemente o Reservas Ecofuturo detém considerável experiência em restauração natural e manejo e poderá oferecer contribuição para o cumprimento desta meta.

Em menos de uma década o Reservas acumulou considerável histórico de projetos desenvolvidos, atendendo parceiros como Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes, Arauco, Sesc, Instituto Brookfield, Valmet Corporation, Alden, Biosev e a própria Suzano. Como lembra Raquel: “Algumas instituições que nos contrataram desejavam um diagnóstico das suas áreas de reserva, com o objetivo de desenvolver estratégias de gestão, Outras, necessitavam elaborar ou revisar planos de manejo das suas unidades de conservação. A experiência do Ecofuturo na gestão do Parque das Neblinas, uma área onde um grande conjunto de ações se desenvolve, foi fator decisivo para a nossa contratação”.

O programa Reservas Ecofuturo foi a **iniciativa em destaque** que classificou a Suzano como quinta empresa na categoria Gestão entre as 50 Empresas do Bem, escolhidas pela revista *Isto É Dinheiro* em 2013. A revista descreve o Parque das Neblinas como um **“laboratório vivo para ações de reflorestamento** de matas nativas e da melhoria de eficiência da gestão de ativos florestais”.



“A primeira impressão que se tem do Parque das Neblinas é a sua beleza natural. A segunda é o que é feito no Parque, o projeto de educação ambiental e as pesquisas sobre fauna, flora, recursos hídricos, restauração... Muito do que é realizado lá pode ser compartilhado com a sociedade: é informação, conhecimento. Por isso, gosto de frisar que a função do Parque não é gerar renda, seu legado é gerar conhecimento para todos.

Na Suzano, sempre buscamos alternativas para ser cada vez mais eficientes na relação manejo florestal x ambiente x sociedade. O Parque das Neblinas pode gerar muito conhecimento sobre a gestão de áreas naturais e recursos hídricos, e podemos replicar essas experiências bem-sucedidas em outros locais com situação similar. Ou seja, o Ecofuturo pode – e deve – cada vez mais desenvolver trabalhos que potencialmente possam ser replicados pela Suzano.”

ALEXANDRE DI CIERO

Gerente Executivo de Gestão da Sustentabilidade da Suzano Papel e Celulose



MODELO INSPIRADOR: O TRABALHO DO RESERVAS ECOFUTURO

Ao longo dos primeiros sete anos de existência do Programa Reservas Ecofuturo foram desenvolvidos mais de dez projetos, que tiveram como foco mais de um milhão de hectares de áreas pertencentes a oito diferentes clientes.

Um dos projetos de destaque foi o Plano de Manejo da Reserva Natural Sesc, em Bertioga (SP), concluído em 2016. Um trabalho desafiador, por se tratar de apenas 50 hectares inseridos na área urbana e que, aparentemente, não tinha muita relevância para a conservação do bioma.

A criação da reserva, no entanto, sugeria o quanto o Sesc desejava ampliar suas ações socioambientais no município, de modo que o Plano de Manejo teria que ir muito além das recomendações técnicas comuns nesse tipo de trabalho. Por isso, o Ecofuturo realizou uma análise participativa que, além de ser tecnicamente aprofundada se mostrou plenamente aplicável. Para a gestão da Reserva Natural Sesc em Bertioga, representada pela conservação de um remanescente da floresta alta de restinga, também foi apontada a necessidade de intensificar a conexão com outros fragmentos e Unidades de Conservação regionais, de modo a conectar os fragmentos remanescentes na região.

A elaboração do Plano de Manejo do Sesc também teve como diferencial a grande participação da comunidade científica e da população do entorno. Em 2017, essa pequena reserva já expressava seu grande potencial, influenciando fortemente as estratégias de conservação do município.

REVISÃO ESTRATÉGICA

Em 2016, alguns anos depois da criação do Reservas e da elaboração de vários planos de manejo para outras instituições, a equipe do Ecofuturo entendeu que havia chegado o momento de revisar o próprio plano do Parque das Neblinas. O grande desafio era sintetizar o conhecimento acumulado ao longo dos anos de operação e revelar indicadores claros, capazes de orientar os gestores da unidade. O plano também deveria ser um documento “vivo”, no sentido do seu constante aperfeiçoamento.

O trabalho de revisão envolveu 13 consultores e promoveu diversas oficinas com a participação dos especialistas, equipe interna, parceiros de operação,

comunidade do entorno e instituições da sociedade civil organizada, como a Sociedade Ambiental Amigos de Taiaçupeba (SAT), o Grupo de Apoio ao Desenvolvimento Social Solidário (GADESS), Grupo Curupira e escolas públicas de Taiaçupeba.

Ao final do ano, foi concluído o diagnóstico que, entre outras importantes considerações, apontou a grande relevância de estudos científicos desenvolvidos na área desde 2002. A consultoria Seleção Natural realizou um inventário completo das pesquisas já desenvolvidas no Parque, identificando espécies mapeadas e lacunas de conhecimento. Foram analisados 58 estudos e elencados os parceiros para promoção e intercâmbio de conhecimento, entre eles a Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo, as prefeituras de Mogi das Cruzes e Bertioga, as ONG's TNC (The Nature Conservancy) e WWF Brasil, as instituições de ensino Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) e Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Botucatu, além do Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais (IPEF).

O levantamento também evidenciou algumas curiosidades, como a descoberta, em 2004, de uma nova espécie identificada no Parque, o “sapinho-da-barriga-colorida”, ou *Paratelmatoebius yepiranga*. Além disso, havia sido estudado o “lambarizinho” (*Coptobrycon bilineatus*), um peixe ameaçado de extinção que não era observado havia décadas no Brasil, mas registrado no rio Itatinga.

Outro destaque do inventário foram as pesquisas referentes aos temas restauração florestal e conservação da biodiversidade. Por se tratar de uma área antes destinada à atividade de silvicultura, o Parque das Neblinas demonstrou ser importante campo de análise para o entendimento de processos de restauração florestal.

O avançar do processo de restauração da vegetação nativa, associado ao aprendizado adquirido com as pesquisas científicas e processo de visitação, acabaram por estabelecer forte alteração no zoneamento proposto no plano de manejo elaborado em 2004. Agora, o diagnóstico aponta para a definição de apenas quatro zonas: Zona de Uso Público, Zona de Manejo Florestal, Zona Silvestre e Zona de Recuperação.

Por fim, o diagnóstico revelou preocupante vetor de pressão, caracterizado pela ocupação desordenada no entorno do Parque, condição que deverá ser trabalhada por meio de fiscalização, adoção de políticas públicas adequadas e programas de educação socioambiental.

Um dos mais importantes pontos considerados na nova versão do plano foi a necessidade de intensificar as atividades de visitação. Como resultado, ainda em 2016 era implantado o sistema de trilhas autoguiadas e, no início do ano seguinte, foram inauguradas uma nova trilha de bike, de 10 quilômetros, e uma área de camping. A trilha percorre antigas estradas de terra às margens do rio Itatinga e dá acesso a cachoeiras e corredeiras próprias para banho. A área de camping, por sua vez, foi planejada para ser um espaço de conexão com a natureza e educação socioambiental.

O Parque das Neblinas segue revelando sua importância estratégica para a conservação da Serra do Mar, ao mesmo tempo em que vem promovendo constantes adaptações em sua gestão em função da experiência adquirida, avanço do conhecimento científico e mudanças impostas ao cenário regional. 🌱

“O Instituto Ecofuturo poderia não ter nenhum incentivo a pesquisas e trabalhar apenas para a conservação da Mata Atlântica. Mas fazer e apoiar estudos são compromissos diferenciados, que devem ser reconhecidos.

É raro encontrar reservas particulares que tenham sido inventariadas tão intensamente para propósitos de conservação, desvinculados de processos de licenciamento ambiental, como aconteceu no Parque das Neblinas.”

RODRIGO ALMEIDA NOBRE

Fundador da Seleção Natural, consultoria ambiental.



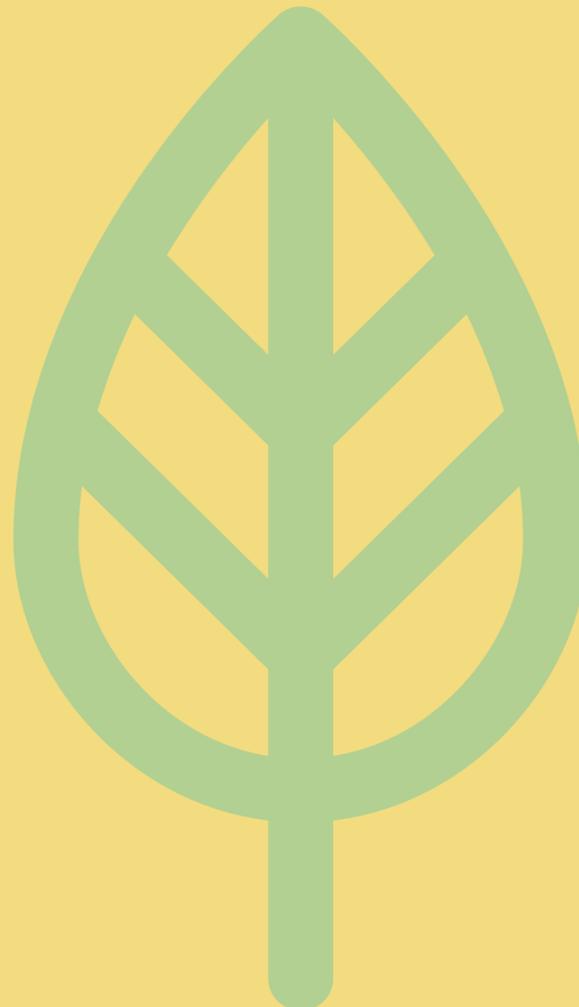
DIVERSIDADE NO PARQUE DAS NEBLINAS



No inventário sobre as pesquisas realizadas no **Parque das Neblinas** foram analisados **58 estudos** que identificaram **1.253 espécies** de fauna e flora. Este número representa um incremento de **24%** da riqueza de biodiversidade conhecida pela equipe do Parque e entre as mais representativas estão o **muriqui**, a **onça-parda**, a **anta** e o **veado**.

Entre essas espécies, **23** apresentam algum grau de **ameaça de extinção**. Mas, pelo menos no Parque, estão **protegidas**.

Até 2017 foram identificadas no Parque das Neblinas:



531

ESPÉCIES DE FLORA



244

ESPÉCIES DE AVIFAUNA



159

ESPÉCIES DE FORMIGAS



92

ESPÉCIES DE ARANHAS



74

ESPÉCIES DE ANFÍBIOS E RÉPTEIS



35

ESPÉCIES DE MAMÍFEROS DE GRANDE E MÉDIO PORTE



35

ESPÉCIES DE BORBOLETAS



28

ESPÉCIES DE BESOUROS



18

ESPÉCIES DE MORCEGOS



16

ESPÉCIES DE PEIXES



16

ESPÉCIES DE ABELHAS



5

ESPÉCIES DE CRUSTÁCIOS





UM PASSEIO PELO PARQUE DAS NEBLINAS

Com seis mil hectares, o Parque das Neblinas fica nos municípios de Mogi das Cruzes e Bertioga, em São Paulo, e tem importante papel na conservação dos recursos naturais da Serra do Mar paulista. O Parque conserva a bacia do rio Itatinga e promove pesquisa científica, manejo florestal, educação socioambiental, proteção da biodiversidade, restauração da Mata Atlântica e visitação.

Faça uma visita virtual para conhecer um pouco desse lugar tão especial (veja as instruções que acompanham o óculos).



"Com o Instituto Ecofuturo, a Suzano confirma sua certeza de que o caminho possível para

**A CONSTRUÇÃO DO PAÍS QUE DESEJAMOS
É UMA QUESTÃO DE ATITUDE**

de obras, de gestos individuais e de projetos de responsabilidade empresarial."

“A ideia que se generalizou de que o brasileiro não gosta de ler não é verdadeira. O brasileiro gosta sim de ler e o que falta, frequentemente, é que o livro esteja acessível. Em todos os nossos processos de implantação de Bibliotecas Comunitárias, por mais remotos que tenham sido, sempre encontramos alguma iniciativa prévia de promoção de leitura na comunidade. Já vimos de quase tudo, desde livros na praça, rodas de leitura, “bike-livros”, “jegue-livros”, e por aí vai! Todos os projetos que desenvolvemos para promover a leitura desde a criação do Instituto tiveram grande receptividade e mobilização.”

MARCELA PORTO

Superintendente do Instituto Ecofuturo

De acordo com índice INAF 2015 (Indicador de Alfabetismo Funcional), desenvolvido pelo Instituto Paulo Montenegro em parceria com a ONG Ação Educativa, apenas 8% dos brasileiros alfabetizados entre 15 e 64 anos têm habilidade para compreender e interpretar textos em situações usuais ou para resolver problemas envolvendo múltiplas etapas, operações e informações. Isso mesmo: 8%.

Embora esse dado não existisse à época do nascimento do Ecofuturo, era evidente o déficit histórico. Portanto, desde as primeiras reflexões para a criação do Instituto esteve presente a convicção de que para caminhar na direção da sustentabilidade era preciso **consolidar as bases de uma educação de qualidade para todos**. Afinal, a consciência sobre a necessidade e urgência de rever padrões de consumo e relação entre homem e natureza, resultado de muita dedicação de pesquisa e interação com conhecimentos diversos, ocorreu exatamente em países que haviam conquistado este padrão de educação e altos índices de proficiência de leitura e escrita.

Como considera Christine Fontelles: “A leitura é transversal na educação, mas por alguma razão que a razão desconhece, neste País a gente desconecta leitura e escrita de educação. E não reconhecemos a leitura literária como a potência que tem para a construção de humanidade, para a constituição da razão sensível, para promover sinapses criativas e a capacidade de lidar com temas abstratos, para a construção de um pensamento mais inovador e mais criativo. O domínio da palavra é fundamental para o autoconhecimento e autodesenvolvimento, para o acesso aos saberes, à produção científica e à solução de desafios sociais e ambientais por meio do diálogo, da geração de inovação e da cooperação entre as pessoas e as instituições”.

Por isso, o Ler é Preciso tornou-se um guarda-chuva, com vários programas e ações integrados a partir do projeto inicial, que foi a biblioteca aberta à comunidade. O Concurso de Redação, iniciado em 1999, foi realizado em âmbito nacional ao longo de dez anos, com participação de escolas públicas e privadas. Tinha por objetivo promover leituras significativas, em especial a literária, estimular a troca de ideias em sala de aula e a produção da escrita criativa e autoral, além de buscar saber, de fonte direta, o que pensava e queria a atual geração de brasileiros com relação aos cuidados com a vida.



/// Christine Fontelles, idealizadora do Instituto Ecofuturo. ///

“Percebemos que havia muitos professores que se inscreviam, mas não participavam do concurso porque eles queriam mesmo os materiais que produzíamos. Eles acabavam criando coisas maravilhosas dentro da comunidade com esse material. Há cases incríveis: fizeram discussões no estilo ONU, reuniram a comunidade para discutir a questão da água, fizeram concursos internos de redação nas escolas utilizando o livro como base.”

PALMIRA PETROCELLI

Analista de conteúdo do Ecofuturo entre 2007 e 2015

Para cada uma das sete edições do projeto, cuidadoso material de referência foi produzido e distribuído aos professores de escolas públicas e particulares, ONGs e bibliotecas de todo o País. Ao final, publicações interativas reuniam os textos selecionados e os vencedores eram conhecidos e celebrados num grande evento em São Paulo. Até hoje, essas publicações e as redações selecionadas são consideradas muito relevantes e, por isso, permanecem disponíveis de forma gratuita na biblioteca virtual do Ecofuturo (www.ecofuturo.org.br).

Os Concursos eram viabilizados por meio do patrocínio da Suzano e outras empresas, utilizando recursos da Lei Rouanet. A descontinuidade ocorreu devido à constatação de que havia cumprido sua função, uma vez que foram surgindo projetos com a mesma finalidade, como o programa Olimpíadas da Língua Portuguesa, realizado pelo Ministério da Educação.

Situação similar ocorreu com o Prêmio Ecofuturo de Educação para a Sustentabilidade. A iniciativa era dirigida a professores e educadores sociais de todos os níveis da educação, que eram estimulados a compartilhar, por escrito, ideias sobre como promover entre seus alunos o aprendizado sobre sustentabilidade. A ideia nasceu a partir de uma pesquisa realizada com 2,5 mil professores, que indicou o grande interesse desses profissionais pelas publicações de referência produzidas pelo Ecofuturo para apoiar o Concurso

de Redação. O processo que envolvia a participação no Prêmio era realizado via internet, no site do projeto, incluindo inscrição, envio dos textos e o acesso às publicações de referência. Os autores das 10 melhores propostas recebiam uma quantia em dinheiro, livros, certificado e o livro físico com os premiados. Essas publicações também estão disponíveis na biblioteca virtual do Instituto.

Tanto o Concurso como o Prêmio colocaram o Ecofuturo em evidência junto aos stakeholders relacionados à área de educação, principalmente entre os professores, devido à relevância e qualidade da proposta e materiais desenvolvidos, que seguem sendo utilizados.

No entanto, devido à decisão da equipe do Ecofuturo de centrar esforços no projeto Biblioteca Comunitária levou à descontinuidade do Prêmio. Além disso, apesar de constituírem recurso estratégico para a educação de qualidade e acesso à cultura, estava ausente das agendas de políticas públicas e do investimento social privado.

Os primeiros Concursos de Redação eram denominados “Tirando de Letra” e a partir da quinta edição, em 2005, quando ganhou dimensão nacional, passaram a ser chamados “Concurso Cultural Ler e Escrever é Preciso”. Os temas sempre foram relacionados a valores humanistas, cidadania e meio ambiente:

1999

“FAZENDO MÁGICA COM AS PALAVRAS” INSPIRADO EM CASTELO RÁ-TIM-BUM, O FILME

2000

“UMA CARTA PARA O BRASIL DO SÉCULO 21”

2001

“A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE”

2003

“ENTRANDO NOS SÍTIOS DE MONTEIRO LOBATO”

2005

“NA PISTA DE AYRTON SENNA: A CONQUISTA DE UM SONHO”

2007

“O MELHOR LUGAR DO MUNDO”, TENDO COMO INSPIRAÇÃO AS METAS DO MILÊNIO

2011

“VAMOS CUIDAR DA VIDA”



Alguns cartazes de edições do Concurso



“Esse é o Ecofuturo:
uma organização que
busca nas relações
da natureza a sua
inspiração.”

MANIFESTO ECOFUTURO



SEMEANDO BIBLIOTECAS

Se as duas primeiras Bibliotecas Comunitárias Ler é Preciso tinham sido implantadas ainda antes da criação do Ecofuturo, o formato foi sendo aperfeiçoado a partir das experiências acumuladas pelas equipes do Instituto.

Inicialmente, as bibliotecas foram implantadas em associações comunitárias, centros culturais, escolas ou, ainda, o programa podia focar a revitalização de uma biblioteca pública preexistente. Esse modelo atendia ao fato da Suzano incorporar a implantação de bibliotecas como uma política de responsabilidade social junto às comunidades que viviam no entorno de suas atividades florestais. Assim, as primeiras 20 bibliotecas foram implantadas pelo Ecofuturo em áreas rurais dos estados de São Paulo, Bahia e Maranhão.

Mas essas experiências revelaram a necessidade de reforçar a responsabilidade do poder público para garantir a sustentabilidade da iniciativa. Em 2003, assim, foi decidido focar a implantação das bibliotecas prioritariamente em escolas públicas, embora não excluísse a possibilidade de utilizar outros locais e colocasse como condicionante que ficassem abertas à comunidade. A principal vantagem era ampliar a garantia de que, uma vez constituindo-se como equipamentos da escola, as bibliotecas seriam mantidas com recursos públicos destinados à educação.

Além disso, a implantação das bibliotecas em escolas contribuía para a qualidade da educação, inserindo-se no cotidiano de alunos e professores e cooperando para intensificar e qualificar o uso de livros de literatura distribuídos pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), universalizado em 2008.

A ideia foi imediatamente endossada pela FNLIJ. Até porque "era muito comum encontrar estes livros escondidos e não utilizados por falta de intimidade do professor com a literatura e porque não tinham biblioteca e se tinham estava sendo usada como depósito", lembra Christine. Para testá-la, após vários estudos, Pernambuco foi escolhido como área piloto em 2004. Os dez municípios do estado com menor IDH, maior exclusão digital e índices de violência, receberiam novas bibliotecas ou teriam bibliotecas públicas revitalizadas, num total de 12, a partir de convênios assinados entre o governo estadual e as prefeituras que acolheram o projeto.

Essa foi primeira vez que o Ecofuturo atuou em parceria direta com o poder público na formulação de uma política mais abrangente de incentivo à leitura. A partir da experiência, o processo de articulação intersetorial foi aprimorado, reforçando a importância e evidenciando a força de ação cooperada entre a iniciativa privada e os governos para viabilizar políticas públicas de leitura e biblioteca em escolas. Esse seria o embrião da ação de advocacy que o Ecofuturo viria a lançar em 2012 com a campanha Eu Quero Minha Biblioteca, pela universalização de bibliotecas em escolas.

O foco no poder público demonstrou ser um avanço significativo. "As prefeituras passaram a ceder o espaço e assumiram a manutenção da biblioteca - água, luz, material de escritório, reformas, além da contratação de dois funcionários formados nos cursos oferecidos pelo projeto", considera Vanessa de Jesus Espíndola, responsável pelo projeto Biblioteca Comunitária.

"Depois que o patrocinador decide investir no projeto, o próximo passo é conversar com a prefeitura para verificar se ela aceita. Se aceitar e assinar o Acordo de Cooperação, então começamos a implantar de fato. Não dizemos que é apenas uma implantação de biblioteca porque, se fosse isso, era só colocar as estantes e os livros no caminhão e acabou.

Acho um equívoco esta afirmação, seja porque desqualifica a biblioteca em si, seja porque o que Ecofuturo faz é exatamente implantar uma biblioteca – mas não uma biblioteca qualquer, mas sim com acervo de qualidade e formação adequada para gestão e promoção de leitura, com a contrapartida do poder público. E busca-se a melhor acuidade possível para que a gestão pública faça corretamente a sua parte, e isso é contribuir com política pública.

A ideia é apoiar a gestão pública para que se crie e qualifique política pública de biblioteca no município e trabalhar com as políticas públicas já existentes na cidade.

Há também uma etapa de mobilização comunitária, porque quem vai manter as características da biblioteca e dizer o que quer é a comunidade. A comunidade é quem fiscaliza e monitora, que vê se aquela biblioteca está funcionando adequadamente, se fechou..."

DANIELE JUAÇABA

Responsável pelo projeto Biblioteca Comunitária Ecofuturo de 2009 a 2018



“Percebemos que dávamos muita responsabilidade para a comunidade que recebia a biblioteca. Eles tinham que escrever edital, que se estruturar como pessoa jurídica e muitas não tinham condições de fazer isso... Então, concluímos que não era esse o caminho para sustentabilidade das bibliotecas.

Na verdade, a responsabilidade pela biblioteca tinha que ser do poder público, da prefeitura, e isso trouxe uma série de mudanças. Antes tínhamos o conselho gestor, que era formado por pessoas da comunidade, mas a cada vez que mudava a gestão pública, o comprometimento diminuía e a biblioteca ficava como um “abacaxi” para aquela comunidade. Isso foi um marco importante da mudança.”

VANESSA DE JESUS ESPÍNDOLA,

Responsável pelo projeto Biblioteca Comunitária Ecofuturo



REFERÊNCIAS E INDICADORES

Conhecer as melhores estratégias e recursos para a implantação de bibliotecas sempre foi uma prerrogativa do Ecofuturo. A experiência de articulação intersectorial – iniciativa privada, poder público e comunidade – demonstrou ser um pilar de fortaleza, juntamente com o escopo do projeto de biblioteca desenvolvido com a FNLIJ, que pressupõe formações, acervo de qualidade e cuidados com a infraestrutura. Faltava, ainda, conhecer os indicadores de sustentabilidade e o impacto da biblioteca nas comunidades, dados que seriam de extrema relevância não apenas para o Ecofuturo, mas para todos que advogam e trabalham por política pública de leitura e biblioteca como um eixo estratégico da educação de qualidade e democratização de acesso ao conhecimento.

Assim, em 2007 começou a ser realizada a Pesquisa Indicadores de Sustentabilidade e Impacto, sob a coordenação do professor Ricardo Paes de Barros, à época ligado ao Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (IPEA) e depois economista-chefe do Instituto Ayrton Senna e professor do Insper. Considerando que a sustentabilidade de um projeto é sua capacidade de continuar existindo ao longo do tempo sem perda de qualidade, o objetivo do trabalho foi obter análise qualificada sobre potencialidades, fragilidades e resultados sistematizados da iniciativa a fim de balizar seu aprimoramento, bem como o investimento social privado e público em biblioteca. Foram realizadas pesquisas de campo em bibliotecas implantadas pelo Ecofuturo e dados secundários divulgados pelo MEC/INEP.

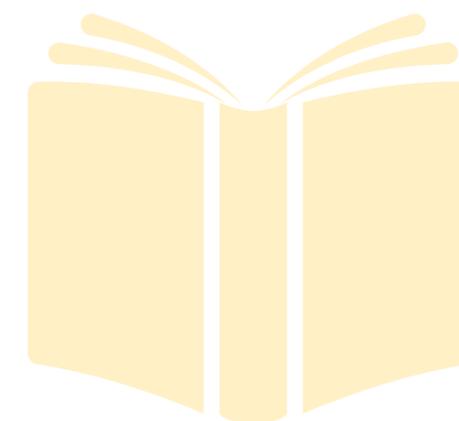
Considerando que uma boa biblioteca deve oferecer ambiente acolhedor e funcional, acervo diversificado, de qualidade e atualizado, e atender com atenção os usuários, a coleta de dados considerou seis aspectos fundamentais: infraestrutura, acessibilidade,



equipamentos e materiais, acervo, atividades e recursos humanos. Das 70 bibliotecas implantadas até 2007, foram visitadas 55, em cinco estados – Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro. Foram analisadas as condições de operação das unidades e o impacto promovido pela biblioteca no desempenho escolar. Também foram entrevistados representantes do poder público local, da empresa patrocinadora e membros do conselho gestor da biblioteca.

Os resultados da pesquisa foram publicados em 2010. Indicaram que, considerando as diversidades regionais das localidades onde estão instaladas e a condição de biblioteca comunitária, o maior diferencial do projeto foi conseguir que essas bibliotecas continuassem em funcionamento, mesmo depois de vários anos da sua instalação.

A pesquisa também apontou a importância dos recursos humanos para a sustentabilidade dessas bibliotecas, bem como das ações de incentivo e promoção da leitura.



Em paralelo à Pesquisa Indicadores de Sustentabilidade e Impacto, o Ecofuturo patrocinou um estudo comparativo de desempenho entre escolas no entorno das **Bibliotecas Comunitárias Ecofuturo** e as demais escolas dos municípios em que elas se encontram.

A pesquisa apontou que, entre 2000 e 2005, **a taxa de evasão escolar** em instituições públicas de ensino próximas das Bibliotecas **diminuiu** três pontos percentuais a mais do que em escolas mais distantes das Bibliotecas Comunitárias. Isso significa que, na época, o programa **potencializou em 46%** o progresso natural desse índice nas regiões de influência do projeto.

Com relação às taxas de **aprovação escolar**, os números foram ainda mais expressivos: escolas no entorno das Bibliotecas do projeto registraram uma elevação de 6,1 pontos percentuais, o que elevou em **156% o progresso** natural que essas instituições de ensino teriam se não tivessem sido beneficiadas pelo projeto.



Para o Ecofuturo ficou evidente que os eixos estratégicos do projeto Biblioteca Comunitária deveriam ser aperfeiçoados e mantidos: articulação intersetorial com contrapartida efetiva do poder público para a garantia da sustentabilidade, envolvimento da comunidade em todo o processo, oferta de cursos de formação e o cuidado com a seleção do acervo e infraestrutura.

A pesquisa ainda reiterou a importância do modelo de parceria público-privada diante da publicação da Lei 12.244/10, que determinou que, em dez anos - a contar de sua publicação em 2010 -, toda instituição de ensino, pública ou particular, deve necessariamente ter uma biblioteca.

A partir de então, foram sistematizadas detalhadamente todas as etapas que envolvem a implantação das Bibliotecas Comunitárias Ecofuturo. São 15 passos, que partem da pesquisa e mapeamento do município selecionado para a implantação da biblioteca, articulação com poder público e definição do Acordo de Cooperação, com as atribuições de cada

Em 2017, um novo estudo realizado confirmou o **impacto positivo** do projeto Biblioteca Comunitária Ecofuturo sobre o **desempenho escolar**. Os municípios que receberam o projeto, entre 2005 e 2015, apresentaram

melhores taxas de aprovação no Ensino Fundamental I e II – elevação de 3.4% e 4.2%, respectivamente – em comparação com cidades de mesmo porte que não possuem bibliotecas do projeto.

No EF II, também foi constatado um **efeito significativo do projeto** sobre a proficiência em leitura, matemática e, consequentemente, sobre o **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)**, com melhora de 7.8%. Verificou-se ainda uma relação positiva entre a presença das bibliotecas e uma **maior participação das famílias** na vida escolar dos estudantes. Para saber mais sobre o estudo, acesse ecofuturo.org.br.

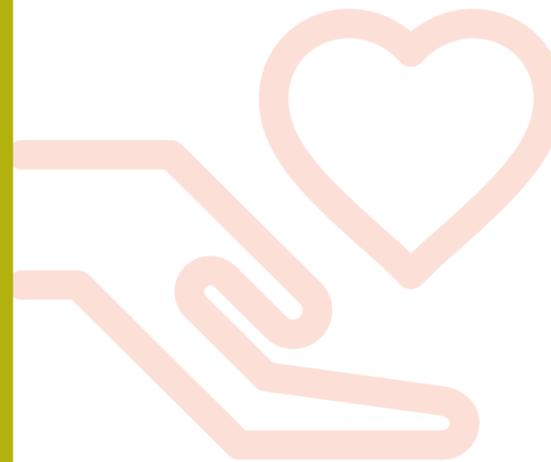
parte envolvida, até o monitoramento pós inauguração. Entre todas essas etapas, uma das que se revestiu da maior importância foi a inclusão de Oficina de Gestão e Sustentabilidade, que é direcionada aos funcionários públicos de carreira (preferencialmente aqueles com poder de decisão sobre alocação de recursos e implementação de políticas públicas) para garantir a perenidade da biblioteca. Isso porque os participantes são orientados sobre os mecanismos oficiais para acessar e utilizar recursos públicos que assegurem a manutenção e melhorias contínuas da biblioteca, entendida como política pública do município e do estado, bem como a importância de captar recursos da iniciativa privada.

Outra etapa fundamental são os cursos sobre Promoção de Leitura e Gestão de Biblioteca e a Oficina de Meio Ambiente, oferecidos gratuitamente e que têm o objetivo de formar educadores, professores e moradores da comunidade nesses temas, para que atuem dentro e fora das bibliotecas.



ETAPAS DO PROJETO

Biblioteca Comunitária Ecofuturo



EU QUERO MAIS!

As ações do Ecofuturo estão sempre conectadas à ideia da construção de redes de cooperação local, com base no compartilhamento de informação e intercâmbio de experiências, de modo a viabilizar políticas públicas de leitura, literatura e biblioteca. Graças a essa estratégia foi construído importante legado de referências para a prática de advocacy a partir do âmbito municipal, estendendo-se à esfera nacional.

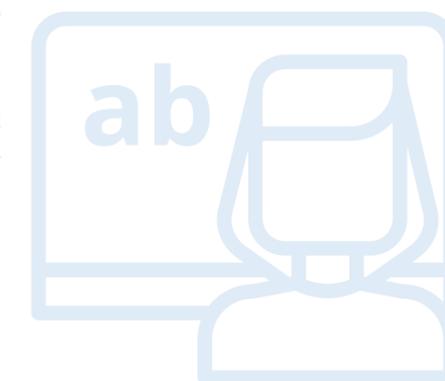
Exemplo desse trabalho desenvolvido pelo Ecofuturo foi a realização da Primavera Ler É Preciso, em parceria com a educadora Maria Betânia Ferreira, em 2006. A ideia era incluir no calendário nacional um dia de mobilização e leituras públicas. O evento recebeu o apoio da Secretaria de Educação de São Paulo. No ano seguinte, um grupo de organizações promoveu o simpósio Ave, Palavra na Assembleia Legislativa de São Paulo, em defesa da criação do Dia Estadual da Leitura, que seria oficializado em 2008, com a promulgação da Lei n.º 12.876, instituindo a data no estado de São Paulo em 12 de outubro, quando tradicionalmente se celebra no Brasil o Dia da Criança. Em 2009, por meio de uma articulação do Ecofuturo e da Suzano com o Congresso Nacional, a data entrou para o calendário nacional pela Lei 11.899, também com o objetivo de evidenciar a estreita conexão entre infância e leitura literária. Estava, então, oficializado o **Dia Nacional da Leitura**.

RECONHECIMENTO E ESTÍMULO

Como resultado do redesenho do projeto de implantação de bibliotecas comunitárias foi implementado, ainda em 2009, o Prêmio Ecofuturo de Bibliotecas. Como o nome sugere, a ideia é identificar, reconhecer e premiar iniciativas desenvolvidas nas Bibliotecas Comunitárias Ecofuturo que colaboram de forma sistemática, competente e criativa para a promoção da leitura literária e para o planejamento e divulgação dos serviços de atendimento. O objetivo é educar pelo exemplo e possibilitar intercâmbio e reconhecimento.

Os projetos vencedores são selecionados por um júri formado por profissionais do Ecofuturo e especialistas nas áreas de educação, leitura e biblioteconomia. Esses profissionais avaliam o planejamento de atividades de promoção de leitura e sua execução ao longo do ano, o acervo selecionado, a articulação e o atendimento a diversos públicos.

Nos anos seguintes, o Ecofuturo desenvolveu várias ações no dia 12 de outubro, em parceria com organizações governamentais e não governamentais. Mais de três milhões de pessoas foram impactadas e a articulação intersetorial resultou em eventos de leitura em 70 cidades de dez estados brasileiros. O trabalho envolveu organizações como a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, o Ministério da Cultura, o Ministério do Desenvolvimento Social, a Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI), a Associação Nacional de Jornais (ANJ), o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), o Instituto C&A, a Fundação Vitor Civita, a Biblioteca do Estado de São Paulo, o grupo Bibliotecários Sem Fronteiras, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), a Alfamol, além dos movimentos Todos pela Educação, Aliança pela Infância e Movimento Brasil Literário.





/// Cartaz da Campanha Eu Quero Minha Biblioteca. ///

Em 2012, o Instituto identificou a pertinência de ampliar o escopo de atuação em prol de cooperação por políticas de leitura, literatura e bibliotecas a partir do know how constituído em mais de uma década de atuação. Foram três linhas de ação implementadas ao mesmo tempo: avaliação de impacto, interlocução intersetorial, estudos e construção de redes de parceria. Dessa iniciativa, o Ecofuturo concebeu e liderou o lançamento da campanha **Eu Quero Minha Biblioteca**, baseada numa coalizão que reuniu mais nove organizações atuantes nessas áreas: Academia Brasileira de Letras, Conselho Federal de Biblioteconomia, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Instituto Ayrton Senna, Instituto C&A, Instituto Co-Responsabilidade de Educação (ICE), Movimento Brasil Literário, Rede Marista de Solidariedade e Todos pela Educação.

O termo **advocacy** tem origem na palavra **advocare**, do latim, que significa **ajudar alguém que está em necessidade**.

Em inglês, deriva do verbo to advocate que, na tradução literal para o português – advogar - acabou trazendo uma conotação muito jurídica, embora nem sempre o advocacy possua esse foco.

O advocacy é muito mais **relacionado à defesa e argumentação em favor de uma causa** e à reivindicação de **direitos** que tem por objetivo influenciar a formulação e implementação de **políticas públicas** específicas.

Ações de advocacy envolvem, por exemplo, **expor** problemas ou **necessidades sociais**, promover pesquisas e propor soluções, realizar pressão junto às autoridades.



A Campanha leva à sociedade informações relevantes sobre a importância de existir boas bibliotecas nas escolas e como participar da iniciativa, acessadas por meio de site e redes sociais. Fala sobre sua estreita conexão com o atingimento de várias metas do Plano Nacional de Educação (PNE), num esforço de vincular um tema ao outro: formação leitora e educação de qualidade.

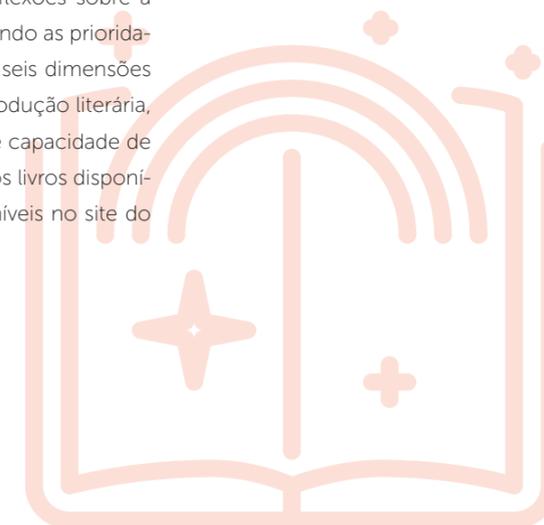
O site www.euquerominhabiblioteca.org.br traz orientações passo a passo sobre ações que podem ser realizadas pelas comunidades para interagir com as escolas e o poder público em prol da causa. Já para gestores públicos foi desenvolvido um guia sobre como implantar e manter bibliotecas com recursos públicos, informando sobre as fontes de recursos existentes para a educação que podem ser acessadas para a implantação de bibliotecas em escolas, inclusive alertando para a importância de incluir no orçamento do município os investimentos com sua criação e manutenção. Há, ainda, uma agenda de relações governamentais, envolvendo audiências com parlamentares que têm uma atuação em prol da educação, cujo objetivo é falar sobre a importância das bibliotecas nas escolas e tratar sobre fundos para viabilizá-las.

Também em 2012 o Ecofuturo participou ativamente da criação do **Grupo de Trabalho Leitura e Escrita de Qualidade para Todos**, no âmbito do Grupo de Institutos e Fundações Empresariais (Gife). A partir de 2015 o Grupo foi integrado às Redes Temáticas do Gife.

Em 2013, com a mesma finalidade de refletir e identificar prioridades estratégicas e convergências de atuação, o Ecofuturo reuniu organizações e pesquisadores num encontro em Brasília, onde apresentou



o compêndio *Leituras em Números*, que concentra pesquisas nacionais e internacionais sobre hábitos de leitura e bibliotecas no Brasil. Desse encontro resultou extenso documento intitulado "Leitura e escrita de qualidade para todos: Reflexões sobre a promoção da leitura no Brasil", contendo as prioridades identificadas pelo grupo para as seis dimensões abordadas: importância da leitura, produção literária, indústria do livro, bibliotecas, gosto e capacidade de leitura e maior e melhor utilização dos livros disponíveis. Todas publicações estão disponíveis no site do Instituto Ecofuturo. 📖





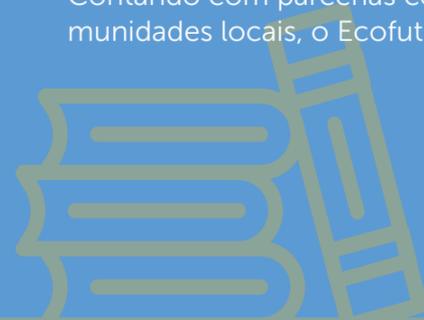
BIBLIOTECAS: BASE PARA A EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

As duas primeiras bibliotecas Ler é Preciso foram implantadas em 1999. Desde então o projeto ampliou sua cobertura. Em 2004 já eram 25, em seis estados. Ao longo do tempo, a iniciativa ganhou a adesão de importantes patrocinadores, como a AkzoNobel, Avon, CPFL, CSN, Deca, Duratex, FCA, Holcim, Instituto Jatobás, JHSF, Oi Futuro, Philips, Politeo, RGE, Telefônica, Vale, Valmet Corporation e Videolar, além da própria Suzano. São empresas que compartilham com o Ecofuturo a convicção de que a leitura é transversal na educação do ser humano, seu desenvolvimento intelectual e sensível, seja para dar conta das demandas escolares, seja para atender aspirações pessoais, humanas, cidadãs e desafios relacionados à sustentabilidade.

Hoje são mais de 100 Bibliotecas Comunitárias Ecofuturo em 12 estados, todas interligadas. A seleção da escola que receberá a biblioteca, atualmente, é feita depois de um diagnóstico e visita técnica realizados pela equipe do Ecofuturo, privilegiando locais que não possuem ou possuem pouco acesso a equipamentos culturais. Participam de sua escolha representantes do poder público e da iniciativa privada.

Esta decisão é tomada pelo Ecofuturo em parceria com o poder público e tem a ver com a realidade brasileira, onde em muitos locais, mesmo em grandes metrópoles, a escola é o único equipamento público que permite acesso gratuito à educação e cultura.

Contando com parcerias com o poder público, com a iniciativa privada e comunidades locais, o Ecofuturo atingiu números relevantes. Confira:



Entre 1999 e 2017 foram implantadas **109** bibliotecas, em **12** estados, e revitalizadas **13** Bibliotecas. Para 2018, está prevista a implantação de mais oito.

Das mais de **100** bibliotecas implantadas, **60** foram patrocinadas pela Suzano e as demais contaram com o apoio de outros **18** patrocinadores.

130 mil livros já foram entregues para o acervo inicial das Bibliotecas Comunitárias, com especial enfoque para literatura.

Por ano, **642 mil** usuários são atendidos pelas Bibliotecas Ecofuturo.

O Prêmio Ecofuturo de Bibliotecas já contemplou **25** Bibliotecas e cerca de **139 mil** pessoas foram envolvidas.

Foram mobilizados mais de **2 mil** gestores públicos para o projeto Biblioteca Comunitária, sendo que **260** foram capacitadas nas Oficinas de Gestão e Sustentabilidade.

A Campanha Eu Quero Minha Biblioteca atingiu **300 mil** pessoas, que foram informadas pela internet sobre a Lei 12.244.

Já os cursos de Auxiliar de Biblioteca e Promoção de Leitura formaram cerca de **4 mil** pessoas, entre professores, membros da comunidade e do poder público local.

O projeto Biblioteca Comunitária Ecofuturo tem parceria com cerca de **100** municípios, além da FUNAP e Rede Temática Leitura e Escrita de Qualidade para Todos, do GIFE.

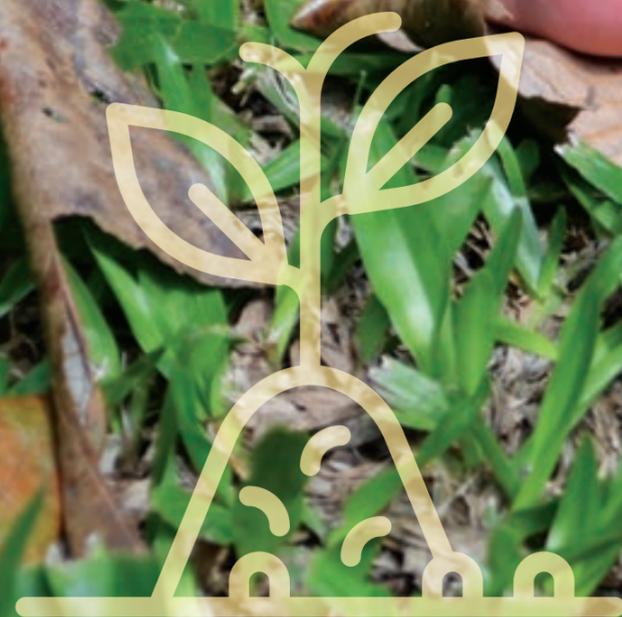
O compêndio Coalizão para a Sustentabilidade das Bibliotecas, produzido pelo Ecofuturo, foi entregue a mais de **400** instituições.



BIBLIOTECA: LUGAR ONDE TUDO É POSSÍVEL!

A leitura desperta a imaginação e a criatividade, tornando as pessoas mais sensíveis e inovadoras. Os livros permitem sonhar, são a porta de entrada para o conhecimento e abrem espaço para um mundo novo.





"O Instituto Ecofuturo será o atestado público do nosso compromisso em empreender esforços para

**CONSTRUIR UM HOJE MELHOR
E UM AMANHÃ MELHOR AINDA."**

“Seguimos mantendo os pressupostos impressos na origem do Ecofuturo, de que a plena proficiência em leitura é a chave para que a atual geração desenvolva pensamentos e habilidades necessárias para fazer frente aos gigantescos desafios socioambientais dos tempos que vivemos. Por isso, aperfeiçoamos e mantemos em ação o projeto Biblioteca Comunitária e optamos por focar os aprendizados inerentes e decorrentes do projeto implementado no Parque das Neblinas, que tem valiosas lições a oferecer para recompor um dos biomas mais significativos do planeta, além de ampliar nossa consciência sobre integração homem e natureza, sobre como aprender a viver sem comprometer a ponto de exaurir nossos recursos naturais.”

CHRISTINE FONTELLES

Idealizadora do Ecofuturo e Diretora de Educação e Cultura do Instituto até 2014

Em 2014, o Ecofuturo completou 15 anos de existência. Como tudo nesse milênio, parece que o tempo correu mais rápido do que o relógio, ainda mais quando olhamos para trás e vemos tudo o que aconteceu em tão pouco tempo.

Para demarcar a passagem da data, foi realizado um estudo de branding que reviu posicionamento e propósito do Ecofuturo, culminando com a alteração de sua identidade visual e logomarca. Também foi lançado um novo portal, numa plataforma interativa e multimídia, onde foram disponibilizados todos os conteúdos e materiais de referência desenvolvidos pelo Instituto ao longo do tempo, como vídeo-oficinas, podcasts, publicações e pesquisas nacionais e internacionais sobre os temas educação e meio ambiente.

Na área social e educacional o Ecofuturo transmite um legado valioso e impactos expressivos, principalmente sistematizar um modelo de implantação e gestão de bibliotecas comunitárias totalmente alinhado à realidade brasileira. Sem dúvida alguma, benchmark para qualquer iniciativa do gênero.

O Instituto também reiterou sua posição como referência na agenda da sustentabilidade, com seu extenso repertório na área de conservação, agregando conhecimento ao que herdou da própria Suzano e do DNA da família Feffer. Além disso, diferencia-se por ser muito mais do que uma organização teórica, uma vez que dispõe de um campo de provas, de execução de teorias de restauração florestal, manejo, educação socioambiental e tudo o mais. Isso, ao lado da maior cidade do País.

Porém, mesmo com perfeita integração das atividades desenvolvidas pelo Ecofuturo, ainda existia alguma dificuldade em evidenciá-las de forma pragmática. Como considera Marcela Porto, superintendente do Instituto desde 2012, “tínhamos duas áreas de atuação muito independentes – educação e meio ambiente. E eram projetos tão bons que voaram cada um para seu lado e nunca foram integrados. Quem era da área de meio ambiente conhecia o Ecofuturo pelo Parque das Neblinas, pela atuação no setor florestal. As ONGs da área educacional conheciam o Ecofuturo pelos projetos de estímulo à leitura e bibliotecas. Tínhamos equipes ensiladas e audiências divididas, e mesmo assim éramos referências em ambas as áreas de atuação. Imagine o que poderíamos fazer se consolidássemos todas as nossas fortalezas!”.

ecofuturo

“O Ecofuturo está completamente alinhado ao negócio da Suzano e aponta caminhos para viabilizar a continuidade das atividades da empresa no longo prazo. O mundo de hoje exige a sustentabilidade na estratégia dos negócios, exige empresas que tenham esse propósito maior além do seu próprio sucesso.

A Suzano tem como propósito Desbravar Cultivando a Vida, o que inclui os investimentos que fazemos em metodologias de restauração, nosso histórico de promoção da leitura e da natureza como espaço educador.”

MARCELA PORTO (foto)

Superintendente do Instituto Ecofuturo



Marcela faz parte da ala jovem do time que hoje está à frente do Ecofuturo. Formada em Relações Internacionais pela PUC de São Paulo, especialista em Gestão de Sustentabilidade pela FGV e em Comunicação pela Aberje-Syracuse University, começou a atuar na Suzano em 2008, liderando a área de Assuntos Corporativos da Suzano Holding, até que em 2012 se tornou superintendente do Ecofuturo. Em sua trajetória no Grupo, esteve à frente das Relações Institucionais, da Comunicação e da criação da área de Governança Familiar, responsável por zelar pela boa gestão das relações entre família e empresa, bem como pela formação da próxima geração de acionistas controladores da Suzano.

Em 2017, Marcela, além de manter-se à frente da Superintendência do Ecofuturo, assumiu a área de Comunicação Corporativa da Suzano Papel e Celulose, o que, de certa forma, expressa o caminho do Ecofuturo nos últimos anos, com a aproximação cada vez maior com sua mantenedora. Caminho que, em si, demonstra que os propósitos do Instituto têm se efetivado, na medida em que a empresa e ONG trabalham em sinergia, professando os mesmos valores, por mais que tenham objetivos diferentes.

HIPÓTESES E INSPIRAÇÕES

A convergência de valores entre Ecofuturo e Suzano se intensificou com o novo ciclo de alinhamento estratégico iniciado em 2014 sob a liderança de Marcela Porto e com o aconselhamento de Roberto Waack, que foi convidado a atuar como conselheiro da Superintendência. Biólogo com especialização na área de Administração, dono de um extenso currículo na área de sustentabilidade, Waack é sócio-fundador da Amata, empresa do setor florestal que atua em toda a cadeia da madeira de forma sustentável e certificada.

Por conta dessa trajetória, Waack desenvolveu uma rede de relacionamentos com organizações nacionais e internacionais da sociedade civil, entre elas, WWF Brasil, Global Reporting Initiative (GRI), Forest Stewardship Council (FSC), Ethos e Fundo Brasileiro para a Biodiversidade. Essa bagagem foi colocada a serviço do Ecofuturo, colaborando para uma redefinição estratégica que desse conta de integrar definitivamente os pilares ambiental e social.



“Um dos processos centrais desse compartilhar, dessa descompartmentalização, do reforço da interdependência, é a relação entre toda a agenda de conservação do meio ambiente com a agenda da educação, que são dois pilares importantes no Ecofuturo e que estavam lá, isolados. Incorporar a questão ambiental na educação é algo que já está ocorrendo, isso faz parte dos pilares da educação. E por outro lado, tem que haver um sistema onde a educação também interfere na agenda ambiental.”

ROBERTO WAACK

Conselheiro da Superintendência do Instituto Ecofuturo

A estratégia recebeu um nome curioso: H3. “Em 2015, nós fomos convidados a desenhar uma nova forma de mostrar esse Ecofuturo integrado e que, inclusive, fizesse mais sentido para a Suzano. Então, apresentamos três propostas, três hipóteses de estratégia que chamamos de H1, H2 e H3. E a H3 foi a adotada”, explica Paulo Groke.

O processo da H3 trouxe ao Ecofuturo um programa estratégico idealizado para promover mais eficiência, disciplina e foco, além de mais integração entre as áreas, perseguindo as sinergias entre os projetos. O principal pressuposto foi que o Parque das Neblinas deveria ser âncora e centro de excelência das ações do Ecofuturo. Ele contribui decisivamente para tornar tangível a visão do Instituto e o posicionamento da Suzano, na medida em que a integração do homem com a natureza exige um posicionamento consciente de cidadania, que só o domínio do conhecimento proporcionado pela prática da leitura pode oferecer.

“Ecofuturo:
consciência é a
nossa natureza.”

MANIFESTO ECOFUTURO



“A implementação da estratégia H3 foi importante para dar ainda mais foco à atuação do Ecofuturo.

A partir de uma estratégia bem definida, construída de forma colaborativa e compartilhada por todos do Instituto, torna-se mais fácil, por exemplo, a análise se uma nova proposta ou ação faz sentido ou não para a nossa atuação, além de potencializar a troca de conhecimento e ideias entre a equipe e a sinergia entre projetos e áreas distintas.

A H3 é também um importante instrumento de gestão, pois estabeleceu processos, encontros periódicos e facilitou o acompanhamento das principais ações que estão sendo desenvolvidas pelo Ecofuturo.”

PAULA DOURADO

Responsável pela Comunicação do Instituto Ecofuturo



No seu primeiro ano de implantação, a H3 se desdobrou em cinco dimensões: Educação e Vivência Socioambiental, Geração, organização e disseminação de conhecimento científico, Manejo Florestal e Serviços Ambientais, Conexão entre o Projeto Biblioteca Comunitária e o Programa de Educação Socioambiental e o Programa Reservas Ecofuturo.

Estruturalmente, a mudança mais significativa foi a redefinição do programa Reservas Ecofuturo. Embora ele tenha sido criado como uma assessoria com potencial de geração de receita, foi decidido que não mais deve ser feita a busca por clientes externos. O Reservas somente atenderá às demandas do Grupo Suzano, a menos que possa desenvolver projetos inovadores, que agreguem novas experiências ao próprio Instituto.

Nas demais dimensões, de um modo geral a H3 colaborou para tematizar e proporcionar mais direcionamento aos fundamentos que estavam dispersos. As conexões ficaram mais claras e foi mais fácil identificar os elementos que convergem para a chamada economia da restauração.

Na prática, um dos grandes diferenciais do processo H3 foi ter desenvolvido, mais do que um planejamento teórico, um novo processo de trabalho. Como explica Paula Dourado, que ingressou no Ecofuturo, em 2015, exatamente no início da implantação da H3, para atuar na área de Comunicação: “Por serem mensais, as reuniões da H3 são momentos de troca, em que um conhece o que o outro está fazendo. No dia a dia, não conseguimos parar e fazer esse intercâmbio, pelo menos não com tanta frequência. É uma espécie de prestação de contas sobre o que foi feito e sobre o andamento das ações, mas é principalmente um momento muito rico de troca entre as pessoas da equipe. Proporciona a todos uma visão geral de como o Ecofuturo está trabalhando e daí surgem as possíveis sinergias entre as ações”.



Desse convívio e intensa troca de ideias, em 2017 foi realizada uma grande revisão da H3. Se a proposta original foi definida pelos principais gestores do Instituto, Marcela e Paulo, juntamente com o Conselho, agora seria possível que toda a equipe participasse das discussões.

Com isso, as cinco dimensões foram reagrupadas em três, chamados “pilares estratégicos”: Educação e Vivência Sociambiental, Conhecimento, e Conservação e Restauração do meio ambiente. Na base desses pilares, plataformas representadas por áreas de suporte: Comunicação e Relacionamento Institucional, de um lado e, de outro, serviços administrativo-financeiros.

O novo desenho sugere importantes conquistas – o fato da dimensão Conexão entre o Projeto Biblioteca Comunitária e o Programa de Educação Socioambiental deixar de existir, por exemplo, foi pelo fato de não mais ser necessária, porque a maior integração entre as áreas estava acontecendo naturalmente.

Outra mudança importante ocorreu na área de Comunicação, que foi transformada em uma plataforma que permeia todos os pilares estratégicos, de modo a dar mais visibilidade às ações do Instituto



/// Marcela Porto e Paulo Groke. ///





“O Ecofuturo traz uma inspiração para todos nós, colaboradores da Suzano, sobre questões fundamentais na sociedade, que devem ser apoiadas e aplaudidas - meio ambiente e educação são questões fundamentais para nosso futuro como humanidade.

Acho muito importante que o Ecofuturo crie tecnologias e processos que vão ser precursores de muitas ações da própria Suzano. É um laboratório fundamental de novas políticas ambientais e educacionais, que levam a uma mudança cultural na empresa e na sociedade.”

WALTER SCHALKA

Diretor-Presidente da Suzano Papel e Celulose

Ecofuturo, ampliar a sinergia com a Suzano e agregar ainda mais valor à mantenedora, evidenciando como o Instituto Ecofuturo está alinhado à principal crença da Suzano.

Tendo a H3 como bússola, o Instituto Ecofuturo alcança sua maturidade e segue inovando. Os ventos estão a favor: um time jovem, engajado e com muita vontade de aprender e fazer; causas legítimas e importantes para o Brasil e o planeta; instrumentos modernos de gestão e, ainda, o total apoio da Suzano, que legou ao Ecofuturo o seu propósito de Desbravar Cultivando a Vida. 🏠



PROPÓSITO

DESBRAVAMOS CULTIVANDO A VIDA

CRENÇA

FORTE-E-GENTIL

VALORES

Plantar o cuidado

Colher o orgulho

Explorar a inovação

Ser melhor a cada dia

MANIFESTO

É inegável que o século XX foi marcante para a humanidade dada a velocidade das transformações.

É também verdade que cada época possui suas características, suas peculiaridades. E durante esse período foi no ritmo desses avanços que nossas vidas foram guiadas. Mas tantas conquistas também trouxeram novos desafios.

Em 1999, o Ecofuturo nasceu voltado para um novo tempo, acreditando ser importante apoiar a formação de cidadãos críticos capazes de interagir positivamente entre si e com o ambiente em que vivem.

Afinal, de que adiantam tantas conquistas se não soubermos fazê-las convergir em benefício de todos?

Para isso, a educação deve ser um processo contínuo e permanente.

Uma educação que reafirme que o homem e a natureza são indissociáveis, que nos habilite a sermos criativos, cuidadosos, conscientes de nossa responsabilidade com todas as formas de vida no planeta, pois são as pequenas ações individuais que nos levam a grandes mudanças sociais.

Porque ecologia é o estudo de nossa casa. A ciência voltada para a relação de cada um consigo mesmo, com o outro e com o todo. E, em um mundo cada dia mais conectado e interdependente, o nosso lar é o mundo inteiro.

Somos parte importante de uma grande história. Somos também a única espécie da Terra a evoluir a ponto de ter consciência. E é justamente por isso que temos uma grande responsabilidade.

É preciso estarmos conscientes disso, e usar essa razão de forma inteligente, em favor do mundo como um todo.

Essa é a nossa missão: semear um olhar de cuidado e responsável entre nossas ações e as formas de vida ao nosso redor.

Vivemos numa época privilegiada. Temos em nossas mãos valiosos recursos tecnológicos, a agilidade da comunicação e conhecimento acumulado que podem ser grandes potencializadores das mudanças necessárias.

Essa consciência está presente em cada reserva ecológica, cada publicação ou biblioteca que ajudamos a criar.

Esse é o Ecofuturo: uma organização que busca nas relações da natureza a sua inspiração. Essa é a consciência que queremos construir.

Porque ela desperta.

Inspira. Motiva. E conecta.

ECOFUTURO, CONSCIÊNCIA É A NOSSA NATUREZA

VALORES ECOFUTURO

- Semear leitura
- Promover conhecimento
- Conservar a natureza
- Cultivar relações





Ecofuturo: a vida que a gente quer

INSTITUTO ECOFUTURO

Presidente do Conselho Superior: David Feffer

Presidente do Conselho Diretor: Daniel Feffer

Conselheiro da Superintendência: Roberto Waack

Superintendente: Marcela Porto

Diretor de Sustentabilidade: Paulo Groke

Mantenedora: Suzano

ORGANIZAÇÃO

Instituto Ecofuturo

Supervisão: Marcela Porto e Paulo Groke

Coordenação geral: Paula Dourado

PRODUÇÃO

Memória & Identidade

Supervisão: Beth Totini

Coordenação geral e redação: Éliida Gagete

Suporte à pesquisa e entrevistas: Antonio Veiga

Centro de Documentação e Memória Suzano – Cultivamos

Desbravando Memórias

Coordenação de pesquisa ao acervo: Camille Cardoso

Suporte à pesquisa ao acervo: Lívia de Brito e Larissa Cabelo

ARTE

Venosa Design

Supervisão: Francesco Paolo Venosa

Projeto gráfico: Luciana Gobbo

Diagramação: Luciana Gobbo e Erika Tamashiro

APLICATIVO

Venosa Design

Desenvolvimento do aplicativo: Alan Evangelista e Rafael Fuzitani

Modelagem 3D, animações e ilustração: Mateus Augusto, Mateus

Bertolini e Erika Tamashiro

FICHA CATALOGRÁFICA

Rafaela Patente (CRB-2143)

FOTOS

Acervo CDM, Acervo Ecofuturo, Adventure Camp, Daniel Nunes,

Eliza Carneiro, Eudes Souza, Isamu Mitsueda, Jefferson Leite, Juliana

Coutinho, Kriz Knack, Lázaro Neto, Michael May, Monica Schalka, Paulo

Giandalia, Roberto Linsker, Ricardo Teles, Rubio Marra, Seleção Natural,

Sergio Zacchi e Tiago Paiva.



A produção deste livro teve como base o acervo do Centro de Documentação e Memória Suzano, além de entrevistas com a equipe do Instituto Ecofuturo e com alguns dos principais protagonistas da história da organização.

Agradecemos a todos pela participação!



VENOSN



E117

Ecofuturo: a vida que a gente quer / Élda Gagete. São Paulo: Ecofuturo, 2018.

156 p.: il, color.

Produzido por: Memória & Identidade e Venosa Design

ISBN: 978-85-60833-24-5

1. Meio Ambiente - Conservação. 2. Reservas naturais. 3. Bibliotecas. 4. Leitura - Incentivo. 5. Organizações não-governamentais - Brasil. 6. Indústria de Celulose. I. Gagete, Élda. II. Instituto Ecofuturo - Suzano. III. Título.

CDD 676



Este livro foi editado na cidade de São Paulo em 2018.

Impresso na IPSIS Gráfica e Editora em papéis Couché Suzano® Design Matte 150g, Reciclato® 150g e Pólen® Bold 90g.

Os tipos utilizados foram Museo Sans e Amatic.